

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS

AURINEIDE DE AGUIAR SILVA ARGEL

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA INFANTIL E A
REPRESENTAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO LIVRO ‘CAZUZA’ NO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

Imperatriz
2023

AURINEIDE DE AGUIAR SILVA ARGEL

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA INFANTIL E A
REPRESENTAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO LIVRO ‘CAZUZA’ NO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de
Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

AURINEIDE DE AGUIAR SILVA ARGEL

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA INFANTIL E A
REPRESENTAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO LIVRO ‘CAZUZA’ NO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de
Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador : Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: _____

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Membro Titular Externo _____

Prof^ª. Dr^ª. Regysane Botelho Cutrim Alves
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Membro Titular Interno _____

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cância
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Suplente Membro Titular Externo _____

Titulação
Instituição a qual pertence

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

De Aguiar Silva Arge, Aurineidel.

A produção de sentido sobre a cultura infantil e a representação professor/aluno no livro Cazuza no início do século XX / Aurineidel De Aguiar Silva Arge. - 2023.
134 p.

Orientador(a): Marcos Fabio Belo Matos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Análise do Discurso. 2. Cazuza. 3. Cultura infantil. 4. Saberes docentes. I. Belo Matos, Marcos Fabio. II. Título.

Dedico este trabalho a meus
filhos, esposo, mãe, ao meu
orientador e a todos que me
ajudaram durante essa
caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram com a elaboração deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida, fonte primeira de todas as realizações.

Em especial, agradeço aos meus familiares que, além de colaborarem comigo, souberam entender os momentos de ausência durante os estudos e pesquisas.

Em particular, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos, pela orientação e toda ajuda com a disponibilização de material para a escrita da dissertação e paciência durante essa jornada.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão e à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas pela acolhida durante o período de estudos.

Agradeço aos professores pelos ensinamentos.

Aos colegas, pelo companheirismo durante a longa jornada.

Agradeço aos meus familiares que me apoiaram durante todo esse meu percurso de estudo.

Agradeço, em especial, aos meus filhos, Hugo Eduardo e José Hudson, meu esposo Emanuel Gonalth e minha mãe Josefa por toda ajuda e paciência com a minha ausência durante o período do Mestrado e por toda contribuição que eles têm na minha vida, pois são a razão de toda a minha dedicação e esforço.

Agradeço a minha amiga, Eliane Oliveira Barros (em memória), por sempre me incentivar durante todo esse processo de estudo, nunca permitindo que eu pensasse em desistir.

Agradeço aos meus cachorros, Florzinha (em memória), Tohar (em memória) Key, Ash, Rosinha, Scooby, Bryan, Tulipa, Péta, Bam Bam e Florzinha Neta, pois os seus carinhos e atenção foram um grande incentivo, nunca me deixando cochilar durante a realização da dissertação.

Agradeço as minhas irmãs, Arlete, Arlene, Lusimeire e Auricelia, pois o quinteto unido forma um braço muito forte, cada uma com as suas qualidades.

Agradeço aos meus sobrinhos, Gabriela, Izaque, David Elizabeth Reis e Camila.

Agradeço aos meus primos, Escolástico, Christiane e Rita de Cássia.

Agradeço as minhas tias Vitoria, Cristina e ao meu Tio Raimundo Nonato (em memória).

Agradeço a minha Vó Maria (em memória), que foi uma pessoa muito especial para a minha vida.

Agradeço ao meu pai, Milton de Jesus Sales Silva (em memória), pela preocupação com meus estudos durante o seu tempo em vida, tenho certeza de que, se ele estivesse aqui hoje, estaria muito feliz com mais essa vitória.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção”.
(PAULO FREIRE, 1996)

RESUMO

Aurineide de Aguiar Silva Argel

A Produção de Sentidos Sobre a Cultura Infantil e a Representação Professor/Aluno no

Livro ‘Cazuza’ no Início do Século XX

Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnológicas Na Educação

O livro ‘Cazuza’, escrito pelo maranhense Viriato Corrêa, no início do século XX, traz na sua estrutura uma narrativa infantil que engloba o âmbito educacional. Nele é possível acompanhar a trajetória do menino Cazuza, protagonista do livro, que é autobiográfico e ficcionalizado, pelos seus primeiros anos de formação escolar. Ele começa a vida estudantil frequentando a escola do povoado, de educação autoritária e que tinha a palmatória como “ferramenta de motivação”; depois, com a mudança dos seus pais, vai para a escola da Vila, que conta com uma professora formada na capital do estado e apresenta uma educação mais afetiva e humanista; e, por fim, chega à escola da Capital, São Luís, com uma educação mais diversa, onde os aspectos sociais eram mais destacados, como a discriminação social, afeita ao modelo de educação dita moderna, com traços do modelo econômico e racial que marcava a sociedade de então. A pesquisa que empreendemos envolve o universo da cultura infantil em que a narrativa se passa, bem como os saberes docentes e a produção de sentido que o livro efetiva em relação à educação infantil, no Maranhão do início do século XX. A pesquisa tem por objetivo geral analisar de que forma a cultura infantil, em meio às práticas pedagógicas, é construída discursivamente, no meio educacional. Nos objetivos específicos, ela se pretende a: a) Demonstrar a influência das representações sociais dos professores sobre a cultura infantil no desenvolvimento da criança; b) Averiguar como a produção dos sentidos dos sujeitos integrantes do universo escolar constrói as práticas pedagógicas; c) Contextualizar as práticas pedagógicas, comparativamente, entre contextos de início de século. O estudo envolve conceitos de autores dos campos da Pedagogia, Sociologia da Infância, História da Educação, Análise do Discurso, como: Almada (2018), Corsaro (2011), Quinteiro (2009), Pimenta (2012), Andrade (1984) Silva (2015), Mussalim (2012); Foucault (1970), Aroche, Pêcheux, Henri (2020). E, dentre os conceitos arrolados do campo da Análise de Discurso de Linha Francesa e que ajudam a compreender a produção discursiva do livro, estão os de Formação Ideológica (FI) e Formação Discursiva (FD). O trabalho se debruça sobre a materialidade discursiva, formada pelos trechos escolhidos da obra original (o livro ‘Cazuza’, de Viriato Corrêa) para, a partir dela, avaliar os fios do discurso que a narrativa do livro Cazuza apresenta, e como esse discurso está determinado pela formação ideológica do positivismo, na educação, do progresso, na sociedade e da meritocracia, nas relações pessoais. E ainda como ele está inserido no campo das formações discursivas do início do século, que valorizam a disciplina, o enciclopedismo, a ordem para se alcançar um fim desejado, numa relação diretamente intrínseca com as FI's. Por fim, constata-se que o meio educacional no Maranhão, como é visto na narrativa da personagem Cazuza, assim como em outros estados, espelhava as dificuldades próprias do contexto social, fazendo perceber, nas formações discursivas, os aspectos ideológicos que envolviam as relações socioeducacionais no início do século.

Palavras-Chaves: Cazuza, Cultura Infantil, Saberes Docentes, Análise do Discurso.

ABSTRACT

Aurineide de Aguiar Silva Argel

The Production of Meanings about Child Culture in the book 'Cazuza' early 20th century

Languages, Pedagogical and Technological Practices in Education

The book 'Cazuza', written by Viriato Corrêa, from the state of Maranhão, at the beginning of the 20th century, brings in its structure a children's narrative about the educational field. In it, it is possible to follow the trajectory of the boy Cazuza, the protagonist of the book, which is autobiographical and fictionalized, through his first years of schooling. He starts his student life attending the village school, with an authoritarian education that had the palmer as a "motivational tool"; then, when his parents move, he goes to the Village school, which has a teacher trained in the state capital and presents a more affective and humanistic education; and, finally, he arrives at the Capital's school, São Luís, with a more diverse education, where social aspects were more highlighted, such as social, economic, and racial discrimination. The research we undertake involves the universe of children's culture in which the narrative takes place, as well as the teachers' knowledge and the production of meaning that the book effects in relation to children's education in Maranhão at the beginning of the 20th century. The primary purpose of the research is to scrutinize the discourse formation of children's culture in the academic milieu, within the context of pedagogical practices. The objectives of this study are as follows: a) to exhibit the impact of teachers' social representations of childhood culture on children's development; b) to determine how the production of meanings by participants in the educational system shapes the pedagogical practices; c) to provide a comparative analysis of pedagogical practices across different contexts at the start of the century. This study explores concepts in Education, Childhood Sociology, Education History, and Discourse Analysis by authors including Almada (2018), Corsaro (2011), Quinteiro (2009), Pimenta (2012), Andrade (1984) Silva (2015), Mussalim (2012); Foucault (1970), Aroche, Pêcheux, Henri (2020). And, among the concepts ploughed from the field of French Line Discourse Analysis and that help to understand the discursive production of the book, are those of Ideological Formation (IF) and Discursive Formation (FD). The work focuses on the discursive materiality, formed by the excerpts chosen from the original work (the book 'Cazuza', by Viriato Corrêa) to, from there, evaluate the threads of discourse that the narrative of the book Cazuza presents, and how this discourse is determined by the ideological formation of positivism, in education, of progress, in society, and of meritocracy, in personal relationships. And also how it is inserted in the field of discursive formations of the beginning of the century, which value discipline, encyclopedism, order to achieve a desired end, in a directly intrinsic relationship with the FI's. Finally, it appears that the educational environment in Maranhão, as seen in the narrative of the character Cazuza, as well as in other states, mirrored the difficulties inherent in the social context, making it possible to perceive, in the discursive formations, the ideological aspects that involved the relationships socio-educational at the beginning of the century.

Keywords: Cazuza, Children's Culture, Teaching Knowledge, Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa de 1992. A imagem representa a passagem social do menino 'Cazuza', devido à implantação da cultura escolar no seu meio social.....**50**
- FIGURA 2- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa de 1992. Essa imagem mostra a representação do professor no livro 'Cazuza', no início do século XX.**55**
- FIGURA 3-- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem representa a metodologia, usada pelo professor do povoado no livro 'Cazuza' no início do século XX: a palmatória.....**58**
- FIGURA 4- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a figura da Dona Janoca, a diretora e da Dona Nenen, professora da Vila de Coroatá, no livro 'Cazuza'. Mostrando a diferença da imagem que a personagem tinha das professoras da vila em relação ao docente do povoado.....**61**
- FIGURA 5- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a mãe do personagem Cazuza, fazendo a passagem cultura dele, em que ele troca os vestidinhos pela as calças de meninos.....**71**
- FIGURA 6- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata o professor do povoado João Ricardo, usando o castigo físico como metodologia de ensino e aprendizagem.....**72**
- FIGURA 7- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata as crianças em seu momento sociocultural no povoado. Retratando a cultura infantil vivenciada pelas crianças do povoado.....**74**
- FIGURA 8- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Imagem mostra as crianças estudando na escola do povoado.....**75**
- FIGURA 9- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. A imagem mostra o menino conhecido como Pata Choca, que sofria castigos físicos e psicológicos na escola com o consentimento do pai, por não conseguir aprender.....**77**
- FIGURA 10- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. A figura retrata a metodologia usada pelo professor João Ricardo, na escola do povoado.....**79**
- FIGURA 11- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a sala de aula da Vila de Coroatá e a diferença nas praticas pedagógicas docente aplicada ao ensino e aprendizagem das crianças.....**80**
- FIGURA 12- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a cultura infantil das crianças do século XX, em meio às brincadeiras que a personagem Cazuza faz com os seus amigos da Vila.**82**

- FIGURA 13- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a sala de aula da vila, mostrando a doçura da professora Neném, ao ministrar a sua aula.....**83**
- FIGURA 14- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata as crianças tendo um conflito, devido à diferença financeira. Mostrando os conflitos socioculturais vivenciados pela personagem Cazuza no início do século XX, na escola da Vila.....**85**
- FIGURA 15- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem esboça o velho Honorato, um ex-soldado da guerra do Paraguai.....**88**
- FIGURA 16- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata o academicismo e o enciclopedismo no ensino no colégio da Cidade, mostrando a formação discursiva e ideológica no período.....**89**
- FIGURA 17- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem mostra essa nova passagem da vida de Cazuza, na escola do internato, retratando a cultura infantil vivenciada no ambiente escolar da personagem..... **91**
- FIGURA 18- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Imagem representa o professor João Cância na escola da capital.....**92**
- FIGURA 19- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a diferença social, mencionada no discurso da personagem Cazuza. Pois expõe os alunos Floriano e Jaime , um filho de uma família rica da capital e o outro filho de uma lavadeira.....**95**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2. METODOLOGIA.....	20
3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA DISSERTAÇÃO.....	25
3.1. Teorias da Educação.....	25
3.2. As Representações Sociais da Criança	32
3.3. Análise do Discurso.....	34
3.4. Contexto Histórico do Livro Cazuza.....	42
4. CAZUZA E A EDUCAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	48
5. ANÁLISE DO LIVRO À LUZ DA TEORIA.....	69
6. PRODUTO PRÁTICO.....	98
6.1 Construção do produto prático.....	99
6.2 Aplicação do Recurso Didático.....	99
6.3 Cronograma do produto.....	100
6.4 Relatos da Exposição.....	101
6.5 Conclusão do produto.....	103
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
8. CRONOGRAMA.....	109
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE.....	117

1. INTRODUÇÃO

O tema ‘Cultura infantil’ é pouco abordado no meio acadêmico, ainda mais com uma perspectiva pedagógica. Na atualidade, a cultura infantil está em processo de mudanças e formação, impondo às crianças buscarem outro estilo de roupas, formas de linguagem, hábitos alimentares para se sentirem inseridas no meio socioeducacional que as rodeia, pois não há sociedade sem práticas pedagógicas e nem práticas educativas sem a sociedade.

Entendendo a necessidade de se ampliar o escopo teórico desta área, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar de que forma a cultura infantil, em meio às práticas pedagógicas, é construída discursivamente, no meio educacional, especificamente, os vividos pela personagem Cazuzza no início do século XX, salientando a produção de sentidos sobre a cultura infantil no livro ‘Cazuzza’, de Viriato Correa. Como objetivos específicos, ela traz: a) Demonstrar a influência das representações sociais dos professores sobre a cultura infantil no desenvolvimento da criança; b) Averiguar como a produção dos sentidos dos sujeitos integrantes do universo escolar constrói as práticas pedagógicas; c) Contextualizar as práticas pedagógicas comparativamente, entre contextos de início de século.

A ideia de cultura infantil traz uma série de aspectos, sobre os quais muitos teóricos se debruçaram, ao longo do tempo.

Segundo Pereira (2013), a cultura infantil se construiu a partir das relações formadas pelas crianças, que são resultado da socialização e interação entre os pares, já Sarmiento (2003) ressalva que as culturas da infância foram estabelecidas na reciprocidade do reflexo de uma sobre a outra e das produções culturais pelas crianças durante a sua interação de pares.

De acordo com Corsaro (2002), esse processo é uma repetição interpretativa da cultura, pois que, devido à convivência no ambiente educacional, as crianças reproduzem uma série de culturas de pares. A escola é um estabelecimento social que define e constrói o significado de ser criança de uma determinada idade (BUCKINGHAM, 2002). Corsaro (2002, p.115) menciona que a cultura infantil é um processo reprodutivo:

[...] o processo é reprodutivo no sentido em que as crianças não só internalizam individualmente a cultura adulta que lhes é externa, mas também se tornam parte da cultura adulta, isto é, contribuem para a sua reprodução através das negociações com adultos e da produção criativa de uma série de culturas de pares com as outras crianças.

Na visão de Pereira (2013), a cultura infantil é formada pelas manifestações, produções e regras destacadas em grupos infantis, sendo as produções das crianças consideradas como cultura infantil, pois a cultura infantil é o processo de socialização e interação das relações infantis.

Almada (2018) defende que cada criança possui suas manifestações sociais próprias, devido aos bens culturais que são disponibilizados pela sociedade para ela, pois as culturas infantis não brotam em um mundo exclusivo da infância e nem estão ausentes do meio social. As representações sociais das crianças procuram compreender e estabelecem o seu mundo cultural e o espaço social que a infância ocupa na escola (QUINTEIRO, 2009). O desenvolvimento cultural da criança atravessa três estágios, que são o em si, para outro e para si, ou seja, inicialmente é apenas um movimento de agarrar malsucedido, depois se entende como uma indicação pela mãe, até que a criança começa a indicar. (PUZIREI, 2000)

Da mesma forma, o conceito de práticas pedagógicas é multiforme.

De acordo com Silva (2019), os saberes e fazeres são construídos nas escolas, entretanto é preciso perceber que, em meio a materiais didáticos, existem vozes que resistem e lutam, e entre elas estão as das crianças. Segundo Almada (2018), é preciso apresentar alguns aspectos e características do indivíduo, antes de se discutir a influência da educação no desenvolvimento da criança. Facci (2004) expõe que a criança muda a sua vida ao entrar no âmbito escolar, pois a passagem da criança pequena da infância à pré-escola está condicionada, e o contato com os seus professores faz parte de um pequeno círculo, passando o estudo a ser a atividade principal na escola.

Segundo Franco (2016, p. 1), “as práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos”. Para Silva e Sousa (2018), o mediador da relação da criança com o mundo é o educador, pois os objetos culturais só fazem sentido quando é apreendido o seu uso social.

No que concerne a este estudo propriamente dito, ele apresenta como título “A produção de Sentidos sobre a cultura Infantil e a Representação professor/Aluno no Livro ‘Cazuza’ no início do século XX”, sendo construído a partir da seguinte problemática: Como a cultura infantil, em meio às práticas pedagógicas, é construída discursivamente, no meio educacional? A análise da obra escolhida e as informações disponíveis em suportes teóricos nos fazem suscitar os seguintes conjuntos de questões norteadoras: Como as representações socioeducativas contribuem para a formação da cultura infantil e a representação professor/aluno no livro ‘Cazuza’, no início do século XX? Como se caracteriza a cultura

infantil, a partir do comportamento dos personagens, considerando o momento histórico do país no início do século XX? Como se dá a representação da realidade socioeducativa pelo discurso do personagem ‘Cazuza’, em termos de cultura infantil, como prática social e ideológica que se manifesta discursivamente através de categorias linguísticas e discursivas na narrativa?

A área de concentração à qual a pesquisa está vinculada é a cultural, tendo como domínio a Cultura Infantil. A pesquisa foi efetivada em diálogos com a sociologia, a história e a linguística (esta por meio da análise de discursos de linha francesa), além da pedagogia, já implícita nesta investigação.

O campo da Pedagogia vai dar conta de buscar a compreensão sobre a caracterização dos conceitos de infância e cultura infantil em meio às práticas pedagógicas, como definido por Almada (2018). Esta área vai buscar conceber, por exemplo, que cada criança possui suas manifestações sociais próprias, devido aos bens culturais que são disponibilizados pela sociedade para ela, pois as culturas infantis não brotam em um mundo exclusivo da infância e nem estão ausentes do meio social.

Esta pesquisa acionará, além do escopo pedagógico natural, para a sua concretização, alguns campos teóricos, a saber:

- a) O campo da sociologia é importante nesta pesquisa para contextualizar a visão que a sociedade tem da criança. Na concepção de Corsaro (2011), por exemplo, a sociologia marginalizou as crianças devido às concepções teóricas e subordinações de infância no meio social, pois raramente elas são vistas de forma que contemple suas necessidades e desejos, por serem consideradas pelos adultos como preocupações, ou como problemas sociais que precisam ser resolvidos.
- b) O campo da história vai ser bastante útil para se construírem os cenários em que as práticas pedagógicas se efetivaram, quer na ficção do livro ‘Cazuza’ quer na realidade do contexto da educação no início do século XX, notadamente, no Maranhão, onde a narrativa ficcional da obra analisada se passa.
- c) Por fim, o campo da linguística, apreendido a partir dos pressupostos da análise do discurso de linha francesa, irá auxiliar na compreensão dos sentidos produzidos pelos sujeitos na relação das práticas pedagógicas que sustentam a construção da cultura infantil e que serão apreendidos a partir da análise da materialidade discursiva escolhida, a saber: os trechos do livro-documento ‘Cazuza’.

Com base nesse contexto, a pesquisa terá como delimitação temporal o início do século XX e será realizada, metodologicamente, a partir de análise documental e bibliográfica

que buscarão compreender aspectos socioeducativos do ambiente escolar da personagem ‘Cazuza’, de Viriato Corrêa, por meio da produção de sentido que os discursos proferidos pelos sujeitos envolvidos nessas práticas escolares constroem: a escola ficcional do livro ‘Cazuza’, texto do maranhense Viriato Correa, publicado originalmente em 1938, enfocando as práticas escolares do limiar do século XX e a pesquisa bibliográfica proferida por autores que estudam a educação entre o final do século XIX e início do XX. A ideia principal será compreender aspectos socioeducativos do ambiente escolar desses alunos.

O estudo se configura como uma análise documental do livro ‘Cazuza’, que tem uma temporalidade referente ao final do século XIX e início do século XX. O livro é uma autobiografia do maranhense Viriato Correa, a qual tem como espacialidade o nordeste brasileiro, em especial, o estado do Maranhão, interior e capital.

A obra narra o discurso da vida do menino Cazuza e de seus colegas e descreve como aconteciam as representações sociais em meio às práticas pedagógicas dele em seu ambiente escolar e social, instigando a observação de como a cultura infantil se desenvolvia no espaço educacional das personagens do livro.

A obra literária em estudo divide-se em três partes:

- a) Na primeira parte, o autor expõe o seu discurso sobre a escola tradicional, na qual acontecia uma repressão da cultura infantil e das suas representações sociais, pois a motivação que levou Cazuza, a personagem principal do livro, a frequentar a escola era o fato de que iria começar a usar calças de meninos, ou seja, entrar na escola proporcionava uma mudança de *status*, pelo fato de colocar a criança que frequentava a escola em uma posição diferenciada daquela da criança que não ia à escola, começando pelo guarda-roupa, que se tornava diferenciado;
- b) Na segunda parte da obra, o ensino já saía mais dos parâmetros tradicionais, passando a ser mais valorizado, começando a surgir entre as crianças questionamentos relacionados à diferença de classes sociais. Também se nota que a imensa rigidez da escola do povoado, em que Cazuza inicia seus estudos, cujo professor era um homem, é substituída pela delicadeza da escola da Vila, dirigida por mulheres.
- c) E, na terceira parte, a educação é voltada para o modelo escola positivista, com uma escola que funciona na capital, em um prédio maior, com professores diferentes para as disciplinas, momento em que a personagem Cazuza irá compreender aspectos como: a igualdade do ser humano, patriotismo, a importância do trabalho e do papel de etnias diferentes no seu meio social, a competitividade em busca da famosa meritocracia.

A pesar de o livro *Cazuza* ter sido publicado no ano de 1938 e ser a representação da vida do autor, essa obra tem ainda potencial para impactar a cultura infantil da atualidade, pois, entre outros aspectos, expõe as diferenças sociais, que se tornam um obstáculo para muitos alunos e professores no ambiente escolar.

O livro '*Cazuza*' é um relato histórico-literário, que mostra os pensamentos da época, tanto no meio educacional quanto no meio político, instigando o conhecimento sobre os costumes, a religião e as crenças do povo maranhense. A obra registra as dúvidas e anseios que eram comuns às crianças que frequentaram a escola, com as personagens registrando em seu discurso os métodos de ensino vigentes no início do século XX.

Para cumprir esta meta epistemológica, o trabalho teve como embasamento autores que pesquisam as seguintes temáticas: cultura Infantil, sociologia da infância e pedagogia, análise do discurso de linha francesa; nomes como Mussalim (2012); Foucault (1970); Almada (2018), Corsaro (2011), Quinteiro (2009), Pimenta (2012), Andrade (1984) Silva (2015) e Saviani (2007), dentre outros, serão trazidos para o debate teórico, visando à fundamentação da pesquisa.

A escolha do tema 'cultura infantil' ocorreu devido ao fato de se observar, em meio escolar, a identidade cultural dos alunos em relação às representações sociais que cada discente traz para o ambiente escolar, ocasionando muitas vezes barreiras entre colegas e professores, pelo fato de não saberem lidar com um espaço social diferente do que estão acostumados, gerando vergonha e exclusão por parte de alunos e professores.

Suscitando o questionamento da problemática e buscando responder aos objetivos específicos e às questões norteadoras da referente pesquisa, procuraremos compreender como esses alunos constroem o seu espaço de socialização em meio às práticas pedagógicas docentes, para elaborar a comparação e as representações socioeducativas infantis do meio educacional, por meio de levantamento bibliográfico e da análise dos aspectos relativos ao interdiscurso da personagem '*Cazuza*' – objetivamente: analisar de que forma a cultura infantil, em meio às práticas pedagógicas, é construída discursivamente, no meio educacional.

A pesquisa é relevante por serem encontradas poucas abordagens sobre o assunto, principalmente com essa especificidade e temporalidade. Pensa-se que ela poderá interessar, futuramente, a acadêmicos, ou a qualquer pessoa que tiver interesse ou curiosidade sobre o assunto, pois poderá contribuir para elaboração de outros estudos nessa mesma linha de abordagem, com tais representações socioeducativas.

A dissertação será estruturada nos seguintes capítulos, além desta introdução:

- **Metodologia:** neste capítulo, foram estudadas as abordagens metodológicas da pesquisa; vamos buscar compreender os conceitos dos métodos a partir dos quais foi construída essa pesquisa, como análise bibliográfica, documental e a Análise do Discurso de linha francesa.
- **Concepções Teóricas da Dissertação:** Neste capítulo, apresentaremos os conceitos que serão trabalhados durante a construção da dissertação, a partir dos quais será analisada a materialidade linguística do livro ‘Cazuza’. Para melhor organização, ele foi dividido em três partes: teoria da educação, análise do discurso e contexto histórico do livro ‘Cazuza’.
- **Cazuza e a educação no início do século XX:** Neste capítulo, foi abordado o conteúdo do livro Cazuza, a partir dos aspectos que o autor, Viriato Correa, deixa explicitados no livro. Para dar mais consistência teórica a esta parte, faremos a análise da obra por meio do pressuposto do interdiscurso.
- **Análise do livro à luz da teoria:** Neste capítulo, foi feita a avaliação dos conteúdos encontrados no livro Cazuza, utilizando-se como instrumento de investigação e leitura a Análise do Discurso da linha francesa, trazendo-se os pressupostos das formações discursiva e ideológica.
- **Produto Prático:** Conforme é exigência do modelo de trabalhos de conclusão dos mestrados profissionais, traremos neste capítulo a apresentação do produto prático. Optamos por efetivar uma exposição em escolas e em locais públicos, como praças, shoppings, com a utilização de banners retratando a cultura infantil e a representação professor/aluno do livro ‘Cazuza’, focando na história educacional vivida pela personagem ‘Cazuza’ no interior do Maranhão. A ideia deste produto é divulgar, de forma mais ampla, para as novas gerações o contexto educacional do início do século XX, por meio de imagens e textos (neste caso, fragmentos do próprio livro), assim favorecendo a avaliação crítica e comparativa de modelos de educação e suas práticas pedagógicas separados por quase um século.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica da pesquisa envolveu o estudo da cultura infantil por meio da análise documental e bibliográfica do livro ‘Cazuza’, de Viriato Correa, publicado no início do século XX. O levantamento bibliográfico dará sustentação à pesquisa.

O estudo será realizado tendo como metodologia-teoria a Análise do discurso de linha Francesa, por intermédio da qual se analisará a materialidade linguística do livro ‘Cazuza’, para atestar a produção de sentido nele presente, em referência à cultura infantil em meio às práticas pedagógicas docentes vivenciadas pela personagem central, de mesmo nome do livro.

Para a efetivação desta pesquisa, foi feita uma análise bibliográfica, que dá sustentação à análise do documento literário estudado.

Acerca deste tipo de recurso metodológico, muitos são os conceitos que podem ser trazidos para subsidiar a fundamentação da sua escolha.

Gil (2002, p.17) entende e defende a importância de toda investigação na forma de pesquisa, quando diz que ela é efetivada “quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema”, ou quando a informação se encontra em estado de desordem a ponto de não se adequar à problemática.

De acordo com Sousa; Oliveira; Alves (2021), o estudo científico apresenta várias modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica, pois ela como finalidade a atualização e o aprimoramento dos conhecimentos, por meio de uma investigação científica de obras já publicadas. De acordo com Andrade (2010, p. 25), a pesquisa bibliográfica é uma habilidade básica para a formação de graduados:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas.

Segundo Sousa; Oliveira; Alves (2021), o levantamento bibliográfico é baseado no estudo das teorias já publicado, sendo importante que o pesquisador tenha domínio da leitura e conhecimento dos materiais que serão analisados. De acordo com Fonseca (2002, p.32), os

levantamentos de referências teóricas são analisados e publicados por meio de escritos impressos e eletrônicos:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Na visão Sousa; Oliveira; Alves (2021), na efetivação da pesquisa bibliográfica o pesquisador deve ler, refletir e escrever sobre o conteúdo estudado, para reconstruir teorias e aprimorar a fundamentação teórica. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Para Sousa; Oliveira; Alves (2021), a pesquisa bibliográfica consiste em dados e informações contidas em documentos, artigos, dissertações e livros publicados, essas informações são fontes para a base teórica do estudo. Os registros disponíveis são decorrentes de pesquisas anteriores, como é exposto por Severino (2007, p.122):

Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Fonseca (2002, p.32) menciona que “existem pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica”, buscando referenciar teorias publicadas com o intuito de identificar conhecimentos ou informações preliminares sobre o problema para o qual se procura resposta. A pesquisa bibliográfica, para Gil (2007, p. 44), “tem como principais exemplos as investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”. De acordo com Sousa; Oliveira; Alves (2021), o levantamento bibliográfico auxilia na delimitação do tema, pois a escolha de um tema de um estudo bibliográfico apresenta uma abordagem ampla, necessitando ser delimitado.

A pesquisa terá, ainda, caráter de investigação documental, com uma análise discursiva. Segundo Gil (2008), há dados que, mesmo referentes às pessoas, são adquiridos de maneira indireta, de modo que, em muitos casos, só é possível realizar uma pesquisa por meio de documentos. Neste caso, o documento a ser utilizado será o livro ‘Cazuza’, uma obra

de ficção escrita publicada em 1938 pelo maranhense Viriato Corrêa e que conta a trajetória de um menino (Cazuza) em meio ao ambiente infantil e, principalmente, educacional daquela época.

Para empreender esta iniciativa acadêmica, será necessário, como recurso de análise metodológica, tratar o livro analisado aqui como documento.

Um documento é um desafio, pois o documento é uma ferramenta histórica de todas as ciências, entretanto a noção de documento se aplica quase exclusivamente aos documentos oficiais, mas a noção de documento passou a ser reconsiderada, devido à evolução da disciplina de história (CELLARD, 2008). De acordo com Bloch (2001), para a interpretação de documentos é preciso formular corretamente os problemas, para desenvolver ideias, seguindo condições que devem ser observadas e cumpridas segundo as paisagens de hoje, já para Le Goff (1990) o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, mas sim um produto da sociedade que o fabricou.

Ferreira (2008) expõe que o historiador é um homem do seu tempo, pois o historiador do século XIX tinha uma visão histórica diferenciada daquela do historiador do século XX. O documento escrito é uma fonte extremamente preciosa, como é relatado por Cellard (2008, p.295):

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Na visão de Alves-Mazotti (1999), qualquer material escrito usado como fonte de informação pode ser considerado como documento, tais como: cartas, leis e regulamentos, discursos, arquivos escolares, autobiografias, diários pessoais, pareceres, memorandos, livros e etc. A técnica documental vale-se de documentos originais, como é citado por Helder (2006 p. 1-2): “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas”.

A pesquisa documental incide em vários materiais que não foram utilizados em nenhuma análise, ou que poderão ser reanalisados, buscando outras informações ou interpretações complementares (GUBA; LINCOLN, 1981). Para Flick (2009), pode haver

dificuldade nesse tipo de pesquisa, quando ocorrem limitações de recursos, obrigando o pesquisador a ser seletivo, não utilizando todos os documentos disponíveis ou necessários.

Segundo Tumelero (2019), a pesquisa documental é um tipo de análise que se utiliza de fontes primárias e, como se tem objetivos específicos, é um rico complemento à pesquisa bibliográfica. De acordo com Pádua (1997, p.62), a pesquisa documental é realizada por meio de documentos originais:

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...].

A pesquisa documental tem uma proximidade com a pesquisa bibliográfica, a diferença está na natureza das fontes, pois a pesquisa bibliográfica remete às fontes secundárias, enquanto a documental está baseada em materiais que ainda não foram analisados, como as fontes primárias (OLIVEIRA, 2007).

A narrativa, neste caso ficcional, será tratada também de maneira exploratória. De acordo com Triviños (2006), o estudo possui um caráter exploratório quando favorece ao pesquisador aumentar seu conhecimento em volta de um determinado problema. Na visão de Gil (2008), a abordagem exploratória tem como característica principal identificar os fatores que determinam ou contribuem para o acontecimento de um fenômeno.

Além da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise exploratória, este trabalho também vai se valer, como ferramenta metodológica, da Análise do Discurso, no caso específico, aquela de linha francesa.

A Análise do Discurso de linha francesa (também conhecida, popularmente, como AD Francesa) não sendo um bloco homogêneo, segue diferentes concepções epistemológicas e metodológicas, entretanto o que pode funcionar como ponto de convergência entre as diversas correntes teóricas que a compõem é o fato de que o objeto de todas elas tem uma concepção linguística e se centra no estudo da discursivização (GREGOLIN, 1995). A partir da perspectiva dialógica, a negociação de sentidos é inserida em um processo de pesquisa, que se estende na densidade da instituição pesquisada. O processo do diálogo e da negociação de sentidos inicia-se no momento da elaboração dos objetivos, do desenvolvimento metodológico do referencial teórico e da escolha dos textos, pois a AD, no campo panorâmico

das ciências humanas, levanta questionamentos sobre “a legitimidade da cisão entre reflexão teórica e os encaminhamentos metodológicos” (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p. 795).

Essa abordagem discursiva do material literário e documental vai trazer a possibilidade de se perceber que sentidos foram produzidos pelos sujeitos que interagem no ambiente das escolas da personagem ‘Cazuza’. Para Mussalim (2012, p. 113), análise de discurso, em um primeiro momento, pode parecer algo vago e amplo, entretanto “toda produção de linguagem pode ser considerada discurso”. É pela produção dos discursos que se percebe que conjunturas norteiam determinadas práticas pedagógicas.

A pesquisa discursiva vai se centrar nas personagens fictícias do livro ‘Cazuza’, levando-se em conta a produção de sentido do ambiente escolar dessas personagens, buscando analisar a sua cultura infantil e as práticas pedagógicas docentes, a partir das ferramentas teórico-metodológicas da Análise do Discurso da linha Francesa. Para Foucault (2007) e Pêcheux (1997,1999), teóricos basilares da AD Francesa, para que um discurso seja abordado é necessário o meio linguístico, devido ao fato de que o discurso está materializado no texto verbal e não verbal, ou seja, o discurso está materializado nos enunciados (textos) que são publicizados pela estrutura linguística.

Análise do Discurso é uma teoria-metodologia qualitativa, que foi utilizada para estudar a temporalidade, a cultura e o meio educacional do personagem ‘Cazuza’. Neste caso, o universo da pesquisa é formado por sujeitos bastante específicos, sendo eles personagens fictícias, localizados historicamente no início do século XX, em uma pequena povoação do interior do Maranhão. Para Gregolin (2006), a relação entre a história, discurso, sujeitos e produção de sentidos está no núcleo da investigação da Análise do Discurso.

Os dados obtidos recorrendo à exploração da obra ‘Cazuza’ serão analisados à luz da análise do discurso, com a intenção de se desvelar um conjunto de sentidos que representem a concepção das práticas pedagógicas dos sujeitos envolvidos e que, em conjunto, revelam a cultura infantil que forja a narrativa.

Para empreender essa investigação discursiva, serão consideradas as “ferramentas teóricas metodológicas” da AD Francesa, a saber: as noções de discurso, formação discursiva e formação ideológica e interdiscurso, principalmente. É a partir dessas categorias analítico-metodológicas que se vai poder verificar a produção de sentido sobre a cultura infantil e as práticas pedagógicas contidas no livro.

3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA DISSERTAÇÃO

A dissertação ora em construção, intitulada “A produção de sentidos sobre a cultura infantil no livro ‘Cazuza’, no início do século XX”, terá como fundamentação conceitual um campo misto, que agrega pressupostos da Educação, Análise do Discurso de Linha Francesa e dados históricos e sociais do início do século XX (período histórico em que se dá a narrativa do livro ‘Cazuza’, de Viriato Correa).

Neste texto, apresentamos um painel dos conceitos que serão trabalhados na pesquisa, a partir dos quais foi analisada a materialidade linguística do livro ‘Cazuza’, para se atestar, a partir da análise efetivada, os aspectos da produção de sentido a respeito da cultura infantil e das práticas pedagógicas do período focado pela/na obra literária em análise.

3.1 Teorias da Educação

No término do século XIX e início do século XX, o pensamento brasileiro era atravessado por diferentes correntes ideológicas, políticas, científicas e por ideias de renovação no âmbito educacional. Todo esse processo marcou a educação e a sociedade, nacionalmente. A instrução pública, de forma generalizada, passou a ser vista “pelo governo como o elemento capaz de legitimar o regime republicano” e como uma forma de regeneração social e instrumento a promover a formação patriótica para a construção de uma verdadeira nacionalidade.

Mas, contraditoriamente, embora houvesse um ideário comum que era a construção da nacionalidade brasileira, o ensino público ainda se constituía em um grande problema para o país (VECHIA, 2018). Del Priore (2016, 1999, p.10) aborda o atraso na escolarização no Brasil, na Idade Moderna, quando registra:

Tanto a escolarização quanto a emergência da vida privada chegaram com grande atraso. Comparado aos países ocidentais onde o capitalismo instalou-se no alvorecer da Idade Moderna, o Brasil, país pobre, apoiado inicialmente no antigo sistema colonial e, posteriormente, numa tardia industrialização, não deixou muito espaço para que tais questões florescessem. Sem a presença de um sistema econômico que exigisse adequação física e mental dos indivíduos a esta nova realidade, não foram implementados os instrumentos que permitiriam adaptação a esse novo cenário

Fazendo-se uma retrospectiva, encontra-se que no Brasil, no período colonial, havia poucas escolas, e o processo educacional era de responsabilidade dos jesuítas, que tinham a educação como um instrumento de catequização dos nativos e a doutrinação das crianças

como uma estratégia para chegar aos adultos (CHAMBOULEYRON, 2016). Devido às condições precárias do país no século XIX, o trabalho ainda era visto como a melhor opção, para as classes menos favorecidas, somente as crianças da elite recebiam ensino de professores particulares (DEL PRIORE, 1999). Alves; Silva (2018, p. 03) expõem os pensamentos de Santana (2011) sobre o processo de educação no Brasil com a chegada dos Jesuítas:

O processo de escolarização do povo brasileiro iniciou-se no período colonial com a chegada dos jesuítas. A pedagogia adotada por eles foi orientada por uma rígida disciplina [...] e marcada pelos castigos físicos e psicológicos, que desconsideravam a criança em seus aspectos afetivo, social, histórico-cultural para considerá-la apenas como ser puramente cognitivo.

Durante a Primeira República, houve a implantação dos grupos escolares no Brasil, modelo de ensino primário que substituiu, paulatinamente, as escolas isoladas. Nesta nova concepção educacional, a estrutura curricular era organizada por faixa etária e por série, buscando colocar em prática ideias acerca da educação, que vinham sendo debatidas desde a segunda metade do século XIX. “Para os republicanos a implantação dos grupos escolares tornou-se símbolo do progresso, em que a educação era vista como a redentora de todos os males sociais do Brasil, sendo implantada na maioria dos estados, mas se concentrando apenas em cidades populosas” (CRUZ, STAMATTO, 2022, p.517). De acordo com Alves (2017), no Brasil a relação entre filhos e pais era distinta daquela vista na Europa, o que causava estranhamento ao estrangeiro devido aos laços afetivos percebidos nas famílias brasileiras.

Com a constituição de 1824, foram oficializadas, por intermédio de leis, decretos e regulamentos, ações no campo educacional com a finalidade de adequar e estruturar o Império brasileiro. No Brasil e no Maranhão, em 1827, ocorreu a primeira Lei Orgânica da Instrução Pública, que determinava a criação de escolas de primeiras letras (CASTELLANOS, 2022).

Embora os discursos republicanos propalasse a eficiência dessas escolas no Maranhão, as mesmas não apresentavam vantagens semelhantes àquelas dos Grupos Escolares implantados em São Paulo, Pará e Minas Gerais, devido, essencialmente, à fragilidade econômica e política vivenciada pelo Maranhão durante o período de sua criação (SILVA, 2015)

Silva (2015, p. 22) faz uma relação das leis que estabeleceram e organizaram os grupos escolares no Maranhão no início do século XX:

[...] a Lei nº, 323 de 1903 que trata de sua criação na Capital; o decreto nº 36 de 1904 que autorizou a conversão das escolas Estaduais em Grupos Escolares; o Regimento Interno de 1904, responsável por sua normatização; Lei nº. 363 de 31 de março de 1905, responsável pela criação dessas escolas no interior do Estado; Lei nº. 598, de 1 maio 1911 e Lei nº. 804 de 1918 e Decreto, nº. 182 de 1919 que autorizou a reorganização do Ensino Público do Estado, criando 9 Grupos Escolares em São Luís e 1 Grupo no Interior do Estado.

Historicamente, nas escolas do interior do país, no início do século XX, o ensino era básico, em geral relacionado ao ato de ler, escrever, crer e contar, já as escolas complementares ou de formação após o ensino básico eram reservadas às cidades mais prósperas ou a capitais, no Maranhão esse tipo de ensino era restrito a São Luís, Rosário, Caxias, Codó, São Bento, Itapecuru e Viana, passando a educação a ter um grau mais elevado e abrangente (SILVA, 2015).

No Maranhão acontecia uma demanda pelo acesso ao ensino, no entanto não havia escolas com estruturas físicas adequadas, já que o estado não continha prédios próprios e elas eram desprovidas de materiais. Apesar dessa realidade, ocorria um grande número de matrículas, o que acabava por ocasionar a nomeação de professoras normalistas (caracterizados por aquelas que cursam o curso normal, conhecido como magistério do 1º grau ou pedagógico), transferindo a responsabilidade de efetuar o pagamento das professoras normalistas às coletorias (Repartição pública, onde são pagos os impostos) e provendo as escolas de materiais, na medida em que isso não agravasse os cofres públicos, que atendiam a vários serviços (BOTH; ARAUJO, 2022).

Estruturalmente, os grupos Escolares no Maranhão podem ser divididos em duas fases: a primeira aconteceu em 1903, quando foram criadas duas escolas na capital e três no interior do estado, o que se prolongou até 1912, período em que ocorreu a extinção dessas instituições, devido a não conseguirem atender às normas que caracterizavam os grupos escolares modernos. A segunda fase teve o seu início em 1919, quando foram criados nove grupos escolares na capital e um no interior, que teve avaliação negativa pelos educadores e pelo governo. A implantação dessas instituições escolares se deu em um momento de avaliação negativa no ensino em vários estados, referente à formação docente, ao ambiente escolar, métodos utilizados e às representações que as escolas primárias tinham no campo público (SILVA, 2015).

A criação de escolas nas zonas urbana e rural era uma tentativa de prover uma grande demanda de matrículas na capital: “a escola modelo Benedito Leite equipara a esta os cursos primários de alguns estabelecimentos como os da escola normal primária, os da escola São Luís Gonzaga” (ANDRADE, 1984, p.37). Como é citado por Andrade (1984, p. 38), a educação era colocada como responsável por todos os problemas nacionais:

Na realidade, a ênfase colocada na educação como responsável por todos os problemas nacionais, embora tivesse o mérito de ressaltar a necessidade do estado de expandir a sua instrução primária, cumpria também o objetivo, embora nem sempre consciente, de mascarar a realidade, desviando do aspecto socioeconômico a origem dos problemas mais relevantes.

Muitas escolas não tinham cadeiras para que ocorresse a regência das aulas, já que, mesmo com a construção das escolas, não foram criadas as vagas para professores, os prédios não eram adequados e o material didático era de má qualidade. Crescia a superlotação nas escolas primárias devido ao aumento populacional em vários municípios, o que acabava resultado em muitos alunos fora da escola (BOTH; ARAUJO, 2022).

Toda essa circunstância vivenciada pelos sujeitos da educação, no Brasil e no Maranhão, no limiar do século XX, vai impactar, diretamente, na formação de uma cultura educacional da criança.

As crianças são inseridas no meio cultural diário desde o nascimento, devido à mediação da família, pois são agentes sociais ativos, que produzem a sua própria cultura, enquanto contribuem para a produção da sociedade. Entretanto, além da interação com os adultos, é importante a convivência com outras crianças, pois elas produzem coletivamente o seu próprio mundo, ao mesmo tempo em que tentam atribuir sentido ao mundo adulto (VEIGA; FERREIRA, 2017).

Pereira (2013) expõe que Florestan Fernandes descreve o desenvolvimento da formação da cultura infantil a partir dos momentos de brincadeiras, das formações dos grupos e da maneira de organização das crianças. De acordo com Corsaro (2003, 2011), o conceito de culturas infantis refere-se à forma como a criança interpreta o mundo e os significados que são atribuídos por elas e como elas compartilham as suas ações, pois são diferentes das ações interpretadas pelos adultos. As produções de cultura infantil ocorrem devido às relações constituídas pelas crianças, que são resultado da socialização e interação entre os pares (PEREIRA, 2013). De acordo com Sarmiento (2003, p.8), “as culturas da infância constituem no mútuo reflexo de uma sobre a outra das produções culturais dos adultos para as crianças e

das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares”. Já Corsaro (2002, p. 114) destaca, à luz dessa discussão, que

As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (tal transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta.

Almada (2018) defende que cada criança possui suas manifestações sociais próprias, devido aos bens culturais que são disponibilizados pela sociedade para ela, pois as culturas infantis não brotam em um mundo exclusivo da infância e nem estão ausentes do ambiente social. As representações sociais das crianças procuram compreender e estabelecem o seu mundo cultural e o espaço social que a infância ocupa na escola (QUINTEIRO, 2009). As crianças se comunicam e demonstram os seus saberes, ao brincarem umas com as outras, expressando as suas opiniões, sugestões e críticas acerca do mundo, pois a infância é entendida como um conjunto de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais (VEIGA; FERREIRA, 2017).

Na concepção de Silva (2019), os saberes e fazeres são construídos nas escolas, entretanto é preciso perceber que, em meio a materiais didáticos, existem vozes que resistem e lutam, e entre elas estão as das crianças. Segundo Almada (2018), é preciso apresentar alguns aspectos e características do indivíduo, antes de discutir a influência da educação no desenvolvimento da criança. Zanette (2017) menciona que os acontecimentos em sala de aula só são compreendidos no contexto em que ocorrem devido ao universo cultural. Já Almada (2018) defende que a organização do ambiente destinado à educação infantil é uma ação proeminentemente pedagógica, que dá referência para a criação e construção de sentido para a criança.

Em regra geral, historicamente, as vozes infantis são silenciadas, por serem consideradas vazias, sendo as crianças vistas como imaturas, ou seja, como adultos em miniatura, pois a infância é compreendida como uma fase passageira, que é a preparação para a fase adulta, “prevalecendo na atualidade o discurso predominante da criança como natureza pura, inocente, imaturo, tão somente reprodutora de cultura” (SILVA, 2019, p.2).

Entretanto, Nascimento (2009, p. 49) entende que a infância não é uma fase da vida e sim um elemento da estrutura social:

1. A infância não é exatamente uma fase da vida, mas uma categoria na estrutura social, que manifesta variações históricas e interculturais;
2. Alterações na sociedade afetam as crianças tanto quanto os adultos;
3. As crianças contribuem ativamente na sociedade, embora a natureza de sua contribuição seja diferente em distintas culturas.

No percurso da história social, as vozes das crianças eram silenciadas por serem elas pequenas, sem direito a se expressar, procurando compreender o mundo dos adultos, que não silenciavam para escutá-las (SILVA, 2019). Neste sentido, a escola passou a ser uma passagem social e cultural, pois, segundo Quinteiro (2009), as representações sociais das crianças procuram compreender e estabelecem o seu mundo cultural e o espaço social que a infância ocupa na escola.

Em relação ao papel do professor e as práticas pedagógicas, segundo Franco (2016, p. 1), “as práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos”. Para Silva; Sousa (2018), o mediador da relação da criança com o mundo é o educador, pois os objetos culturais só fazem sentido quando é apreendido o seu uso social. Pensando além da esfera estritamente escolar, Ghedin (2012) expõe que o educador deve analisar o sentido econômico, político e cultural que cumpre a escola, pois o conhecimento resgata a dignidade do ser humano, no meio da cultura a que pertencemos. Já a visão de Arroyo (2012) registra que, nas pedagogias escolares, os jovens e crianças são obrigados a esconder as experiências do seu convívio social. Lahire (1997), por sua vez, defende que os comportamentos, personalidades e ações das crianças se tornam incompreendidos fora do ciclo social do qual elas fazem parte.

Analisando o percurso das práticas docentes, Kosciuretsko (2017) menciona que o atendimento às crianças pequenas e o conceito de infância, no decorrer da história, vêm sofrendo mudanças rápidas e positivas, sendo necessário direcionar o olhar para os professores que acompanham essas crianças e compreender como eles organizam seu fazer pedagógico.

Both; Bissol (2020) mencionam que a práxis é importante na educação escolar, pois, segundo as autoras, todos necessitam de uma formação que possibilite domínio de conteúdo e realização do trabalho educativo como forma de elevar a capacidade humana das crianças. Temos que perceber que o aluno e o professor devem conhecer todas as suas dimensões, como também sua essência, para que esse aspecto possa ser aplicado de forma coerente na educação (SAVIANI, 2007).

Em relação ao conceito de saberes docentes, de acordo com Tardif (2002), os saberes são temporais, no sentido de que sua aquisição perpassa e se afetiva com base na história de vida de cada professor e este vai se desenvolvendo ao longo da sua carreira, que está em constante processo de construção. Ghedin (2012) menciona que o professor é um ser existencial, cuja identidade é religiosa, econômica, cultural, política e social.

O professor constrói os seus saberes, por meio do seu tempo de trabalho, que está ligado a relações exteriores, como a família, a cultura e a sociedade, proporcionando assim o saber-fazer e o saber-ser (TARDIF; RAYMOND, 2000). Segundo Ghedin (2012), o professor deve questionar as suas práticas pedagógicas, despertando indagações.

Tardif (2002) pontua ainda os saberes profissionais em cinco fontes de saber e caracteriza de que forma eles se integram à prática docente: os saberes pessoais dos professores; os saberes provenientes da formação escolar anterior; os saberes provenientes da formação para o magistério; os saberes provenientes dos programas didáticos e livros usados no trabalho; e os saberes provenientes da sua experiência na profissão, na sala de aula. Com essa observação, pode-se ver realmente que existe certa preocupação de como o professor teria que se comportar diante de várias circunstâncias como problema da vida real, já que todas as pessoas se apresentam com seus meios de cultura e ideologias diferentes umas das outras. Isso implica o fato de que cada pessoa passa a interpretar suas necessidades de entender algo de forma específica, cabendo ao educador estar preparado para entender o que seria o verdadeiro sentido do conhecimento e, assim, poder escolher o melhor método de ensino para seus alunos (SAVIANI, 2007).

Pensando no papel do professor, Tardif (2002, p. 31) defende que a sua função consiste em transmitir o seu saber a outros:

Parece banal, mas um professor é antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros. No entanto, como tentaremos demonstrar, essa banalidade se transforma em interrogação e em problema a partir do momento em que é preciso especificar a natureza das relações [...].

De acordo com Silva; Sousa (2018), o professor tem um papel importante na transmissão dos conhecimentos científicos, pois a criança não tem condição de entender sozinhas as conquistas da cultura humana, cabendo a ele essa importante função de orientação.

Analisando papéis no processo educacional Tenreiro; Kosciuretsko (2017) defendem que a criança não é passiva no processo de aprendizagem, fazendo um papel em conjunto com o professor, estabelecendo a construção da identidade coletiva e pessoal dela, como brincar, fantasiar, imaginar, aprender, questionar e construir sentidos sobre a sociedade e a cultura.

3.2. As Representações Sociais da Criança

As vozes infantis são historicamente silenciadas, pois a infância vem sofrendo um processo de ocultação, devido às concepções que foram construídas sobre as crianças no decurso da história, ou seja, como elas foram inscritas em imagens sociais (SILVA, 2019).

Na antiguidade, as condições sociais e culturais da criança as colocava como um ser sem subjetividade, ou seja, como um objeto. Por conta desse tipo de concepção, até meados do século IV D.C., o infanticídio era uma prática comum, assim como o abandono parental das crianças que eram indesejadas, a utilização delas como moedas para pagamentos de dívidas ou a sua venda como escravas (POSTMAN, 2012; WEINMANN, 2014). Na Grécia antiga e no Império Romano, havia certa preocupação moral com as crianças e as mesmas gozavam de cuidados diferenciados, porém ainda ocorriam visões negativas da infância, como é mencionado por Alves (2017), ao analisar Aristóteles e Santo Agostinho nos estudos de Chombart de Lauwe (1991 [1971], p.08):

Aristóteles entendia que “a infância é uma desgraça ao longo da existência”, relacionando esse momento da vida “à porção da alma que é o desejo: irracional, inconstante, intempestivo, alimento necessário, no entanto, à razão e matéria a ser regida pela vontade”. Já Santo Agostinho, ainda no “século V, criou uma imagem da criança-antiperfeição”, identificando-a como um ser que encerra “o peso do pecado original no início da vida”, ao passo que Descartes declarava ser a infância um erro, como aponta o trabalho de G. Snyders¹⁶, descrito por Chombart de Lauwe (1991).

Na Idade Média, as crianças eram consideradas como sem autonomia existencial, sem estatuto, sendo consideradas meros seres biológicos (SARMENTO, 2003). Igualmente, segundo Aries (1973), naquele período a infância tinha a sua duração reduzida ao seu período mais frágil, pois quando passavam a dominar as palavras, passando a serem compreendidas pelos adultos, tendo condições de sobreviver sem os cuidados de suas mães, as crianças eram ingressas na vida adulta (ARIES, 1973; POSTMAN, 2012; SARMENTO, 2003).

No período medieval, era costume, quando havia uma preocupação em educar uma criança, que a mesma fosse direcionada a outras famílias, para que aprendesse um ofício, que quase sempre era doméstico; a criança era instruída pelo seu mestre que transmitia os seus conhecimentos, valores humanos e experiências práticas ao filho de outro homem que pudesse possuir (ARIES, 1973 apud ALVES, 2017). Postman (1982 apud ALVES 2017) expõe que, na Idade Média, não existia concepção de desenvolvimento infantil e nenhuma concepção de aprendizagem sequencial ou de escolarização como um processo de acesso para o mundo adulto, pois a ausência de princípios gerou os motivos para a inexistência dos conceitos de infância no período histórico medieval.

O historiador Aries (1981) aborda sobre a história da infância por meio de pinturas e obras do século XII ou XVII; na concepção dele, o século XVII foi o período de descobrimento da infância, pois no século XII a infância ainda era ignorada, sendo que as imagens não representavam o sentido da infância:

As crianças eram apresentadas não como centro da pintura, mas por acharem-nas “engraçadinhas” ou simplesmente para “enfeitar” a pintura. Somente mais tarde, no século XVI, a criança é representada sozinha, porém, estas imagens não retratavam o real cotidiano da infância. Não só como nas imagens, mas também na vida dos adultos a criança parecia não ter importância, pois, como observado no século XII, a taxa de mortalidade infantil era altíssima. Após a morte, muitas crianças eram lembradas somente se tivessem algo encantador que marcasse os adultos. Para eles, essa perda era considerada um fato comum e inevitável, por isso, muitas destas crianças eram enterradas no jardim ou no quintal da própria casa (ARIES, 1981, p. 21).

O sentimento de infância era inexistente nessa sociedade, já que assim que a criança conseguia viver sem auxílio dos adultos, ela era inserida no mundo deles, passando a ser vista como fonte de relaxamento e distração para os adultos, sendo esse o novo sentimento de infância, pois o sentimento de paparicação passou a ser considerado algo negativo, a criança era antes vista como um estorvo na vida dos adultos (BADINTER, 1985).

A concepção de infância e de criança podem ser entendidas sob a visão de vários discursos: a criança que não fala, um ser pequeno, de pouca idade, aquele que não responde por si. A infância é uma condição da criança, que não existe desde sempre e que foi construída ao longo do tempo (COHN, 2005).

O século XVI foi determinante para que ocorresse o acesso ao conhecimento, à formação de um novo ambiente comunicacional, “principalmente por intervenção dos textos impressos e não mais oralmente, popularizando a leitura e

a progressiva alfabetização da população” (ALVES, 2017, p. 44). Essas mudanças geraram uma valorização gradativa da individualidade, já que a leitura é uma atividade basicamente antissocial e individual, que de agora em diante, tornou-se uma situação psicológica aceitável, pois, para fazerem parte do mundo adulto, as crianças teriam que aprender a ler. (ALVES, 2017)

A educação que se desenvolveu de meados do século XVII até o XX foi inspirada por um sentimento moralizador, passando a escola a substituir gradativamente a aprendizagem com os adultos. Em oposição à educação medieval, na modernidade foi realizado apenas o aprendizado de técnicas e saberes tradicionais, na maioria das vezes ensinados pelos adultos da comunidade, passando a escola a ser a instituição responsável pela educação das crianças e estar fortemente ligada à igreja (DEL PRIORE, 1999).

A educação obrigatória no término do século XIX foi um dos fundamentais meios de segregação das crianças do mundo dos adultos e um dos requisitos para a concepção moderna de infância (BUCKINGHAM, 2000). Segundo Postman (1982, p.53), Alves (2017, p.50), o conceito de infância está associado à educação escolar:

[...] o conceito de infância desenvolveu-se associado à expansão da educação escolar formal, de modo que desconsideradas as diversidades históricas, onde a instrução foi sempre altamente valorizada, havia escolas, e, onde havia escolas, o conceito de infância desenvolveu-se rapidamente- [...]

De acordo com Postman (1982), houve uma modificação nas famílias, com a formulação do conceito de infância e a distinção da escolarização, passando as famílias a serem responsáveis pela educação das suas crianças, assumindo o papel de protetores, guardiões, punidores, tutores e árbitros. Alves (2017) registra que a adição estabelecida entre a idade adulta e a infância na modernidade efetivou uma esfera de aperfeiçoamento, passando-se a aceitar que a criança não poderia compartilhar a linguagem e a vida social de um adulto. Para Postman (1982), foi assim que as regras e condutas foram institucionalizadas para as crianças, diferenciando-as dos adultos e expressando o desempenho de seu papel de aluno e social.

3.3. Análise do Discurso

O campo da Análise do Discurso foi importante nessa pesquisa porque, a partir dos seus pressupostos, é que faremos a análise da materialidade linguística da narrativa do livro

‘Cazuza’, materialidade esta representada pelo documento literário – o romance histórico, ficcional e autobiográfico.

Antes de qualquer coisa, convém esclarecer que a Análise do Discurso é uma teoria-metodologia, que se liga ao campo da abordagem qualitativa, surgida no final da década de 1960 na França, por meio do trabalho pioneiro do filósofo Michel Pêcheux, que, segundo Mussalim (2012), tinha como característica ser um intelectual envolvido em debates sobre psicologia, epistemologia e marxismo, campos do saber muito efervescentes na Europa das décadas de 1960-1970.

A ideia de Pêcheux, ao pensar no conceito de discurso, era ampliar a visão que então se tinha sobre a linguagem, como afirma Brasil (2011, p. 172):

A análise de discurso surge, então, com a discussão de questões que advogam contra o formalismo hermético da linguagem, questionando a negação da exterioridade.

A linguagem não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais com os estudos discursivos. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável.

O objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma.

Porém, é importante pontuar que, no “caldo de cultura” das epistemologias dos anos 1960-1970, dentro do qual estava nascendo a Análise do Discurso, Pêcheux não estava sozinho:

A Análise do discurso francesa jamais constituiu um campo homogêneo. Pode-se identificar, no período de sua constituição (década de 60-70), a existência de ao menos três linhas de análise do discurso relacionadas, por sua vez, a três projetos teóricos distintos: a linha de Michel Pêcheux; a linha sociolinguística (desenvolvida por Marcellesi, Gardin e Guespin, dentre outros, na França); e, finalmente, a linha de Michel Foucault (NARZETTI, 2010, p. 51).

Analisar um discurso pode parecer um procedimento amplo, já que, de maneira geral, tende-se a se considerar discurso toda a produção de linguagem. Entretanto, a proposta lançada por Pêcheux objetivava elaborar uma estratégia de sistematização do discurso, oferecendo uma metodologia de leitura, que tinha como ponto forte efetivar a relação do texto com determinadas condições de produção (MUSSALIM, 2012). De acordo com França;

Ferreira; Granjeiro (2022, p.18) “Para a Análise do Discurso (AD), o objeto de estudo é o discurso”.

Nos anos 1960, Guillaume foi o primeiro a sugerir uma relação profunda entre sentido e discurso, tendo como hipótese o fato de que a língua/discurso se constituía em uma oposição à língua/fala, esta pressuposta por Saussure no início do século XX (BARONAS, 2005). Mussalim (2012) esclarece que a abordagem saussurreana, de natureza estruturalista, determina as estruturas da língua e os seus elementos funcionais, estabelecendo um verdadeiro sistema linguístico – deixando de fora, entretanto, o campo da semântica; da atribuição de sentido.

Nos anos 1960, Pêcheux, em parceria com outros pesquisadores, estabelece, no texto “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007), o lugar da significação, do sentido de um texto, que, segundo eles, está fora da estrutura linguística montada por Saussure. Dizem eles:

É esse princípio, estreitamente ligado à ideia de língua como sistema, que abre a possibilidade de uma teoria geral da língua, permitindo a interpretação de particularidades fonológicas, sintáticas e morfológicas de qualquer língua. Mas e a semântica? Devido ao papel que nela se atribui à fala e ao sujeito, tudo aquilo que diz respeito à analogia encontra-se em segundo plano em relação a essa ruptura (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007, p.17).

Portanto, é Pêcheux quem lança as bases para se pensar o discurso como algo que está além da estrutura da língua, mais afeito às condições sociais de produção e vinculado às formações ideológicas que existem na sociedade e menos ligado à estrutura formal da língua, como a estudou Saussure.

É como afirma o filósofo:

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem, efetivamente, ser concebidos como funcionamento, mas com a condição de acrescentar que esse funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual deste termo, e que não se pode defini-los senão em referência à estrutura da formação social em que se encontram (PÊCHEUX, 1967, p. 218 apud NARZETTI, 2010, p. 54).

A partir da tese pecheutiana, para os analistas do discurso o sentido não está necessariamente vinculado às estruturas da língua, mas ele é relacionado às condições de

produção que o revestem. É o que afirma Mussalim (2012), quando assevera que o sujeito do discurso não decide sobre as possibilidades enunciativas ou sentidos de sua fala:

O sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas de seu dizer, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras (MUSSALIM, 2012. p.122).

Também é o que afirmam Piovezani; Silveira (2017, p. 1075):

O funcionamento do dizer não é integralmente linguístico e, por essa razão, somente pode ser analisado por meio da consideração dos protagonistas e do objeto do discurso inscritos em certas condições de produção e de sua relação com outros dizeres. Em função da importância que lhe é atribuída, Pêcheux discorrerá detalhadamente sobre as condições de produção, no interior das quais o discurso determina o dizer e produz “efeito de sentidos” entre os interlocutores.

Estas concepções estão vinculadas à defesa que faz Pêcheux da não imanência do sentido em um discurso, como registra Baronas (2005, p. 03):

Em ‘Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio’, Pêcheux assevera que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc não existe ‘em si mesmo’, ou seja, colado ao significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Desta feita, é preciso considerar que a prática da análise do discurso implica, antes de tudo, se conceber a ideia de discurso. Na concepção de Gregolin (1995, p.17 – grifos da autora),

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?).

Também na concepção de Brasil (2011, p. 176),

O discurso é a história na língua. Temos então a tríade língua, sujeito e história na constituição de discurso. Por tratar-se de uma materialidade linguística e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. O discurso é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia.

De acordo com Brandão (1995), o discurso pode ser definido como uma atividade comunicativa entre interlocutores, uma atividade produtora de sentidos que ocorre na interação entre falantes, sendo algo que deve ser compreendido e ultrapassa o nível linguístico e gramatical – está para além da construção estrutural das sentenças.

Fica claro, então, que nossa pesquisa vai se preocupar, no que se refere à estrutura narrativo-textual do romance ‘Cazuza’, com aquilo que pode ser percebido para além da sua estrutura linguística, com o seu discurso, com as vinculações que existem entre texto, história, sujeito, ideologia.

Um ponto também relevante nos estudos do discurso é a noção de sujeito. Neste âmbito, Gregolin (2006, p. 59) traz a contribuição de Foucault, quando registra: “para Foucault, o sujeito é o resultado de uma produção que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente (os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si)”, especificando que a noção de sujeito para a Análise do Discurso francesa é ampla, com o indivíduo vinculado ao seu papel na sociedade e nas construções epistêmicas. E é o próprio Foucault, no clássico “A Ordem do Discurso”, que nos ensina que este sujeito social e discursivo está imerso numa rede de controle:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p. 09).

Refletindo também sobre a noção de sujeito no discurso, Brandão (2004) propõe uma análise das teorias existentes sobre a noção do sujeito, para que o leitor possa estabelecer e entender a posição da análise do discurso como uma preocupação de diversas áreas, concebendo este processo reflexivo como interdisciplinar, pois a metodologia proposta caracteriza a análise do discurso como uma disciplina ampla, não delimitada, cuja preocupação está na definição do campo de atuação, devido aos muitos significados do seu objeto. Segundo Gregolin (1995), as estruturas narrativas transformam-se em discurso, quando são admitidas pelo sujeito da enunciação, que faz uma série de escolhas, de espaço, de

tempo, de pessoas e de figuras que contam a história a partir de um determinado ponto de vista. Na visão de Gregolin (2007, p.166), “Os discursos são atravessados por uma divisão entre dois espaços discursivos a) o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas; b) o das transformações do sentido”.

O discurso do inconsciente, do lugar desconhecido, da lei, do pai, da família, ou seja, do outro em relação ao sujeito passa a ganhar identidade a partir do papel do sujeito (MUSSALIM, 2012).

A formação regular de um discurso pode ter certas condições de controle, categoricamente essas figuras de controle se formam em meio de uma formação discursiva. O discurso é constituído como um ritual, quando é pronunciado por quem é de direito, como o discurso pronunciado da justiça, ou que profetiza o futuro (FOUCAULT, 1970). A linguagem no discurso é um modo de produção social, que ocasiona uma conversação entre o processo ideológico e os fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 2004).

O conceito de interdiscurso também é fundamental para os estudos de Análise do Discurso de linha francesa. O interdiscurso é o que determina o discurso do sujeito em um processo discursivo, reinscrito no próprio sujeito, sendo por meio dele que ocorre o funcionamento da ideologia em geral. O sujeito busca no interdiscurso a pauta para construir as significações, por meio de uma formação ideológica que os estabelece como sujeitos sociais (MATOS, 2016). Segundo Gregolin (2007, p.160), “as relações entre intradiscursos e interdiscurso passam a serem buscadas nos vestígios da memória discursiva”.

Análise do Discurso deve ter um objetivo de interdiscursividade, pois são as anamneses que dão um sentido a um momento histórico. O discurso sempre vai acontecer no interior de uma série de outros discursos que estabelecem uma correlação de vizinhanças e deslocamentos (GREGOLIN, 2007). De acordo com Granjeiro (2007, 37), “a identidade do sujeito é uma construção histórica, temporal, datada e como tal, fadada ao desaparecimento.” Para Foucault o sujeito é descontínuo, disperso, vazio, uma função neutra, que pode desenvolver várias posições.

Os discursos se constroem em uma rede de outros discursos, ou seja, em uma rede interdiscursiva, como é citado por Brandão (2021, p. 05), “Todo discurso se constrói numa rede de outros discursos; em outras palavras, numa rede interdiscursiva. Nenhum discurso é único, singular, mas está em constante interação com os discursos que já foram produzidos e estão sendo produzidos”.

Outro conceito importante do campo da AD é o de formação discursiva, que é definida devido a sua relação com a formação ideológica, conforme Brandão (1995, p. 07):

A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” pelo falante a partir do lugar, da posição social, histórica e ideológica que ele ocupa.

Baronas, num esforço didático e epistemológico, explica o conceito de Formação Discursiva, bastante utilizado pela análise do discurso francesa no Brasil, tanto em Foucault quanto em Pêcheux. No primeiro, ele identifica como a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados:

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Dito de outro modo, para o filósofo francês o que garante a unidade de um discurso clínico, por exemplo, não é a sua linearidade formal – sintática ou semântica –, mas algo comparável a uma diversidade de instâncias enunciativas simultâneas (protocolos de experiências, regulamentos administrativos, políticas de saúde pública, etc). Michel Foucault chama de écart enunciativo a regra de formação (as modalidades enunciativas) dos enunciados na sua heterogeneidade, na sua impossibilidade de se integrar a uma única cadeia sintática (BARONAS, 2011, p.03)

Da mesma forma, ele registra o conceito em Pêcheux:

Já em Pêcheux o conceito, gestado no ventre do marxismo/althusserianismo, aparece como “aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) a partir de uma posição dada na conjuntura social” (Pêcheux, 1975, p.188). É possível interpretar esse conceito, por meio dos exemplos dos gêneros textuais entre parênteses, a partir de uma dupla leitura: em termos de gênero ou em termos de posição. Parece-me que Pêcheux ao sublinhar aquilo que pode e deve ser dito e se situar no espaço da luta de classes, trazendo como exemplos de gêneros os que privilegiam uma luta ideológica explícita, opta pela segunda interpretação. A questão dos gêneros mesmo indicada, não é discutida (BARONAS, 2011, p. 03).

Em relação à conexão entre os dois conceitos cabem esclarecer que a formação ideológica comporta várias formações discursivas interligadas em seus componentes, que determinam o que deve ser dito. Como ensinam Haroche; Pêcheux; Henry (2007, p.26): “As formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito [...]”.

Outro aspecto dos estudos do discurso que será trazido a este trabalho é a noção de sujeito. A concepção de sujeito, de acordo com Mussalim (2012, p.157), pode se organizar em três diferentes fases da AD:

Apresentação às concepções de sujeito em três diferentes fases da AD, é possível perceber que, apesar de distintas, elas possuem uma característica em comum: o sujeito não é senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um sujeito submetido à sua própria natureza inconsciente.

A materialidade ideológica tem como um de seus aspectos o discurso, devido a isso ele só tem sentido a um sujeito quando é reconhecido como pertencente a determinada formação discursiva (GREGOLIN, 1995), que está, intrinsecamente, vinculado a uma formação ideológica.

No processo de desenvolvimento analítico, surge uma natural necessidade de se analisar a dupla face dos enunciados, com o objetivo de apreender a interação entre diversas formações e não somente a formação discursiva (BRANDÃO, 2004). “Isso vai fazer com que a análise do discurso se expanda para além de uma formação discursiva específica” (MATOS, 2016, p.100).

O enfoque de conceitos de base é fundamental para a compreensão da análise do discurso, como os de: formação ideológica, discurso, ideologia, formação discursiva, bem como a visão histórica de Foucault, fundamentando assim uma estrutura para a compreensão do sujeito no discurso (BRANDÃO, 2004).

A formação discursiva é um dos elementos de uma formação ideológica, pois a fronteira que define uma formação discursiva é instável, já que ela se inscreve em um espaço conflituoso de lutas ideológicas. As condições de produção e o contexto histórico-social formam parte do sentido do discurso, que é historicamente construído (MUSSALIM, 2012). O discurso é fundamental no percurso de geração de sentido de um texto, pois é o lugar onde o sujeito da enunciação se manifesta, fazendo relação entre o contexto sócio-histórico que o produziu e a sua materialidade discursiva – o texto (GREGOLIM, 1995).

Segundo Mussalim (2012, p. 139), a formação discursiva influencia na formação ideológica, como “componentes que materializam a contradição entre diferentes posições ideológicas”. Matos (2016) menciona que a formação discursiva expõe discursos divergentes, a cuja ordem estão vinculadas as classes, sendo que a classe mais forte impõe as suas normas, regras, fazendo muitas vezes prevalecer socialmente os sentidos que lhes interessam – é o que Foucault (1970) chamaria de “a ordem do discurso”.

A Análise do Discurso, não sendo um bloco homogêneo, segue diferentes concepções epistemológicas e metodológicas, entretanto o que pode funcionar como ponto de convergência entre as diversas correntes teóricas é o fato de o objeto de todas elas ter uma concepção linguística e se centrar no estudo da discursivização (GREGOLIN, 1995). No campo do diálogo e da negociação de sentidos, inicia-se a sua especificação no momento da elaboração dos objetivos, do desenvolvimento metodológico, do referencial teórico e da escolha dos textos, pois a Análise do Discurso, no panorama das ciências humanas, levanta questionamentos sobre “a legitimidade da cisão entre reflexão teórica e os encaminhamentos metodológicos” (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p. 795).

A compreensão do material coletado e explorado, por meio da distribuição de vozes pelo enunciado, se dá por meio da análise discursiva (MATOS, 2020). A pesquisa em meio a uma perspectiva dialógica inseriu uma negociação de sentidos, que não se situa apenas no plano da pesquisa, na própria instituição da pesquisa, pois na imensidão dos estudos do discurso algumas orientações são inspiradas em orientações dialógicas (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017).

De acordo com Gregolin (1995), é possível direcionar os sujeitos a descobertas e pistas, por meio da Análise do Discurso, levando-os à interpretação dos sentidos e a descobrirem a ideologia e as marcas estruturais dos textos. É o desafio de que vamos nos ocupar nesta pesquisa: buscar identificar, a partir do cotejamento do material linguístico documental escolhido, o romance ‘Cazuza’, de Viriato Correa, as formações ideológicas, discursivas, os interdiscursos e as posições sociais dos sujeitos que constroem a narrativa das memórias do menino e suas relações com a cultura infantil e as práticas docentes, no início do século XX, no Maranhão.

3.4 Contexto Histórico do Livro Cazuza

O livro ‘Cazuza’, de Viriato Correa, que foi publicado pela primeira vez em 1938, tem uma temporalidade que está ligada ao final do século XIX e início do século XX. Trata-se de uma autobiografia do maranhense do seu autor, a qual tem como espacialidade e contexto o nordeste brasileiro finissecular. De acordo com Le Golff (2007), todo livro de história, mesmo tratando de uma datação bem antiga, tem relação com a atualidade, pois, como ratifica Bloch (2002), nele estão os vestígios que definem o passado como um dado rígido que não pode ser alterado ou modificado.

Apesar de o livro ‘Cazuza’ ter sido publicado no ano de 1938 e ser a representação da vida do autor, a partir de uma estrutura narrativa romanceada, essa obra mantém relações com a cultura infantil da atualidade, pois expõe as diferenças sociais, que se tornam um obstáculo para muitos alunos e professores no ambiente escolar, bem como registra, na forma de extratos de memória da personagem principal – que dá nome ao livro – as práticas docentes, em três momentos bem definidos.

Libâneo (2013), ao analisar a educação como parâmetro social, suscita que a pedagogia recorra a outras ciências, como a sociologia, história, etc., pois a ação educativa no meio social desempenha influência sobre os indivíduos, se manifestando por meio de experiências, técnicas, costumes e valores acumulados por gerações. Segundo Bloch (2002), a história é a busca e escolha que tem como objeto o homem e não o passado, precisamente o homem do tempo, pois a história é a ciência do tempo e da mudança, que sempre está levantando questionamento ao historiador. Por isso, justifica-se a escolha desta pesquisa por trazer, como escopo teórico, a contextualização histórica do momento que o livro resgata e registra, pois, também para a Análise do Discurso, nenhuma produção de sentido está desvinculada do seu momento histórico de produção.

A escola ficcional do livro ‘Cazuza’ enfoca as práticas escolares do limiar do século XX. Na visão de Quadros (2020), a história e a memória da educação no Maranhão seguem atuando pelo resgate de uma trajetória educacional dos seus sujeitos: crianças pobres, mestiças e negras. De acordo com Canavieira (2017), com o surgimento do sentimento de infância, alguns historiadores passaram a ter uma maior preocupação com os fatos sociais que concebem a infância, passando a defender uma concepção de infância construída historicamente através de debates, reflexões e investigações de áreas de conhecimentos como a História, Sociologia, Pedagogia, etc.

O ensino público no Maranhão não era homogêneo até a revolução de 1930, não passando de uma reunião de escolas isoladas, no interior do estado, com professores que, em sua maioria, buscavam um emprego para sobreviver, sem adicionar um crescimento no ensino ou conceber o aspecto do interesse coletivo, deixando claro o desinteresse do governo pela conscientização das massas e pela cultura (ANDRADE, 1984). Não houve nenhuma política educacional consistente até o início do século XX, “voltada para as crianças de zero a cinco anos. A atenção à criança vinha de profissionais das áreas médica, jurídica, policial e religiosa”. (ALVES; SILVA, 2018, p.92)

As práticas educacionais do século XIX duraram até meados do século XX, e em geral consistiam em que somente um membro da família se escolarizasse e o restante ajudasse na

sua formação, não significando que os demais familiares não fossem analfabetos (CASTELLANOS, 2015). O Maranhão até o século XVIII tinha uma economia incipiente, constituindo uma realidade ponderável até o Marques de Pombal criar condições de expansão, entretanto a crise econômica no Maranhão ainda era persistente na primeira década do século XX (ANDRADE, 1984), o que impactava diretamente na realidade das escolas espalhadas pelo estado. E o cenário da educação maranhense em fins do século XIX é este:

No Maranhão do final do século XIX, aproximadamente 85% da população não era escolarizada, o estado pretendia, dentre suas reformas, disseminar o ensino, capacitando a população para assumir os novos postos de trabalhos advindos da industrialização (SILVA, 2015, p. 19).

Com a independência do Brasil, o analfabetismo passou a ser tratado com mais tenacidade em todas as províncias brasileiras, pois havia um anseio pela garantia da escolarização para uma maior porcentagem de crianças mediante da frequência às aulas, as quais eram realizadas, em sua maioria, nas casas de professores ou em locais impróprios (SILVA, 2015).

O menino Cazusa, na sua trajetória escolar, obteve a sua educação em três escolas com métodos de ensino diferenciados, mostrando em seu discurso (literário-narrativo-autobiográfico) a realidade das escolas maranhenses, dando ênfase às do interior do estado, no final do século XIX e início do século XX. A escola no interior do estado tinha um quadro triste, como foi mencionado por Corrêa (2011, p. 38):

A sala feia, o ar de tristeza, o ar de prisão, a cara feroz do professor, os castigos pelas menores faltas e pelos menores descuidos tinham-me deixado um grande desgosto na alma. E a verdade é que, na escola, nada mudava para me apagar aquela impressão. O quadro era sempre o mesmo quadro triste. Entrávamos às oito da manhã. O professor quase sempre já lá estava, na grande mesa, junto à parede, de cara amarrada, como se ali estivesse para receber criminosos.

De acordo com Quadros (2020), a maioria dos alunos das escolas públicas primárias do Maranhão veio de famílias sem condições financeiras de prover o seu estudo, porém o art. 5 da Lei de 15 de outubro de 1827 expõe que essa era uma obrigatoriedade da Fazenda Pública, com a obrigatoriedade estabelecida no regulamento de 1855, ou seja, cabia à província o fornecimento de vestimentas e utensílios escolares; também transfere esta legislação ao professor a obrigatoriedade pela sua própria qualificação, para a melhoria das aulas. Como é mencionado no artigo 5º, da Lei de 15 de outubro de 1827, que cabia à

Fazenda Pública custear o fornecimento de vestimentas e utensílios escolares, porém a obrigatoriedade dessa lei só foi regulamentada em 1855, no governo de D. Pedro II.

Art 5º Para as escolas do ensino mutuo se applicarão os edifficios, que houverem com sufficiencia nos logares dellas, arranjando-se com os utensillios necessarios á custa da Fazenda Publica e os Professores; que não tiverem a necessaria instrucção deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e á custa dos seus ordenados nas escolas das capitaes (BRASIL, LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827).

Cazuza era um menino que viveu no início do século XX e teve a possibilidade de crescimento educacional, devido ao fato de ser de família abastada, podendo ter a oportunidade que alguns colegas dele do povoado não tiveram. Sua trajetória educacional se inicia na escola do povoado e segue para a escola da vila e, numa terceira etapa, para a escola da capital (São Luís). Na ida à escola da vila, podemos observar que o discurso da personagem sobre o ambiente escolar vai se modificando, passando a escola a ser um ambiente mais alegre:

Quando chegamos à vila, já haviam acabado as férias. Durante os quinze dias em que fiquei em casa curando-me das febres, eu via, da janela, as crianças passarem em grandes bandos, à hora em que terminavam as aulas. A vontade de ficar bom para misturar-me com aquela meninada alegre apressou a minha cura. [...]. Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo. [...]. Eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma. A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite (CORREA, 2011, p.75).

De acordo com Almada (2018), a organização do ambiente educacional destinado à educação infantil é altamente pedagógica, devido à ação de sentidos e significados para a criança, pois é onde ela vai usar a sua imaginação e criatividade. Silva (2015) menciona que, apesar da constituição de 1824 dar direito a uma instrução pública, ela não foi adotada com eficiência e qualidade em todas as localidades do país. Andrade (1984) aborda que o ensino no Maranhão era monopolizado pelos jesuítas até meados do século XVIII, e que todos os estabelecimentos de ensino do interior e da capital eram pertencentes à Companhia de Jesus. Andrade (1984, p.49) descreve a complexidade da educação no estado:

Essa complexidade da educação é vista também no sentido do alargamento do seu campo de ação, já que, de modificação em modificação, a escola, havia passado, de simples instituição de ensino privado, nos seus primeiros

tempos, a instituição social e política e o mais forte elemento da grandeza moral dos povos.

Cazuza, ao chegar à capital, para a sua terceira etapa da formação inicial, se depara com um ambiente escolar ainda mais diferente dos dois anteriores que ele já tinha vivenciado, mostrando em seu discurso tipos de culturas e representações sociais diferentes, com padrões de educação diferenciados e a estrutura da escola também. Cazuza, em seu discurso, narra as diferentes concepções que as personagens do livro tinham sobre o processo educacional vivido no Maranhão, no início do século XX:

[...]— Não sei ler, não tenho parente que saiba; no entanto, nem eu nem os meus parentes morremos por isso. E criou os filhos analfabetos. O mais novo era o Macário, um pequeno vivo, dócil, inteligente e trabalhador. Já tinha doze anos e ninguém conseguia que o pai o pusesse na escola. Dona Janoca não se cansava de insistir: — É um crime deixar um menino destes sem instrução. Um pequeno que podia dar tanta coisa! [...] O velho Honorato não podia compreender que a diretora não usasse castigar os alunos. — De que maneira consegue a senhora que as crianças estudem? — Pelos meios brandos. Pelo estímulo. Pelo exemplo. — Isso não me entra na cabeça. (CORRÊA, 2011, p. 107,120).

O contexto histórico da personagem Cazuza ocorreu em três cenários diferentes, mostrando a cultura infantil em meio às representações das personagens. O livro narra o discurso do menino Cazuza, mostrando o conceito de educação que é dissipado por um conjunto de formações discursivas que conviviam no início do século XX no Maranhão, pois analisa a educação de uma forma empírica, social e pedagógica.

O livro ‘Cazuza’, por ser um relato da vida escolar da personagem no início do século XX, é um documento histórico-literário, que serve para analisar, via produção de sentido, a cultura infantil, o ambiente escolar e as práticas docentes do período. Um documento é um desafio, pois ele é uma ferramenta histórica de todas as ciências, entretanto a noção de documento se aplica quase exclusivamente aos documentos oficiais; sendo que essa noção passou a ser reconsiderada, devido à evolução da disciplina de história (CELLARD, 2008). Também há que se considerar, a partir dos conceitos da Análise do Discurso, que o documento é uma estrutura discursiva: “O que o diferencia de outros textos é o modo como esses valores e essa narrativa são discursivizados, o que significa dizer que um texto possui uma estrutura discursiva” (GREGOLIN, 1995, p.16).

Por fim, importa registrar que este exercício de pesquisa sobre uma obra literário-memorial-narrativa, que é o romance ‘Cazuza’, do maranhense Viriato Correa, buscando

analisar a produção de sentido que nele está inscrita sobre a cultura infantil, a educação escolar e as práticas docentes de finais do século XIX e inícios do XX trará uma contribuição importante para o campo da educação, pois permitirá construir um espelho, via discurso, de como se constituía a educação no Maranhão desse período histórico.

4. CAZUZA E A EDUCAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Neste capítulo, analisaremos o interdiscurso do livro ‘Cazuza’, de Viriato Corrêa e a produção de sentido relacionada à cultura infantil, saberes docentes e práticas pedagógicas, tendo como perspectiva uma narrativa infantil sobre o âmbito educacional. Para melhor estruturar a apresentação, dividimos a argumentação em três tópicos, que se relacionam, de forma direta, às três experiências educacionais do menino-protagonista do livro.

Conceitualmente, compreende-se a ideia de interdiscurso como um elemento de conexão dos discursos vários, fazendo com que cada enunciado nunca seja analisado de forma isolada. É como explica Sargentini (2004, p. 88):

Compreende-se, assim, o enunciado numa relação horizontal em relação a outros enunciados no seio do intradiscurso e numa relação vertical em relação a formulações que podem ser descobertas em outras seqüências discursivas, no interdiscurso de uma formação discursiva.

Desta forma, os trechos que serão aqui aventados estão em uma teia, na relação com outros textos e, principalmente, com conceitos pedagógicos e sociais, trazidos por autores que se debruçam a analisar aspectos da cultura infantil e das práticas pedagógicas, relacionados, temporalmente, aos elementos registrados no livro ‘Cazuza’ ou refletidos num tempo posterior a ele, mas que mantêm com ele uma conexão conceitual.

Cazuza: a Escola do Povoado - Na narrativa do livro estudado, o menino ‘Cazuza’ passou a ter o seu primeiro contato com o âmbito educacional na escola do povoado em que ele morava no interior do Maranhão, que o autor-personagem descreve como um lugarejo muito pobre e pequeno que ficava às margens do Itapicuru, no alto da ribanceira do rio.

O povoado de Pirapemas continha vinte ou trintas casas e apenas uma rua, não tinha farmácia, vigário ou igreja, possuía uma única escola, que representava o ambiente que iria efetivar uma passagem social do menino para a cultura infantil, pois era quando as crianças começavam a usar calças, como é esboçado pela personagem:

Minha mãe prometia frequentemente: - Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos. E, por amor às calças, comecei a mostrar amor aos livros. O segundo motivo é que o primeiro contato que tive com uma escola foi através de uma festa. E ficou-me na cabeça a ideia de que a escola era um lugar de alegria (CORRÊA, 2011, p.14).

Na busca do desvelamento dos fios discursivos, percebe-se que esse trecho do livro efetiva um interdiscurso com o conceito que Almada (2018) defende de que a criança, em

suas etapas de desenvolvimento, é movida por uma excitabilidade seletiva em frente a diferentes formas na sociedade, como a influência dos adultos e dos tipos de ensino. O sujeito tem a educação escolar como um ato de inscrição no meio cultural e social, devido à assimilação de valores, transmissão de conhecimentos, experiência e elementos que contribuíram para a sua vida cultural (SAVIANI, 2008). De acordo com Lopes; Macedo (2011), a cultura está ligada à educação e ao currículo escolar, pois o conceito de cultura diz muito respeito à educação e ao currículo. É necessária, para o desenvolvimento do indivíduo, a sua relação com a cultura, pois concebe aptidões que não existiam em sua natureza biológica (MELLO, 2004). É como afirma Almada (2015, p. 79) “a criança, diante de um processo educativo dessa natureza, desenvolve o pensamento, os sentimentos e as emoções”.

No Maranhão, o fundo escolar era baseado em um projeto de lei apresentado ao conselho municipal do “Distrito Federal pelo diretor da Instrução Pública Dr. Azevedo Sodre¹ através das suas caixas escolares, contribuía para difundir e incentivar valores tipicamente capitalistas como a poupança e a competição”(ANDRADE, 1984, p.35). Segundo Quadros (2020), a grande maioria dos alunos das escolas públicas primárias maranhenses eram naturais de famílias que não continham condições materiais para manter os seus estudos, ou seja, as crianças eram enviadas para as instituições escolares com o intuito de aprenderem alguma coisa e se habituarem a ficar em silêncio e sentadas, para que observassem tudo o que lhes era prescrito, para que no futuro colocassem em prática imediatamente tudo o que lhes passou pela cabeça.

Almada (2015) nos expõe que a linguagem habilita a criança a fornecer utensílios que irão auxiliar a solucionar as tarefas difíceis, passando a planejar uma solução antes de sua execução e superando as suas ações impulsivas, controlando assim o seu comportamento.

No Maranhão, a institucionalização dos Grupos Escolares se deu a partir dos dispositivos que estabeleceram a regulamentação, implantação e organização, como a lei nº 323, de 1903, que trata da criação dos grupos escolares na capital; do decreto nº 36, de 1904, que autorizou as transformações das escolas do estado em grupos escolares; o regimento interno, de 1904, que foi responsável por sua normatização; a lei nº 363, de 31 de março de 1905, que é responsável pela criação dessas instituições escolares no interior do estado do Maranhão; a reorganização do Ensino Público e a criação de 9 grupos escolares em São Luís e

¹ Antônio Augusto de Azevedo Sodré foi um médico e político brasileiro. Foi prefeito do então Distrito Federal, de 6 de maio de 1916 a 15 de janeiro de 1917. Nasceu em 13 de dezembro de 1864, em Maricá, Rio de Janeiro. ANTÔNIO AUGUSTO DE AZEVEDO SODRÉ . Disponível em <https://www.anm.org.br/antonio-augusto-de-azevedo-sodre>. Acesso em 08 de abr. de 2023.

1 no interior do estado, que foi autorizada a partir das seguintes Leis: a nº 598, de 1 de maio de 1911, a nº 804, de 1918 e o Decreto, nº 182 de 1919 (SILVA, 2015).

“O discurso do Presidente de estado deixa evidente a problemática de atendimento das escolas no interior”, nas escolas da zona rural não havia infraestrutura suficiente para a realização do atendimento dos alunos, havendo uma preocupação do Estado somente no atendimento das zonas urbanas, devido a sua proximidade com os representantes do município. Entretanto observa-se que havia um esforço do governo em garantir a aquisição de material e o pagamento dos professores, pois ocorria o redimensionamento das atribuições das coletorias². (QUADROS, 2020.p.88; SILVA, 2015).



FIGURA 1- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa de 1992. A imagem representa a passagem social do menino ‘Cazuza’, devido à implantação da cultura escolar no seu meio social.

A primeira manifestação social que Cazuza teve vinculada ao meio educacional estava relacionada à “festa da palmatória”, evento que marcava o fim do ano letivo no povoado. Segundo o discurso da personagem, a escola trazia a ideia de ser um lugar de alegria, pois havia flores, o professor discursava e a meninada estava toda alegre, representando a sensação de que a escola seria um lugar prazeroso:

O discurso do professor, as flores e as palmas verdes, a alegria da meninada, passeata, assanharam-me o sangue. Voltei para casa contentíssimo. Fiquei tendo da escola a ideia de que era um lugar agradável, que dava prazer à gente. E daí por diante não falei mais noutra coisa. Todo livro que eu

² Coletorias Federais - Repartições locais arrecadoras, sucederam as Coletorias de Rendas Gerais do período imperial. BRASIL, Coletorias Federais. Disponível: <http://www.receita.fazenda.gov.br>. Acesso em 08 de abr. 2023.

apanhava, abria-o com solenidade e punha-me a recitar o me vinha na cabeça, fingindo que o estava lendo. Meu pai e minha mãe achavam uma infinita graça naquilo. E decidiram que, ao recomeçarem as aulas, em janeiro, eu teria finalmente as minhas calcinhas de menino e um lugar nos bancos da escola (CORRÊA, 2011, p.16).

Hall (1997), que constrói uma relação interdiscursiva com esta ideia, expõe que, no século XX, ocorreu uma revolução cultural, no sentido empírico e material da palavra, pois o domínio formado pelas práticas culturais, atividades e instituições vai além do conhecimento. Na conjuntura republicana, havia poucos docentes para o ensino e a seleção ocorria fazendo uso de indicações de políticos locais ou por intermédio de concursos em consenso com as políticas partidárias, no entanto, apesar de os professores contratados serem beneficiados, sofriam em decorrência advinda dela, como os baixos salários, pois muitas pessoas aceitavam o emprego de professor para tentar garantir a sobrevivência, já que o Estado reconheceu que era impossível contratar pessoas qualificadas para desempenhar essa função, devido aos baixos salários de que dispunham para essa função (BOTH; ARAUJO, 2022).

Zanette (2017) menciona que os acontecimentos em sala de aula só são compreendidos no contexto em que ocorrem devido ao universo cultural. Já Almada (2018) defende que a organização do ambiente destinado à educação infantil é uma ação proeminentemente pedagógica, que dá referência para a criação e significado de sentido para a criança. Na visão de Quadros (2020), a didática pedagógica dos docentes era obrigatoriamente relacionada aos anseios republicanos de superar o analfabetismo e preparar o discente para assumir cargos em sua fase adulta no governo do Estado. “Ainda, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da pessoa, a Educação Renovada deveria cuidar de quatro aspectos fundamentais na formação das crianças e dos jovens: político, religioso, moral e da saúde.” (VECHIA, 2018, p.62).

A infância está situada em marcos sociais, já que a escola é um ambiente de institucionalização da infância. “A produção acerca da história da infância envolve três vertentes principais: história da assistência, história da família e da educação.” (QUADROS, 2020, p.22). A educação escolar não pode ser fundamentada em funções já amadurecidas, mas “sim nas que estão em processo de maturação”, entretanto as atividades pedagógicas no ensino infantil ainda dividem opiniões de vários profissionais que atuam, indireta ou diretamente, nesse processo de escolarização da criança (SILVA; SOUSA, 2018, p.38).

Apesar de a criança, em seu desenvolvimento, ter uma base de reações incondicionadas, logo rapidamente ela dá lugar ao condicionamento e às aprendizagens

sociais (ALMADA, 2015). A organização pedagógica que determina uma especificidade dos alunos está em todos os níveis de escolaridade, visando ao desenvolvimento da criança na educação infantil, através de atividades que são necessárias às etapas de sua vida (SILVA; SOUSA, 2018). Na visão de Quadros (2020), a educação deveria ser mediada pelo princípio da moral, para que as crianças fossem inseridas no mundo adulto.

Em seu discurso, ‘Cazuza’ fica decepcionado no seu primeiro dia de aula, a escola não transmitia um ambiente alegre e convidativo, mas parecia sim um lugar triste, que aparentava uma prisão, devido ao fato de haver poucos investimentos nas escolas do interior no início do período republicano. É o que se pode inferir da reação de Cazuza diante do modelo de escola do povoado, em que se inseriu:

Escola, realmente, não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia. Escola devia ser um lugar agradável, cheio de atrativos, de encantos, de beleza, de alegria, de tudo que recreasse e satisfizesse o espírito (CORRÊA, 2011, p.33).

A relação interdiscursiva com esta concepção pode ser verificada em Silva (2015), quando o autor menciona que não eram suficientes os investimentos efetuados pelo governo para proporcionar melhorias na educação, levando as escolas, no final do século XIX e início do XX, a passarem por inúmeras dificuldades, como: insalubridade e instalações sujas, oferecendo risco à saúde mental e física dos alunos. Isso demonstrava a circunstância negativa da educação no estado do Maranhão, que necessitava ser transformada, com a implantação dos Grupos Escolares, que eram considerados os modelos de escolas modernas. O movimento da Escola Nova iniciou no final do século XIX, em virtude da necessidade de se reconciliar a escola com a vida, devido ao grande crescimento científico no campo da psicologia, da sociologia, da biologia, da química e da física (VECHIA, 2018).

A educação era uma forma de classificação social, pois de um lado estavam os cativos, que eram os pobres, negros, que não tinham acesso a instituições escolares financiadas pelo Estado, e a sua educação era limitada somente ao elementar; já a pequena elite, de outro lado, que frequentava o ensino secundário, podia chegar até a ter acesso à universidade (QUADROS, 2022). O Estado alegava que não tinha recurso para a construção de prédios escolares, devido ao alto custo dos materiais de construção, pois esses materiais eram adquiridos em outros estados. Então o governo, tanto na capital como interior, criou salas anexas nas escolas que já existiam e fez a aquisição de várias casas para oferecer o ensino escolar (BOTH; ARAUJO, 2022).

A maioria dos prédios das escolas públicas maranhenses, no período entre séculos, eram alugados, com instalações ruins e sem condições básicas de higiene, conforto e de iluminação. Os professores eram desprovidos de qualquer qualificação, ou seja, a educação pública era formada por um grande engano, que deixava sair todo ano centenas de crianças semianalfabetas, incapazes de pensar criticamente e culturalmente alienadas (ANDRADE, 1984). Não admira que o professor da escola do povoado é retratado pelo autor-personagem sempre como alguém embrutecido e afeito ao castigo como medida educativa.

No Maranhão, ocorria uma demanda pelo acesso ao ensino, apesar de não haver instituições escolares com estrutura física adequada, o que provocou a transferência da responsabilidade de pagamentos dos docentes normalistas para as coletorias (BOTH; ARAUJO, 2022). Neste sentido, Andrade (1984, p. 49-50) consubstancia a opinião de que “em relação a essa realidade Viriato Corrêa relata a impressão das escolinhas primárias do interior do Maranhão, ressaltando a aparência desagradável que desanimava o educando.”

Havia uma precisão de trabalhar sobre as noções de higiene e moralidade em todas as disciplinas no início do regime republicano, devido a isso ser uma das grandes preocupações no processo de civilização da população, pois a comprovação do estado de saúde dos alunos era um requisito indispensável para a matrícula nas escolas (SILVA, 2015). A educação no Maranhão decorreu, fundamentalmente, pelo resgate do percurso educacional dos seus sujeitos, que eram crianças negras, pobres e mestiças (QUADROS, 2020).

A apreensão sobre a ideia de escola mudou no primeiro dia de aula para a personagem Cazusa. A visão que ele teve do seu professor, João Ricardo, foi a de “um homem velho, bigode branco, óculos escuros, pigarros de quem sofre de asma” (CORRÊA, 2011, p.20). Na descrição do autor, o docente tinha a cara amarrada e usava, como métodos didáticos, o castigo físico, sendo mais comum o uso da palmatória, que era chamada de malvada, tirana, bandida e danada. Esses métodos eram vistos como normais no meio educacional desse período, tornando a escola um lugar de medo, tristeza, um ambiente feio e enfadonho, como é descrito pelo protagonista:

Tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz. Os nossos olhos cruzaram-se. Sentí uma vontade louca de fugir dali. Pareceu-me estar diante de um carrasco. O Vavá veio sentar-se ao meu lado, como se tivesse medo de ficar sozinho no banco por trás do meu. O velho João Ricardo ergueu-se subitamente, agarrou-o pela orelha e levou-o de novo ao banco.

O movimento foi tão brutal que o Pedrinho, que estava perto, se espantou, e, com o cotovelo, derramou o tinteiro. O adão riu. O professor vibrou-lhe a régua na cabeça.

E, daí por diante, não se sentou mais. Pôs-se a passear pela sala, de mãos para trás, vigiando-nos através dos óculos pretos, com o ar terrível de quem está com vontade de encontrar um pretexto para castigo (CORRÊA, 2011, p.32).

Esse trecho do livro Cazuza demonstra uma relação interdiscursiva que congrega o discurso da personagem central com os conceitos de Souza; Melo (2017), autores que analisam a complexidade da formação da identidade do professor, principalmente quando leva a entender os motivos pelos quais ele escolheu a docência, pois, embora o magistério seja importante para a sociedade, é uma carreira de desprestígio social e envolta em baixos salários, podendo-se afirmar que a identidade docente deve ser construída por meio de seu contexto histórico-cultural e não somente pelos saberes adquiridos em sala de aula.

De acordo com Silva (2017), em vários estados a escola teve uma avaliação negativa no ensino, devido à formação docente e aos métodos utilizados no ambiente educacional. Segundo Silva; Moreira (1998), a categoria intelectual permite que se reconstrua o trabalho do professor, oferecendo uma base teórica para que esse trabalho não seja compreendido como simplesmente técnico, para Silva (2005) o currículo se transformou em uma questão de organização.

Os professores negligenciavam e não cumpriam os seus deveres e faltavam livros que eram indispensáveis e não eram fornecidos aos alunos pobres. Os livros escolares, devido à relação de poder entre editores, autores, governo e as mudanças curriculares, tinham caráter descartável, pois não eram vistos como materiais culturais para serem inventariados e cuidados (CASTELLANOS, 2022).

O baixo salário não incentivava a vocação para o magistério, ocasionando, na maioria das instituições educacionais do início do século XX, profissionais da educação totalmente despreparados para o ensino (ANDRADE, 1984). O ensino primário passou por um longo período de ausência de recursos para a criação de escolas, adicionada à ausência de formação de professores (SILVA, 2015). Em um estabelecimento de educação infantil, lidar com a criança pequena vai além da assistência e proteção, apontando para uma atividade mais ampla que é o educar (ALMADA, 2018) – o que, infelizmente, não se reconhece neste trecho registrado de ‘Cazuza’.

A criança, desde muito pequena, começa a desenvolver o seu comportamento devido à persuasão cultural produzida pelas gerações que a antecedem. Os professores têm um papel

importante, já que a criança não tem condições de conquistar a cultura humana sozinha, sendo questionada a formação do professor, pois a educação infantil está direcionada à ideia de brincar espontaneamente (SILVA; SOUSA, 2018).



FIGURA 2- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa de 1992. Essa imagem mostra a representação do professor no livro 'Cazuza', no início do século XX.

A metodologia de ensino aplicada na escola do povoado estava vinculada e espelhava os conceitos acionados por uma formação discursiva sobre educação, que exacerbava o aspecto negativo do ambiente educacional para o menino 'Cazuza', que, em seus discursos sobre esse momento educacional, descrevia a didática pedagógica como barulhenta, enfadonha, cheia de situações em que os alunos sofriam castigos físicos e psicológicos:

A escola inteira falava horrorizada de dois suplícios que eu ainda não tinha tido ocasião de presenciar.

Um deles era ficar o aluno de joelhos sobre o grão de milho. O outro, a “orelha de burro”. À cabeça do menino colocavam-se duas enormes orelhas de papelão e fazia-se o desgraçado passear pelas ruas, vaiado pelos companheiros.

Em meados de fevereiro a frequência da escola começou a diminuir. E quando março entrou, com as suas imensas cargas d’água, não passavam de doze ou quinze os meninos que compareciam às aulas

O velho João Ricardo cada vez ficava mais mal-humorado. E, ao lançar os olhos para os bancos vazios, resmungava ameaçadoramente. (...) Escola é Escola! Não é pilheria, não é brincadeira! Não era por brincadeira que os alunos não iam às aulas, mas pelos obstáculos das enchentes naquela aguda quadra das chuvas (CORRÊA, 2011, p.39 e 40).

Andrade (1984), refletindo o interdiscurso deste trecho do livro ‘Cazuza’, expõe como se processava a educação moral e intelectual do período, com o uso da palmatória, das orelhas de burro, joelhos sobre grãos de milhos e braços abertos no canto da sala de aula. Por meio dessa concepção era formada a mente do saber, que ensinava o aluno a aceitar sem discutir. A concepção de criança e infância prevalecente ainda era muito antiga, pois, nesse tipo de cultura, a criança é considerada um adulto em miniatura, sem direitos, sendo suas vozes silenciadas, prevalecendo a do docente (MELO; CHAHINI, 2017). A escola era vista como um passaporte para a vida adulta, um alicerce na vida social. Estratégias educacionais de formação, instrução e civilização estabelecem uma maneira de preparar a infância e a adolescência para saberes e habilidades que lhe serão requeridos na vida adulta (QUADROS, 2020).

Na concepção vigotskiana a criança, não está integrada ao “despreparo e nem a incompletude”, pois ela é um ser em crescimento e o seu comportamento é determinado pelas situações que ela experimenta, como a manipulação, rejeição ou aceitação. Em suas etapas de desenvolvimento, a criança “distingue-se por uma sensibilidade seletiva frente a diferentes formas de inserção na sociedade, como tipos de ensino ou de influência dos adultos”. (ALMADA, 2018, p.19).

De acordo com Silva (2005), o sistema educacional buscava uma mudança radical, na qual a escola funcionasse como uma indústria, ou empresa comercial, constituindo uma das vertentes dominantes do século XX. Os sistemas educacionais serviam para apresentar e organizar linhas definidas, dos acontecimentos no final do século XIX e início do século XX até a atualidade. Seria preciso um olhar coerente dos métodos educacionais, como a expressão da vida coletiva, o que só ocorreu no final do século XIX e início do século XX, havendo uma tendência acentuada para ideias de progresso e avaliação dos costumes do tempo, por meio de confrontos de civilizações do passado, com base em formular padrões de vida, em “oposição à

influência de ideias de renovação, de caráter de mudança e de transformação social” (BOTH; ARAÚJO, p.865).

No livro, os métodos aplicados pelo professor do povoado ocasionavam o afastamento das crianças do meio educacional, pois a escola não era um lugar atrativo, como foi descrito na primeira apreensão da personagem ‘Cazuza’. Esse afastamento deixava o professor cada vez mais nervoso e, à medida que chegava o inverno, menos alunos compareciam à escola, e como forma de represália pelo esvaziamento da sala e conforme o método de ensino vigente, ele empunhava a palmatória e dava um bolo em todos os presentes. “[...] Então, por que chove, ninguém vem para a escola? E empunhando a palmatória: - Passem todos para o bolo!” (CORRÊA, 2011, p.42). Corroborando com essa informação do livro, Silva (2005) registra que os docentes de todas as épocas sempre estiveram envolvidos em um currículo escolar, de uma forma ou de outra, mesmo que essa palavra específica “currículo” não designasse as suas atividades. “Nas escolas localizadas no interior das províncias, o ensino se resumia ao ato de ler, escrever, contar e crer, constituindo-se num ensino de nível mais básico.” (SILVA, 2015, p.38).

Os programas culturais de cada época no meio escolar refletem a imagem dominante da sociedade, que tem utilizado e produzido os modos de apropriação das disciplinas acadêmicas. No Liceu Maranhense, para dar um bom exemplo, a relação de livros adotados e aprovados na instrução primária continha obras inglesas, francesas, portuguesas e inúmeras obras de autores nacionais sugeridas para o ensino (CASTELLANOS, 2022). Mas essa realidade não era a regra; antes, era a exceção. “No Maranhão, as Escolas Estaduais eram vistas como ineficientes, devido entre outros aspectos, à ausência de um corpo docente especializado que fizesse uso de novos métodos de ensino” (SILVA, 2015, p.103).

A falta de docentes habilitados era um problema que não se restringia somente ao ensino primário, tendo o ensino secundário igual deficiência com poucos professores formados por faculdades de letras ou filosofia. A educação moral e intelectual do período era processada por meio de obras implacáveis da palmatória, pela escrita amarrada na testa, orelhas de burros, com os braços abertos num canto da sala de aula e pela posição de joelhos sobre os grãos de milho (ANDRADE, 1984). Os professores e professoras tinham pouco repertório de conhecimentos, arduamente teriam elementos que lhes permitissem compreender os interesses que permeiam o campo educacional que estava comprometido com a lógica capitalista. “Consideramos que a formação docente, interposta pelo pragmatismo e voltada para o desenvolvimento das competências[...]. A pedagogia das competências

reelaborou e incorporou, na última década do século XX, o construtivismo” (BOTH; BISSOLI, 2022, p.4).



FIGURA 3-- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem representa a metodologia, usada pelo professor do povoado no livro ‘Cazuza’ no início do século XX: a palmatória.

Cazuza, em seu discurso, narra a história do seu colega de escola que era conhecido pelo apelido de Pata-choca, que comia terra e tinha muita dificuldade na aprendizagem e, devido a isso, era castigado física e psicologicamente em meio às práticas pedagógicas do docente, com o consentimento do seu pai, que era leigo nos conhecimentos educacionais. Com isso, é observável que a escola daquele período encarnava uma função para além da educacional: a social. O Pata-choca não aprendia por sofrer enfermidades que dificultavam o seu desenvolvimento escolar, como é apresentado neste trecho:

-É mesmo!- afirmou João Ricardo – Não é mais possível aturá-lo. Leve-o. Leve-o de uma vez. O senhor é pai, pode fazer o que quiser. Eu é que não posso mais fazer nada. São três anos. Durante três anos castiguei-o, dei-lhe bordoadas, fiz tudo que estava nas minhas forças e nada, absolutamente nada consegui. Leve-o, leve-o, que eu perdi completamente a paciência! [...]. O Pata-choca vinha caminhando pesadamente. No lugar das orelhas trazia duas grandes, duas enormes orelhas de asno talhadas em papelão. Atrás, um bando de garotos, vaiando-o. [...] O médico fixou-lhe o olhar, severamente: - Como deixou este menino ficar nesse estado? [...] O que essa criança tem são bichas. As bichas é que o fazem comer terra (CORRÊA, 2011, p.69,70 e 76).

Lopes (2019), em convergência interdiscursiva com esse trecho do livro ‘Cazuza’, afirma que uma base curricular organizada pressupõe um conjunto de conteúdos que contêm o poder de transmitir conhecimentos a ser ensinados e aprendidos, como trajetória de vida, projetos indenitários e o esforço para conter a imposição da leitura curricular como única correta e obrigatória. Segundo Rodrigues; Pereira; Mohr (1984), as escolas passam por uma crise crônica das contradições, pois são instituições que contribuem para a reprodução e para a transformação social. A educação da criança historicamente estava sob responsabilidade específica da família durante muitos séculos. No convívio com outras crianças e com os adultos, elas aprendiam regras da sua cultura, normas e tradições (ALMADA, 2015).

No discurso do autor do livro ‘Cazuza’, o método usado pelo professor do povoado era repetitivo e a aprendizagem era vagarosa, levando até dois anos para uma criança aprender a escrever o nome. Para despertar o interesse da turma, o professor realizava provas caligráficas, que, segundo a personagem, eram realizadas na forma de aposta de escrita:

Nas antigas escolas roceiras, os exercícios de caligrafia se aprendiam vagarosamente. Levava-se de janeiro a dezembro não fazendo outra coisa senão cobrir ”pauzinhos” e raramente uma criança consegue assinar o nome em menos de dois anos.

Na verdade, a escola inteira estava estimulada. A aposta de escrita tinha o segredo de despertar aqueles pobres espíritos embrutecidos pelas repreensões, cascudos, palmatoadas com que antigamente se metiam as lições na cabeça dos meninos (CORRÊA, 2011, p.57).

Os métodos usados pelo professor do povoado afastavam as crianças da escola, ocasionado vários discursos no meio histórico-cultural desses alunos, que englobavam opiniões contraditórias: algumas pessoas os viam de forma negativa e outras os encaravam como práticas positivas, como se pode perceber neste trecho. “- Que bárbaro qual nada! No meu tempo era mais rigoroso [...]. Sem palmatória é que não pode haver ensino” (CORRÊA, 2011, P.73). Andrade (2015) registra, historicamente, que o principal método de apreensão de conteúdo das escolas da primeira república se resumia em transbordar a cabeça dos discentes

o conteúdo dos livros. De acordo com Silva (2015), no Maranhão as escolas eram vistas como ineficientes devido à falta de um corpo docente que utilizasse novos métodos de ensino. E convém registrar que esse tipo de ensino, enciclopédico, repetitivo, fundado em castigos físicos como motores da aprendizagem, foi implantado no Maranhão por meio dos jesuítas. O ensino no Maranhão foi monopolizado pelos jesuítas até meados do século XVIII, quando todos os estabelecimentos educacionais no interior e na capital pertenciam à Companhia de Jesus. No ano de 1805, foi fundada a primeira instituição de ensino religioso criada na província depois da expulsão dos jesuítas, que foi o Seminário do Maranhão (ANDRADE, 1984).

Cazuza: a Escola da Vila - A personagem Cazuza, ao chegar à Vila do Coroatá, começou a formar outra concepção sobre os saberes docentes, expressando um alívio por ter deixado o duro rigor da escola do povoado, com a crueza das ações e do perfil do antigo professor. A escola da vila funcionava em um casarão, com salas vastas, que deveria ter mais de meio século, e a professora tinha mais qualificação para trabalhar com crianças, seguindo outro tipo de metodologia. Cazuza expõe isso em sua narrativa:

Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já houvessem brincado comigo. Eu que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma. A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite. Dona Janoca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças. Era uma senhora de trinta e cinco anos, cheia de corpo, simpática, dessas simpatias que nos invadem o coração sem pedir licença (CORRÊA, 2011, p.88 e 89).

Promovendo o interdiscurso com esse trecho do livro ‘Cazuza’, Tenreiro; Kosciuretsko (2017) mencionam que o atendimento às crianças pequenas e o conceito de infância, no decorrer da história, vêm sofrendo mudanças rápidas e positivas, sendo necessário direcionar o olhar para os professores que acompanham essas crianças e compreender como eles organizam seu fazer pedagógico. De acordo com Hall (1997), as transformações e mudanças no cotidiano e na vida local foram precipitadas pela cultura, pois cada localidade geográfica tem ritmos e mudanças diferentes, sendo raros os lugares que estão fora dessa força cultural.

Silva; Moreira (1998) expõem que a experiência do estudante é importante para a formação do currículo e na sala de aula, passando o currículo a ser entendido como uma

configuração de métodos, relações pessoais, valores e conhecimentos. Na visão de Both; Araújo (2022), as escolas tinham um funcionamento regular e um aumento nas matrículas e frequências devido ao preenchimento das cadeiras por professoras normalistas, por serem mais hábeis e suaves, atraindo mais os escolares.

Na concepção vigotskyana, a criança não está associada à incompletude e ao despreparo, pois ela é um ser em desenvolvimento, cujo trabalho educativo, como atividades, é dirigido pelos professores em todas as suas etapas de forma intencional (ALMADA, 2015). A criança, em suas etapas de desenvolvimento, se diferencia por sua sensibilidade seletiva em diferentes formas de inserção na sociedade, como a influência dos adultos e dos tipos de ensinos (MELLO,2004). Como concebe ainda Almada (2015, p. 16): “o comportamento da criança é determinado pelas situações em que ela experimenta, manipula, rejeita ou aceita”.



FIGURA 4- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a figura de Dona Janoca, a diretora e de Dona Nenen, professora da Vila de Coroatá, no livro ‘Cazuza’, evidenciando a diferença da imagem que a personagem tinha das professoras da vila em relação ao docente do povoado.

A imagem que Cazuza tinha da professora da vila, a dona Nenén, era diferente da imagem que construiu do professor do povoado, pois a docente tinha uma imagem serena, que deixou no discurso dele uma ótima impressão:

DONA NENÉN, a professora da minha classe, foi quem primeiro me entrou no coração. Vinte e quatro anos, pouco mais ou menos, leve, magrinha, pequenina, e olhos pardos e grandes. Um rosto bonito e tranquilo e um riso tranquilo e bonito clareando-lhe o rosto. Eu nunca tinha visto moça mais linda. E tão forte impressão ela me causava com a sua beleza, que eu tirava constantemente os olhos dos livros para ficar minutos esquecidos a olhá-la. Ela, porém, me advertia:
 — Não se distraia menino, cuide da sua liçãozinha. Era uma criatura doce, delicada, suavíssima. Assim, miudinha, misturada ali conosco, podia-se pensar que fosse nossa irmã mais velha. Fazia-se respeitar porque se fazia estimar (CORRÊA, 2011, p.91).

Uma análise interdiscursiva deste trecho aponta que, na acepção de Fernandes (2004, p.230), para “estudar crianças é preciso tornar-se criança”. Segundo Tenreiro; Kosciuretsko (2017), os espaços físico e social são importantes para o desenvolvimento da criança, pois são espaços de interação e socialização, que permitem que exista uma relação entre todos. Para Silva; Sousa (2018), o mediador da relação da criança com o mundo é o educador, pois os objetos culturais só fazem sentido quando é apreendido o seu uso social.

A didática utilizada pela professora da vila suscitava outro tipo de cultura infantil, em que a docente fomentava nas crianças a feição de uma mãe, sendo instigado um ensino e aprendizagem com maior tranquilidade, passando o medo a ser substituído pela vontade de aprender motivada pelo afeto. A figura do docente para a personagem ‘Cazuza’, no início do século XX, era muito importante para a formação da cultura infantil e para o desenvolvimento histórico-cultural desses alunos, então a metodologia aplicada e o discurso desses docentes no Maranhão, por essa época, transformavam a forma com que os alunos viam o ambiente escolar. ‘Cazuza’ ressalta a didática utilizada pela escola da vila:

Não ralhava nunca. Apenas nos olhava com aqueles olhos grandes e serenos. Bastava aquilo para que nos sentíssemos arrependidos e envergonhados. Mas, quando a falta era grande, além do olhar, ela nos contava uma história. Quase sempre uma fábula ou um apólogo, com um fundo moral que mostrava o erro cometido (CORRÊA, 2011, p.91).

Em interdiscurso ao trecho do livro Cazuzza, Silva (2015) aborda que, no Maranhão, o ensino intuitivo era defendido por alguns políticos³, que sempre em seus discursos eram a favor da instalação de um novo método de aprendizagem, no entanto a aplicação dessa metodologia exigiria investir na formação dos professores e na compra de materiais. Silva (2005) menciona que as teorias pedagógicas e educacionais não são estritamente falar teorias sobre currículos, pois há antecedente na história da educação que mostra uma preocupação com a organização das atividades educacionais.

O modelo de ensino exposto no livro ‘Cazuza’, em relação à época em que a personagem morava na vila e aquele período em que morava no povoado, é o tradicional, com vestígios do ensino jesuítico, sendo baseado na repetição como forma de aprendizagem. O que mudou na forma de ensino do estudante ‘Cazuza’, do povoado para a vila, foi a didática utilizada e o fato de a professora ser mais qualificada, por vir da capital, passando a docente a ter uma preocupação com as etapas da infância e que tipo de cultura as crianças levam para o seu meio educacional. Cazuzza menciona isso, ao abordar o discurso da professora sobre diferenças sociais, no momento em que ela repreendia a classe por conta de um problema acontecido entre os alunos:

E tornando a voz mais doce:
 - Você julga que vale muito porque é rico. Ninguém deve gabar-se de obra que não fez. Essa riqueza, de que você tem tanto orgulho, foi você que a juntou com a sua inteligência, com o seu suor e com o seu esforço? Pensa você que o Custódio lhe é inferior porque é pobre? Pois é justamente a pobreza que lhe dá valor. Sendo paupérrimo, o Custódio come mal, dorme mal e o tempo que deve empregar no estudo, emprega-o em serviços caseiros, para ajudar os pais. A lição que ele traz sabida vale mais do que a lição sabida que você traz. Você tem tempo e conforto. Custódio não tem nada, senão a vontade de aprender, o brio de cumprir o seu dever de estudante (CORRÊA, 2011, p.97, 98).

Silva (2015), em concepção interdiscursiva com esse pequeno trecho do livro ‘Cazuza’, expõe que as professoras, ao fazer alguma repreensão, deixavam a voz doce e nunca a alteravam, pois reconheciam a sua missão demonstrando interesse pela educação, usando métodos para que as crianças sentissem vontade de frequentar as aulas. Para Silva (2005), as teorias de currículo estão envolvidas em desenvolver critérios de seleção, que justificam as respostas que serão abonadas a determinada questão.

³ Arthur Quadro Collares Moreira, Benedito Leite, Alexandre Collares Moreira e outros. SILVA, Diana Rocha da. **A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão (1903-1920)**. São Luís-MA: Editora UEMA, 2015.p.99.

A formação discursiva com que alguns personagens do livro ‘Cazuza’ se relacionam, vinculada ao campo da educação, vem da base do seu meio cultural. Isso pode ser percebido, por exemplo, no discurso do velho Honorato, que não compreende como as crianças aprendem sem castigo, ou no de Lelé Romão, que não via futuro em ir à escola, já que os seus antepassados nunca frequentaram o meio educacional.

- O pequeno está crescendo. Cada dia que se passa é um dia que se perde. Aproveitemos, enquanto ele é novinho. Talvez se possa fazer do Macário um grande homem.

- Eu tenho necessidade dele no mato, para me ajudar. Ele que vá à escola depois que anoitecer, que eu, por exceção, o ensinarei à noite.

- À noite ele quer dormir.

[...]. Lelé Romão ria como se ela tivesse dito um disparate.

- Essa é boa! Meu avô viveu até os oitenta anos. Meu pai morreu com setenta e cinco. Eu, nestes vinte anos, ninguém me pega lá no outro mundo.

- Eu falo viver, viver com o espírito. Sem instrução não há felicidade. [...].

O velho Honorato não podia compreender que a diretora não usasse castigar os alunos (CORRÊA, 2011, p.121, 136).

Sobre este aspecto instrumental da educação, Ghedin (2012) expõe que o educador deve analisar o sentido econômico, político e cultural que cumpre a escola, pois o conhecimento resgata a dignidade do ser humano, no meio da cultura a que ele pertence. Já para Arroyo (2012), nas pedagogias escolares, os jovens e crianças são obrigados a esconder as experiências do seu convívio social.

Cazuza: a Escola da Cidade - A etapa seguinte ao ensino na Vila é a ida de Cazuza para a capital do estado, São Luís, para dar continuidade aos seus estudos. E, na nova cidade, ele vai encontrar um novo tipo de espaço educacional, sendo o terceiro na sua trajetória discente.

Cada espaço educacional frequentado por ‘Cazuza’ seguia métodos didáticos diferenciados, proporcionando espaços culturais e saberes docentes distintos. Estavam, no entanto, todos inseridos em uma mesma formação ideológica e discursiva, que via a escola como um espaço para o academicismo, com a aprendizagem alcançada por meio do ensino enciclopédico e da educação tradicional – uns usando, para alcançar essa aprendizagem, métodos mais embrutecidos, outros mais delicados.

O colégio que o jovem ‘Cazuza’ foi frequentar na capital era denominado Internato Timbira e ficava no largo do Palácio, num velho sobrado de azulejo, onde funcionavam as aulas primárias e secundárias, como fica registrado pela personagem em meio a sua cultura infantil no ambiente educacional:

O Colégio Timbira ficava no Largo do Palácio, num velho sobrado de azulejos, com a frente voltada para o mar. Era um casarão imenso, de

escadaria afidalgada, com muitas janelas, muitas salas e muitos quartos. Embaixo funcionavam as aulas primárias e secundárias; em cima, a secretaria, a sala de estudos, o refeitório e o dormitório. O diretor, o velho Lobato, devia orçar pelos sessenta e poucos anos: alto, magro, rosto chupado e bigode branco. Tinha voz de orador e não sabia falar senão em tom de discurso. Passava por ser o mais competente educador da cidade. Realmente, havia nascido para ensinar. Quando faltava algum professor primário ou secundário, de qualquer que fosse a disciplina, ele o substituíria de pronto, e dificilmente se ouviam, naquela sala, aulas mais agradáveis que as suas aulas improvisadas (CORRÊA, 2011, p.167).

Estabelecendo uma relação interdiscursiva, Silva (2015) aborda que as escolas no Maranhão eram instaladas em locais sem estruturas e antigos, dificultando um bom andamento das aulas. No Maranhão, o governo estadual deu permissão para que os grupos escolares do início do século XX ocupassem os prédios das escolas estaduais, que eram malcuidadas e apresentavam várias falhas estruturais, como vidraças quebradas.

Cazuza, em seu discurso sobre os saberes docentes da escola da capital, registra que ele não tinha somente um professor; a personagem descreve a convivência com vários saberes docentes diferentes:

No começo, tive dificuldade em fixar os professores na memória e, mais de uma vez, os confundi com inspetores, vigilantes e contínuos. É que eles eram muitos e revezavam-se constantemente: alguns do curso secundário, de quando em quando, vinham dar aulas a nós do primário; alguns do primário sumiam-se passando semanas inteiras nos salões do secundário. [...]. Havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros. Deles todos o mais curioso era o João Cância. Tipo feio, magro, míope, compridão, esquisitão. Morava no próprio colégio, num quartinho atulhado de livros (CORRÊA, 2011, p.168).

Arroyo (2008) registra, interdiscursivamente, que o saber-fazer dos professores do passado deixou a sua marca nas práticas dos docentes da atualidade, pois os traços e dimensões desse saber-fazer sobrevivem em todos nós, conduzindo a infância em seu processo de formação, aprendizagem e socialização. É o que se percebe também na descrição que 'Cazuza' faz dos tipos de professores, que engloba tanto os autoritários, que ainda davam cascudos, quanto os bons. Silva; Moreira (1998) registram que o currículo confronta as diferentes linguagens, culturas, alunos, professores e administradores. Os docentes eram contratados para escolas primárias, que continham uma péssima condição de trabalho, usando por diversas vezes seus salários para comprar materiais escolares para ministrar suas aulas, devido à precariedade e à falta de recursos didáticos nas escolas. O Estado, ao contratar os

professores, optava pelos solteiros, pois não encontrariam dificuldades caso fossem transferidos para escolas longe da capital, ou seja, as instituições do interior e não tinham muitas despesas com a família (BOTH, 2022).

Percebe-se, na narrativa de ‘Cazuza’, certo receio em relação à figura masculina como professor, devido a sua primeira experiência no meio educacional. Entretanto, esse sentimento é quebrado com as práticas pedagógicas usadas pelo professor João Câncio, como fica exposto em seu discurso:

No primeiro momento causava impressão desagradável. O ar tristonho, o corpo esguio, o todo desajeitado, metiam medo. Mas, aos poucos ia-se-lhe notando na fisionomia qualquer coisa de doçura e de bondade e, nos olhos, um ardente clarão de inteligência (CORRÊA, 2011, p.169).

No interdiscurso com essa parte do livro, Castellanos (2015) menciona que, em relação à educação feminina, no século XIX, a educação formal era proibida por parte dos homens, e as mulheres dotadas de poucas letras não conseguiram se adaptar aos estudos, devido a sua condição cultural, não sentindo necessidade de se alfabetizar. As famílias entendiam que as moças não tinham a necessidade de estudo, como é mencionado por Castellanos (2010, p.193-194): “Naquela época as famílias entendiam que moças não tinham que estudar, não deveriam saber ler, nem saber escrever”.

Os grupos escolares do início do século XX passaram a ser constituídos preferencialmente pela presença feminina, já que em todo o país a mulher passou a deixar a sua marca na educação; entretanto, os professores do sexo masculino tinham salários 25% mais altos que o das professoras, mesmo os que fossem lecionar no interior do estado. E também se nota que os professores homens tinham um papel de destaque na sociedade. “A questão de gênero serviu também para expressar os privilégios oferecidos aos professores do sexo masculino” (SILVA, 2015, p.114). A imagem que o autor-personagem faz do professor João Câncio serve como fragmento dessa realidade, notada nas escolas e espelhada na literatura.

Cotidianamente, as professoras executavam um ritual, a partir da chegada antecipada na escola, com a finalidade de vistoriar e fiscalizar todas as dependências da instituição, vistoriando os alunos, inspecionando as roupas, mãos, unhas, cabelos e calçados, pois os alunos deveriam apresentar critérios de higiene que estava disposto no Regime interno de 1904. A escola não estava isenta de interferência de fora, como um ambiente asséptico, que fosse apropriado para a educação, processando e obedecendo a um programa curricular (ALMADA,2015).

Na escola da capital, Cazuza pôde perceber a diferença didática aplicada pelos docentes, usando eles métodos diferentes, tanto daquele do povoado quanto do da vila. A educação, na escola da capital, passou a ser voltada mais para as questões sociais, pois a personagem começou a ter contato com várias culturas diferentes, já que, em seu meio socioeducacional, ele pôde conviver com essas situações:

O Jaime vivia adulado. Inspectores, vigilantes, contínuos e serventes, todos lhe queriam ser agradáveis, como se ali estivessem unicamente para lhe prestar homenagens. Se pedia licença para sair mais cedo, saía; se chegava tarde, não se lhe dizia palavra. Os professores, muitos deles, iam até o escândalo. Elogiavam, em plena aula, tudo que ele fazia de bom e fechavam os ouvidos e os olhos para não ouvir e não ver o que praticava de mau. Com Floriano era o contrário. Esqueciam tudo de bom que ele fazia. As suas provas e as suas lições eram as mais belas do curso. Mas, a não ser o João Cância e o velho Lobato, nenhum professor as louvava. Aquela gente não podia admitir que o filho de uma pobre preta engomadeira estivesse acima de um menino rico, filho da mais rica família da cidade (CORRÊA, 2011, p.178).

Em interdiscurso ao trecho do livro ‘Cazuza’, Quadros (2020) expõe que havia um número significativo de negros na população maranhense, no entanto observa-se que existem poucos estudos que abordam a presença de negros nos espaços educacionais, pois a educação era cunhada pela elite para as camadas mais populares, as crianças negras e pobres no Maranhão no final do século XIX e início do século XX estavam saturadas do viés civilizatório, pois era preciso civilizar a população por meio da instrução. A influência positivista estava cada vez mais presente no ensino, com a implantação do novo regime, que foi implantado na primeira reforma decretada pelo governo provisório, em 1890. “Daí a natureza das escolas e o papel que elas desempenhavam como lugar de formação totalmente separados da produção, contribuindo, à sua maneira, para reproduzir as relações sociais de produção vigentes” (ANDRADE, 1984, p.31).

‘Cazuza’ ressalva essa diferença social que acontecia no seu ambiente escolar também em outro momento de seu discurso:

Desde muitos anos, havia no Timbira a medalha de ouro — prêmio de honra — para o estudante mais aplicado do curso. Aplicação não era privilégio de ninguém, mas sim virtude de quem tinha força de vontade. E, força de vontade, qualquer pessoa podia adquirir, desde que quisesse. [...] Durante a semana ouviu-se no colégio um zunzum atordoante de boatos. Ora, a notícia de que tal ou qual professor garantiria a medalha de ouro ao Jaime; ora que o pai do Jaime conversara com o diretor, pedindo-lhe a medalha de ouro para o filho (CORRÊA, 2011, p.200 e 212).

Andrade (1984), em interdiscurso com os trechos do livro ‘Cazuza’, aborda que a corrupção no sistema educacional é reflexo da corrupção em vários níveis do meio social da época. Na visão de Silva; Moreira (1998), o discurso dominante nas instituições tem contribuído para a rejeição das vozes e experiência dos discentes, para Silva (2005) o currículo é resultado de uma seleção de saberes e conhecimentos, sendo selecionadas as partes precisas para a construção de um currículo. Os aspectos não estruturais, como disciplinamento, ordenação social, moralização e inculcação de valores cívicos-patrióticos foram instituídos pelos discursos de aceitação e transmissão como projetos civilizados pelos sujeitos sociais envolvidos nos métodos de escolarização. Durante o limiar do século XX, ocorreram várias reformas no cenário educacional maranhense, já que o número de analfabetos era um fato preocupante para o estado que tinha uma capital que ostentava o codinome de Atenas Brasileira (SILVA, 2015).

5. ENCONTRO DE REALIDADES À LUZ DA PRODUÇÃO DE SENTIDO

Análise do Discurso é uma teoria leitura que se debruça sobre o discurso, diferenciando-se claramente de uma análise de conteúdo (FRANÇA; FERREIRA, 2002). É uma teoria da linguagem, pois é por meio da linguística que é permitido estudar o que fazer com a linguagem, ou seja, o discurso (GREGOLIN, 2006).

No percurso da formação de uma teoria da análise de discurso, houve a formação de diversas correntes e seus autores de base. Para este estudo, optou-se pelos pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD) e seus aspectos epistemológicos.

Um desses conceitos que nosso estudo vai trazer para a análise é o de formação discursiva. O conceito de formação discursiva, segundo Araújo (2011), é original, pois transforma a noção de linguagem do sujeito, da verdade e da ciência: “A formação discursiva, portanto, intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes que materializam a contradição entre diferentes posições ideológicas.” (MUSSALIN, 2012, p, 139).

Um dos pensadores que estruturou um conceito de formação discursiva foi Michel Foucault, para quem a formação discursiva, a partir das regras que a determinam, apresenta-se como um sistema de relações entre tipos de enunciados, objetos, estratégias e conceitos, pois todos esses elementos a caracterizam. Haroche, Pêcheux e Henry, autores também que formaram a base conceitual da AD francesa, mencionam os processos característicos de uma formação discursiva:

Chamaremos de semântica discursiva a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, essa análise que leva em consideração o elo que liga esses processos às condições nas quais o discurso é produzido (HAROCHE; PÉCHEUX; HENRY, 2007, p.27).

Para a AD Francesa, a linguagem é apresentada como um espaço em que a ideologia se materializa, pois a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, já que a linguagem é uma via na qual se pode deduzir o funcionamento ideológico (MUSSALIN, 2012). A ideologia é caracterizada pela definição de um conteúdo, “pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade”, sendo necessária, para que aconteça, uma relação entre a linguagem e o mundo (FRANÇA; FERREIRA, 2022, p. 29).

Com base nos parâmetros da metodologia de Análise do Discurso da linha francesa, será analisada a produção de sentido da obra ‘Cazuza’, por meio da produção de sentido,

sendo que a formação discursiva e ideológica do livro de Viriato Corrêa, será analisada a partir também do que fica registrado no interdiscurso que se verifica no livro.

Cazuza, em seu discurso de menino de escola, mostra a realidade da educação brasileira e maranhense no início do século XX, a personagem do livro em seu âmbito educacional se confronta com três realidades diferentes durante a sua trajetória. A escola do povoado foi muito marcante durante toda a etapa educacional de Cazuza, por ser uma fase em que o menino estava em um período de transição da vida infantil, pois iria trocar os vestidinhos por calças de meninos, como Corrêa (2011) esboça:

NÃO ME LEMBRO qual a minha idade quando ficou decidido que, no ano seguinte, eu entraria para a escola. Mas eu devia ser muito e muito pequeno. Tão pequenino que não pronunciava direito as palavras e ainda chupava o dedo e vestia roupinhas de menina. Mas não imaginem que eu fosse um menino excepcional, desses meninos-prodígios, ajuizados e sisudos, que não riem, não brincam e não saltam, dando à gente a impressão de que já nasceram velhos. Pelo contrário. Eu era uma criança alegre, traquinas e estouvada, que vivia correndo pelo quintal e fazendo estripulias pela casa. Dois motivos é que me deram vontade de estudar. O primeiro deles — as calças. Desde que me entendi, tive a preocupação de ser homem e nunca me pude ajeitar nos vestidinhos rendados de menina. Sempre olhei com inveja os garotos mais taludos do que eu, não porque eles fossem maiores e gozassem regalias que os garotinhos não gozam, mas porque usavam calças. Minha mãe prometia frequentemente: — Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos. E, por amor às calças, comecei a mostrar amor aos livros. O segundo motivo é que o primeiro contato que tive com uma escola foi através de uma festa. E ficou-me na cabeça a ideia de que a escola era um lugar de alegria (CORRÊA, 2011, p.14).

Em interdiscurso ao trecho do livro, vamos analisar a Cultura Infantil da personagem. Cazuza, que nasceu no sertão maranhense, às margens do Rio Itapecuru, no alto da ribanceira, na cidade de Pirapemas, um povoado que continha vinte ou trinta casas e apenas uma rua. Em toda obra é retratada a cultura infantil das personagens, mas no povoado foi onde o menino de escola viveu as suas primeiras manifestações culturais vinculadas ao meio educacional. Na narrativa do livro, é possível observar, em meio à formação discursiva e ideológica vivenciada pelas personagens, a delicadeza de ser uma criança pequena, em meio ao silenciamento dos adultos. Para Araújo (2011), o enunciado não é neutro, já que ele toma efeito e funciona numa prática discursiva, que é considerada por produzir a verdade especialmente na modernidade.



FIGURA 5- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a mãe da personagem Cazuza fazendo a passagem da cultura dele, em que ele troca os vestidinhos pelas calças de meninos.

A ordem do discurso era baseada em quem possuía mais autoridade, ocasionando silenciamento das vozes oprimidas, refletindo como uma alienação, em que a criança pequena era sufocada em seu próprio meio cultural. A Formação Discursiva a que Cazuza se vinculava sobre escola foi abarcava dois momentos: a passagem do seu estilo de roupas (negação do estilo feminino de vestir-se) e a festa da Palmatória (proximidade de uma noção de escola com o sentido de festa e de brincadeira), como é ressaltado por Corrêa (2011, p.15,16):

As escolas antigamente não tinham, às vezes, mobiliário que prestasse, material de ensino que servisse, professores que cuidassem das lições, mas... uma palmatória, rija, feita de boa madeira, não havia escola que não tivesse. No espírito das crianças a palmatória tomava a feição de um monstro. Punham-se-lhe em cima todos os nomes feios. Chamavam-lhe a "danada", a "tirana", a "malvada", a "bandida". A meninada vingava-se dela no fim do ano, fazendo-lhe uma festa gaiata, com algazarra e cantoria. Era isso a 7 de dezembro, justamente no dia em que se encerravam as aulas. Festa de infinita singeleza e de infinita ingenuidade, como costumavam ser as festas infantis. A escola amanhecia enfeitada com ramos e palmas verdes. Flores, muitas flores na mesa e na cadeira do professor. A palmatória, amarrada com laços de fita, pendia dum prego, na parede. Os meninos, mais bem vestidos que nos outros dias, iam cedinho para a porta da escola, brincar. Quando o professor apontava ao longe, cessava o brinquedo. Faziam-se alas. Ele entrava comovido, ia para junto da mesa e encerrava as aulas com um

discurso. [...] O discurso do professor, as flores e as palmas verdes, a alegria da meninada, passeata, assanharam-me o sangue. Voltei para casa contentíssimo. Fiquei tendo da escola a ideia de que era um lugar agradável, que dava prazer à gente. E daí por diante não falei mais noutra coisa. Todo livro que eu apanhava, abria-o com solenidade e punha-me a recitar o me vinha na cabeça, fingindo que o estava lendo.

Meu pai e minha mãe achavam uma infinita graça naquilo. E decidiram que, ao recomeçarem as aulas, em janeiro, eu teria finalmente as minhas calcinhas de menino e um lugar nos bancos da escola (CORRÊA, 2011).

No primeiro dia de aula para a personagem Cazuzá, o menino mudou a apreensão sobre a ideia da escola, pois a visão que ele tinha acerca do professor João Ricardo mudou a imagem infantil e alegre do ambiente escolar; foi substituído por uma imagem rígida, que tonava o ensino e a aprendizagem desagradáveis, não despertando o interesse das crianças pequenas. Mussalin (2012) menciona que a identidade do sujeito é garantida pelo outro, determinando a sua posição desde a sua aparição.



FIGURA 6 - Imagem retirada da obra ‘Cazuzá’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata o professor do povoado, João Ricardo, usando o castigo físico como metodologia de ensino e aprendizagem.

Segundo Corrêa (2011, p. 20), a visão que ele teve do seu professor, João Ricardo, foi a de “um homem velho, bigode branco, óculos escuros, pigarros de quem sofre de asma”. Na descrição do autor, o educador tinha a cara amarrada e usava, como procedimentos didáticos o

castigo físico, sendo mais corriqueiro o uso da palmatória, que era chamada de malvada, tirana, bandida e danada. Esses métodos eram vistos como habituais no meio educacional desse período, tornando a escola um lugar de medo, tristeza, um ambiente feio e enfadonho, como é descrito pelo protagonista:

À tarde, quando os meus companheiros me vieram buscar para os brinquedos de costume, eu estava murcho, mole, fatigado e triste.

A Chiquitita perguntou-me, curiosa:

- Cazuza, você gostou?

Eu quis enganar a mim próprio, escondendo a minha decepção, mas o Vavá, que ainda tinha as orelhas a arder, respondeu prontamente:

- Gostou nada! Quem pode gostar daquilo?! É um inferno!

O Ioiô fez uma careta e disse triunfante:

- Eu tinha ou não tinha razão? Eu sabia! Vanico me contou. Se escola é aquilo, eu juro que lá não entro.

Escola, realmente, não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia.

Escola devia ser um lugar agradável, cheio de atrativos, de encantos, de beleza. De alegria, de tudo que recreasse e satisfizesse o espírito (CORRÊA, 2011, p.33).

No povoado, as representações culturais das crianças, como as suas brincadeiras, o seu jeito de ser criança, estavam em oposição à descrição que Cazuza faz do ambiente escolar, já que a escola ideologicamente simbolizava uma passagem para a vida adulta. No meio educacional, as crianças tinham as suas vozes silenciadas e oprimidas, seguindo os ensinamentos e costumes do período, que tinha a educação ainda baseada no ensino jesuítico ou de primeiras letras, que eram ministrados Brasil no período imperial. Segundo Brandão (2021), a formação discursiva reúne um conjunto de textos ou enunciados que são marcados por características comuns, neste caso, toda a cosmovisão que se construiu, historicamente, sobre o ensino jesuítico-enciclopédico brasileiro nos primeiros séculos do país, que se dispersa por diversos textos – de documentos oficiais a artigos de jornal, passando pelos livros usados na escola.

Apesar da mudança de sistema governamental no Brasil, a educação ainda estava em desenvolvimento, principalmente nas cidades do interior, sendo comum o uso de castigos físicos e psicológicos como forma de aprendizagem. Na obra do Viriato Corrêa, é possível ver os diferentes pensamentos sobre o processo educacional vivenciado pela personagem ‘Cazuza’. Ao analisar as diferentes ideologias e formações discursivas, é possível compreender o processo histórico em que a educação se desenvolvia no início do século XX.



FIGURA 7- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata as crianças em seu momento sociocultural no povoado, retratando a cultura infantil vivenciada pelas crianças do povoado.

No povoado onde Cazuza morava, as crianças eram muito unidas e passavam o dia brincando e conversando, conseqüentemente a escola, na visão cultural das crianças da época, tornou-se uma forma de repreensão da cultura infantil, devido à metodologia que era utilizada. O ambiente escolar também não era muito convidativo, pois as escolas no interior do Maranhão e em outras partes do país funcionavam em casas velhas, sem recursos financeiros e sem estrutura. A produção de sentidos que é analisada nesse trecho da obra é justificada, pois, segundo Foucault (1986), a formação discursiva estabelece uma única e mesma coisa, pois não se caracteriza por princípios de construção, e sim por dispersão de fato, já que os enunciados não têm uma condição de possibilidade, e sim uma lei de coexistência, caracterizado pela sua modalidade de existência. Isso pode ser verificada na construção conceitual de escola como lugar de recolhimento e de seriedade para a apreensão do conhecimento, diferente daquela noção apriorística que teve o menino Cazuza, ao se deparar com a Festa da Palmatória.



FIGURA 8- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992, mostrando as crianças estudando na escola do povoado.

A técnica de ensino aplicada na escola do povoado estava vinculada e refletia os conceitos acionados por uma Formação Discursiva sobre educação que aguçava o aspecto negativo do ambiente educacional para o menino Cazuza, que, em seus discursos sobre esse momento educacional, descrevia a didática como barulhenta, enfadonha, cheia de situações em que os alunos sofriam castigos físicos e psicológicos:

Após o exercício de escrita ia-se "estudar a lição". O "estudo" era gritado, berrado. Cantava-se a lição o mais alto que se podia, numa toada enfadonha. Um inferno aquela barulheira. Trinta, quarenta, cinquenta meninos gritando coisas diferentes, cada qual esforçando-se em berrar mais alto. E quando, já cansados, íamos diminuindo a voz, o professor reclamava energicamente, da sua cadeira: — Estudem! E a algazarra recrudescia. Aquela mesma coisa, semanas inteiras, meses inteiros. Nada, nada que despertasse o gosto pelo estudo. Ao contrário. Tudo era motivo para castigo: uma lição mal sabida, uma escrita malfeita, uma palavra errada, um cochicho, um ar distraído, até um sorriso. Por uma falta pequenina ficava-se de pé, no centro da sala ou à porta da rua. Se a falta era maior, punha-se a criança de joelhos no meio da sala. A escola inteira falava horrorizada de dois suplícios que eu ainda não

tinha tido ocasião de presenciar. Um deles era ficar o aluno de joelhos sobre grãos de milho. O outro, a "orelha de burro". À cabeça do menino colocavam-se duas enormes orelhas de papelão e fazia-se o desgraçado passear pelas ruas, vaiado pelos companheiros (CORRÊA, 2011, p.39).

No livro, as práticas aplicadas pelo professor do povoado acarretavam o afastamento das crianças do meio educacional, pois a escola não era um lugar atrativo, como foi intuído na primeira apreensão da personagem Cazuzza. Esse afastamento deixava o docente cada vez mais inquieto e, à medida que chegava o inverno, menos alunos compareciam à escola, e como forma de desafronta pelo esvaziamento da sala e conforme o método de ensino vigente, ele empunhava a palmatória e dava um bolo em todos os presentes. “[...] Então, por que chove, ninguém vem para a escola? E empunhando a palmatória: - Passem todos para o bolo!” (CORRÊA, 2011, p.42).

Os castigos eram presentes no ensino e aprendizagem, nessa fase da estrutura educacional brasileira, e os docentes, em regra geral, eram mal remunerados e não tinham incentivos na sua profissão, principalmente os professores do interior, que eram pouco qualificados, já que a maioria não tinha preparo didático, aceitando a profissão somente como uma forma de refúgio econômico.

Cazuzza, em seu discurso, narra o fato ocorrido com o seu colega de escola que era popularmente conhecido pelo apelido de Pata-Choca, que comia terra e tinha muita dificuldade na aprendizagem e, devido a isso, era castigado, psicológica e fisicamente, em meio às metodologias aplicadas pelo docente, com o consentimento do seu pai, que era leigo nos conhecimentos educacionais. Com isso, é observável que a escola daquele período encarnava uma função para além da educacional: a social. Em meio à produção de sentido, Gregolin (1995) aborda que a análise do discurso explica e tenta entender como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com os fatos históricos e com a sociedade que o produziu, pois o discurso é histórico, linguístico e esses dois meios devem ser analisados simultaneamente.



FIGURA 9- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. A imagem mostra o menino conhecido como Pata-Choca, que sofria castigos físicos e psicológicos na escola com o consentimento do pai, por não conseguir aprender.

Devido à falta de recursos no povoado, havia uma dificuldade em ter acesso a médicos, devido a isso as pessoas do povoado desconheciam as suas enfermidades. Pata-Choca sofria enfermidades que dificultavam a sua aprendizagem no ambiente escolar, como se percebe neste trecho:

-É mesmo! - afirmou João Ricardo - Não é mais possível aturá-lo. Leve-o. Leve-o de uma vez. O senhor é pai, pode fazer o que quiser. Eu é que não posso mais fazer nada. São três anos. Durante três anos castiguei-o, dei-lhe bordoadas, fiz tudo que estava nas minhas forças e nada, absolutamente nada consegui. Leve-o, leve-o, que eu perdi completamente a paciência! [...].
O Pata-choca vinha caminhando pesadamente. No lugar das orelhas trazia duas grandes, duas enormes orelhas de asno talhadas em papelão. Atrás, um bando de garotos, vaiando-o:
- Olhe o burro! Olhe o burro!
[...] O médico fixou-lhe o olhar, severamente:
- Como deixou este menino ficar nesse estado?
[...] O que esta criança tem são bichas. As bichas é que o fazem comer terra (CORRÊA, 2011, p.69,70 e 76).

Em interdiscurso ao livro *Cazuza*, sabe-se que havia pouco investimento no meio educacional, os professores, principalmente do interior, não recebiam qualificações, utilizando como ferramenta de ensino o que lhe foi ensinado por outros professores, tonando o ensino

repetitivo e, muitas vezes, bastante alienado. As práticas pedagógicas usadas pelo docente do povoado eram repetitivas e tonavam a aprendizagem vagarosa, levando até dois anos para um discente aprender a escrever o nome. No livro, para estimular o interesse da turma, o docente realizava provas de caligrafia, que, segundo a personagem, eram realizadas na forma de aposta de escrita:

Nas antigas escolas roceiras, os exercícios de caligrafia se aprendiam vagarosamente. Levava-se, de janeiro a dezembro, não fazendo outra coisa senão cobrir "pauzinhos" e raramente uma criança conseguia assinar o nome em menos de dois anos. Tive sempre certo jeito para desenhar. Era ainda pequenino e já vivia de lápis em punho, deitado de bruços, a fazer calunghinhas nos pedaços de papel que me caíam nas mãos. A escrita tornou-se-me fácil desde o primeiro momento. Alguns meses depois dos primeiros exercícios, já escrevia como qualquer dos meninos da classe imediata à minha. Na véspera daquele dia, o professor decidira que eu tomaria parte nas provas caligráficas. O meu interesse despertou. Fui para a escola sem a moleza e o desamor dos outros dias. Na verdade, a escola inteira estava estimulada. A aposta de escrita tinha o segredo de despertar aqueles pobres espíritos embrutecidos pelas repreensões, cascudos, palmatoadas com que antigamente se metiam as lições na cabeça dos meninos. Quando o velho João Ricardo entrou, já estávamos todos nos nossos lugares. Fez-se um grande silêncio. Era o momento de sabermos o competidor que cada um ia ter na aposta. A "aposta" fazia-se entre pares de alunos, dentro da classe. Cada par copiava um mesmo trecho de prosa e vencida o aluno que apresentasse letra mais bonita. O prêmio que se lhe dava era meter-lhe na mão a palmatória para que castigasse o vencido com uma dúzia de "bolos". O companheiro que me coube foi o Doca, que havia entrado para a escola um ano antes de mim. Recei perder: o pequeno tinha um lindo talhe de letra. Falei-lhe baixinho aos ouvidos: — Se você ganhar, veja lá, não me dê "bolos" fortes. — Eu sou camarada, seu Cazuzza, respondeu sorrindo. O julgamento da prova começou pelos maiores. Ao entregar a palmatória a cada vencedor o velho recomendava: — Não quero "bolos" de camaradagem. O "bolo" de camaradagem é nulo — repete-se. E se a repetição não prestar, sou eu quem castiga. Castigo o que perder a aposta e castigo o que não souber dar "bolos" (CORRÊA, 2011, p.57).

O ensino representado pela personagem Cazuzza dá referência a uma educação seriada, enciclopédica, em que crianças de idades e níveis educacionais diferentes tinham a sua aprendizagem em uma mesma sala e com as mesmas práticas pedagógicas. A metodologia usada pelo professor do povoado não era atrativa e afastava as crianças, pois os discentes não conseguiam assimilar o conteúdo com a metodologia aplicada pelo docente. No contexto histórico-cultural que englobava o início do século XX, havia opiniões contraditórias: algumas pessoas os viam de forma negativa e outras os encaravam como práticas positivas, como se pode perceber neste trecho. “- Que bárbaro qual nada! No meu tempo era mais rigoroso [...]. Sem palmatória é que não pode haver ensino” (CORRÊA, 2011, P.73).

Fortalecendo a formação discursiva e ideológica do livro, era como se a única forma de ensinar fosse com o uso da palmatória, das repreensões, dos cascudos e outros castigos. O professor só conseguia impor respeito se estivesse com a “malvada” nas mãos, ou seja, a palmatória se tornou uma forma de poder para reprimir seus alunos e aplicar as suas práticas de ensino, como instrumento de aprendizagem. E, como fica nítido também nos enunciados do livro, era um método reconhecido e aprovado por diversas famílias.

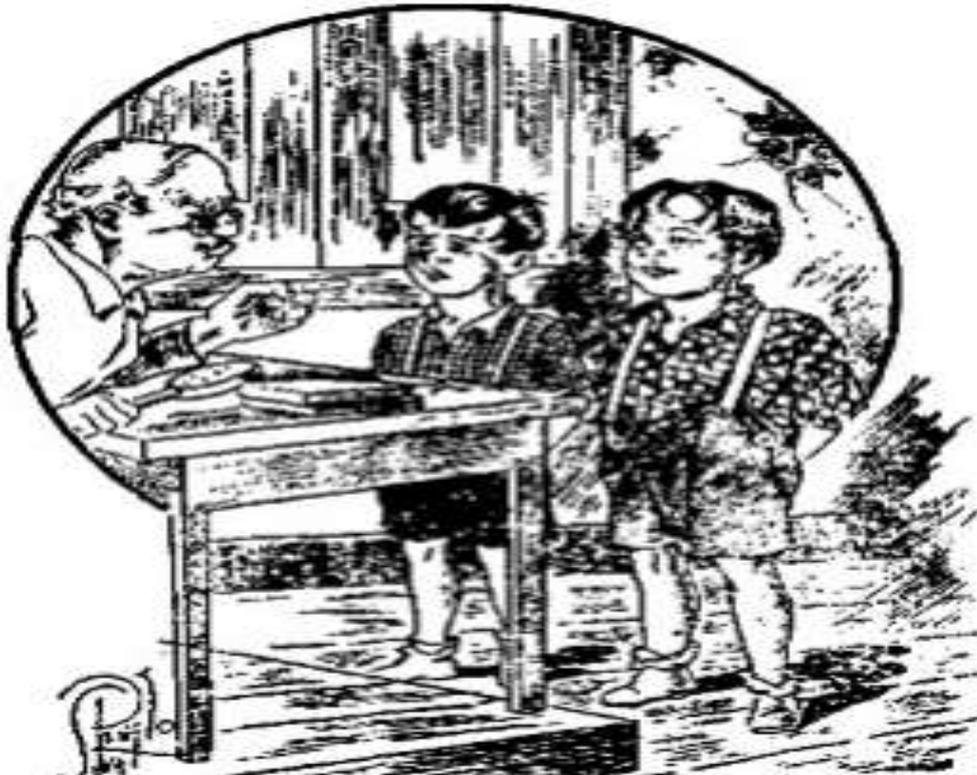


FIGURA 10- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. A figura retrata a metodologia usada pelo professor João Ricardo, na escola do povoado.

Os castigos psicológicos também eram usados como métodos de ensino nas escolas do Maranhão, que eram vistas como ineficientes, devido à falta de preparo dos docentes e dos métodos ensino utilizados no início do século XX, que foram implantados por meio dos jesuítas. Em nossa realidade atual, ainda é verídica a educação que Cazuza recebeu no início do século XX, ainda acontece em algumas regiões do país, principalmente das localidades mais pobres, onde muitas crianças são norteadas com um ensino-aprendizagem baseado em má formação docente e em escolas sem estruturas, sendo comum as crianças terem dificuldades de aprendizagem devido a sua má alimentação, ou por estar sofrendo de enfermidades.

A realidade do livro ‘Cazuza’ não está muito distante da de muitos educandos, que não têm a oportunidade de manter os seus estudos, ocasionando o abandono dos estudos. A escola, em muitas partes do país, assim como o livro mostra em sua primeira parte, acaba por infligir o choque da cultura infantil das crianças com o ambiente escolar que elas frequentavam, sendo muito difícil para as crianças no início esse atrito de realidade.

A personagem Cazuza saiu do povoado após a sabatina da tabuada, pois ele levou muitas bordoadas nas mãos, deixando a sua mãe revoltada com a forma de ensino e aprendizagem, levando a família para a Vila de Coroatá, onde as práticas pedagógicas adotadas eram diferenciadas. A personagem Cazuza só teve a oportunidade de continuar os seus estudos devido a sua família ser abastada, diferente das outras crianças do povoado que não conseguiram ter a mesma chance por não usufruir de melhores condições financeiras.

No Maranhão, como nas outras partes do Brasil, o conceito de infância vinha sofrendo modificações, sendo necessário direcionar o olhar para o professor, como ele trabalhava e organizava o seu fazer pedagógico. Na vila do Coroatá, para onde se muda, Cazuza tinha uma sensação diferenciada no ambiente escolar; ele percebeu que as crianças tinham entusiasmo por frequentar a escola, diferente das crianças que frequentavam a escola do povoado.

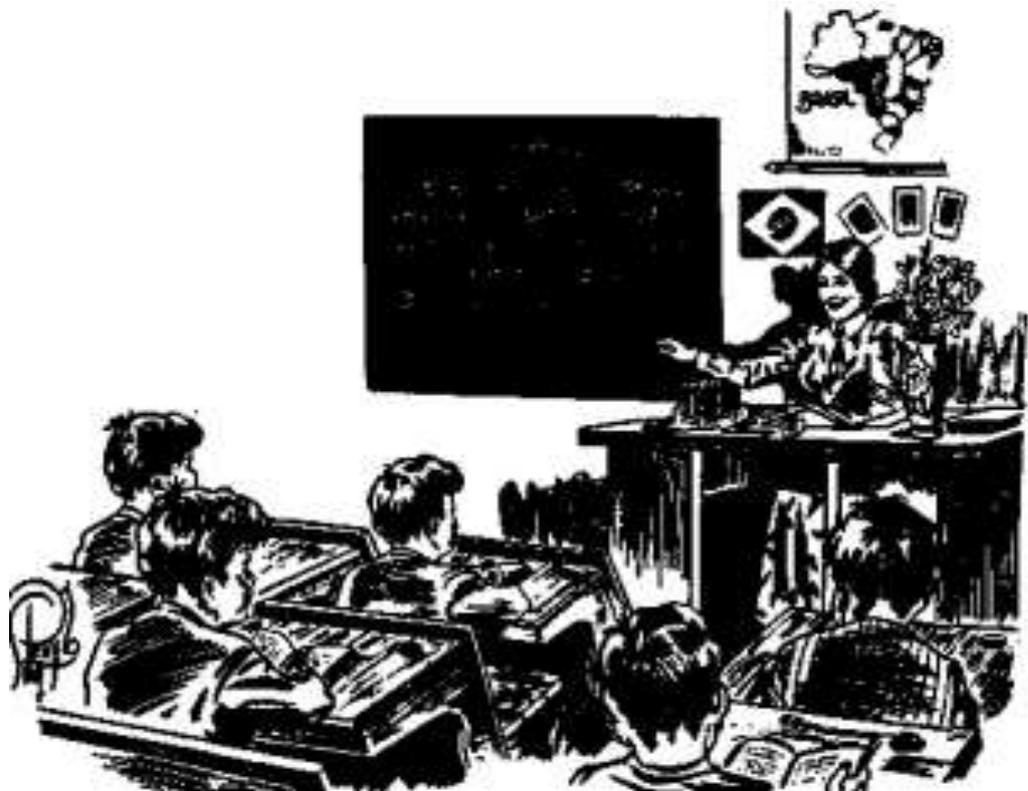


FIGURA 11- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a sala de aula da Vila de Coroatá e a diferença nas práticas pedagógicas docentes aplicadas ao ensino e aprendizagem das crianças.

A cultura infantil das crianças era diferente devido ao ambiente em que elas viviam na vila; a escola funcionava em um casarão, que continha salas vastas, com mais de meio século, pois, apesar de Cazuza ter saído do povoado, onde a estrutura da escola era precária, a maioria das escolas do estado ainda funcionavam em prédios velhos e com pouca estrutura, porém, em lugares maiores (como a Vila para onde ele se muda), os professores tinham mais qualificação e seguiam outros tipos de metodologias para trabalhar com as crianças. Cazuza expõe isso em sua narrativa:

Quando chegamos à vila, já haviam acabado as férias. Durante os quinze dias em que fiquei em casa curando-me das febres, eu via, da janela, as crianças passarem em grandes bandos, à hora em que terminavam as aulas. A vontade de ficar bom para misturar-me com aquela meninada alegre apressou a minha cura. A escola funcionava num velho casarão de vastas salas, que devia ter mais de meio século. Quando lá entrei, no primeiro dia, levado pela mão de meu pai, senti no peito o coração bater jubilosamente. Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo. Eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma. A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite. Dona Janoca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças. Era uma senhora de trinta e cinco anos, cheia de corpo, simpática, dessas simpatias que nos invadem o coração sem pedir licença. Havia nas suas maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe. A sua voz era doce, dessas vozes que nunca se alteram e que mais doces se tornam quando fazem alguma censura (CORRÊA, 2011, p.88 e 89).e 89).

O ambiente cultural de Cazuza mudou, assim como as suas amizades, ele encontrou na Vila, culturas e estilos muito diferentes daqueles com que estava acostumado, morando no povoado. Não só o ambiente escolar da personagem passou por transformação, mas o seu meio social e cultural também, as brincadeiras, por exemplo, não eram mais as mesmas.



FIGURA 12- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a cultura infantil das crianças do início do século XX, em meio às brincadeiras que a personagem Cazuza faz com os seus amigos da Vila.

Outro ponto importante: Cazuza tinha uma imagem diferente da professora da vila, a dona Nenén, daquela que ele construiu do professor João Ricardo, o seu professor do povoado, pois a docente deixou uma ótima impressão em seu discurso, por ser serena e doce:

DONA NENÉN, a professora da minha classe, foi quem primeiro me entrou no coração. Vinte e quatro anos, pouco mais ou menos, leve, magrinha, pequenina, e olhos pardos e grandes. Um rosto bonito e tranquilo e um riso tranquilo e bonito clareando-lhe o rosto. Eu nunca tinha visto moça mais linda. E tão forte impressão ela me causava com a sua beleza, que eu tirava constantemente os olhos dos livros para ficar minutos esquecidos a olhá-la. Ela, porém, me advertia: — Não se distraia, menino, cuide da sua liçãozinha. Era uma criatura doce, delicada, suavíssima. Assim, miudinha, misturada ali conosco, podia-se pensar que fosse nossa irmã mais velha. Fazia-se respeitar porque se fazia estimar. Não ralhava nunca. Apenas nos olhava com aqueles olhos grandes e serenos. Bastava aquilo para que nos sentíssemos arrependidos e envergonhados. Mas, quando a falta era grande, além do olhar, ela nos contava uma história. Quase sempre uma fábula ou um apólogo, com um fundo moral que mostrava o erro cometido (CORRÊA, 2011, p.91).

Uma análise interdiscursiva deste trecho aponta que as práticas pedagógicas utilizadas por Dona Nenén eram melhores para o desenvolvimento da aprendizagem, indicando que,

pelo fato de a professora ser da vila, tinha uma melhor formação docente que o professor do povoado, usando outros métodos didáticos como forma de ensino e aprendizagem. A personagem Cazuzza, que vinha de um ensino rígido, baseado em castigos físicos e psicológicos, estranhou e se sentiu como se estivesse em casa no novo ambiente educacional. Também é necessário pontuar que, no caso da escola da Vila, a escola tinha uma professora, e as docentes, do início do século XX, tinham a imagem muito associada à da representação da mãe para os alunos, sempre os repreendendo com uma fábula, como forma de ensinamento.

O contexto histórico da obra de Viriato Corrêa ressalva a realidade da época, por intermédio das personagens; o Maranhão, assim como o Brasil, ainda estava em processo de desenvolvimento educacional, então a educação não era para todos, assim como os saberes docentes, pois o despreparo dos docentes era marcado por traços ideológicos que ainda perpetuavam o país no período. Entretanto, o fato de contrastar, a partir da caracterização das duas personagens docentes (o professor do Povoado e a professora da Vila), modelos de educação infantil tão díspares, pode representar, na verdade, as contradições ideológicas que se impunham, na virada para o século XX, nos modelos de educação e nas teorias de aprendizagem.

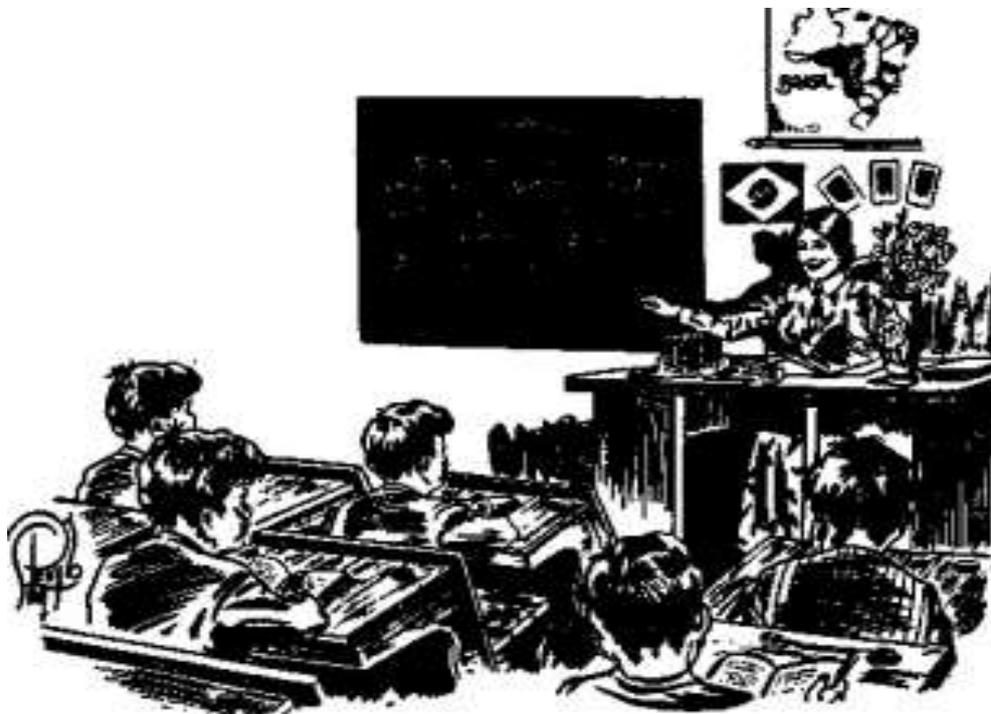


FIGURA 13- Imagem retirada da obra ‘Cazuzza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a sala de aula da Vila, mostrando a doçura da professora Nenén, ao ministrar a sua aula.

As práticas pedagógicas utilizadas pela docente fomentavam a cultura infantil das crianças, que vinham de um contexto histórico-cultural diferente, cada criança trazia do espaço em que vivia os seus costumes, crenças e estilos de roupas, sendo que algumas crianças possuíam condições financeiras superiores às outras, ocasionando muitas vezes conflitos no ambiente escolar, devido ao choque cultural que cada aluno possuía, passando a ser incompreendido por seus colegas. Dona Neném tinha em sua didática uma forma de trabalhar esses atritos culturais diferente daquela do professor do Povoado. Cazuzza ressalta a didática utilizada pela escola da vila, neste registro:

IDIOTA! bradou o Sinhozinho. — Pretensioso! replicou o Custódio. O outro olhou-o por cima dos ombros: — Não lhe dou pancadas porque não me troco com você. O Custódio avançou dois passos: — Não se troca comigo, por quê? Pensa que tem o rei na barriga?! Em que é você superior a mim? Melhor aluno do que eu você não é. Fale! Em que você é superior? — Veja se se enxerga! Seu pai é carreiro do meu. — Que tem isso? É porque meu pai é pobre. E ser pobre não é desonra. Um "psiu" enérgico fê-los calar. Tinham diante dos olhos a diretora com as duas irmãs. Passava-se aquilo na escola, à hora do recreio. O Custódio vinha correndo atrás do Bentoca, justamente na ocasião em que o Sinhozinho atravessava o caminho. Deu-se o esbarro. Rompeu a briga. Não fossem as professoras, os dois se atracariam. Dona Janoca sentenciou, indicando o Sinhozinho: — Durante três dias você não terá recreio. — Eu fui provocado, disse ele. — Eu vi tudo. O Custódio, sem querer, deu-lhe um encontrão. Você o insultou. E com aquele jeito de ralar com a voz cheia de doçura: — O menino, pelo que ouvi, julga-se superior ao seu colega. Já tenho dito aqui, muitas vezes, que todos os homens são iguais. A riqueza não dá superioridade a ninguém. É pelas virtudes, unicamente pelas virtudes, que nós nos distinguimos. No mundo, o que dá valor às criaturas é a inteligência, a bondade, a prática de humanidade, o trabalho, a paciência, a dignidade. O aluno não vale pela roupa que veste, pelos haveres que os pais possuem. Vale pela aplicação aos estudos, pelo procedimento nas aulas. O aluno rico não é aquele que tem pais ricos, é o que consegue notas ótimas. E tornando a voz mais doce: — Você julga que vale muito porque é rico. Ninguém deve gabar-se de obra que não fez. Essa riqueza, de que você tem tanto orgulho, foi você que a juntou com a sua inteligência, com o seu suor e com o seu esforço? Pensa você que o Custódio lhe é inferior porque é pobre? Pois é justamente a pobreza que lhe dá valor. Sendo paupérrimo, o Custódio come mal, dorme mal e o tempo que deve empregar no estudo, emprega-o em serviços caseiros, para ajudar os pais. A lição que ele traz sabida vale mais do que a lição sabida que você traz. Você tem tempo e conforto. Custódio não tem nada, senão a vontade de aprender, o brio de cumprir o seu dever de estudante (CORRÊA, 2011, p.97).

Em interdiscurso ao trecho do livro ‘Cazuzza’, pontua-se que, no Maranhão, muitos políticos eram a favor da mudança do ensino e aprendizagem, porém havia a dificuldade da falta de recurso para a compra de materiais, para investir na estrutura do ambiente escolar e para a compra de materiais didáticos. A escola da Vila possuía uma forma diferente de trabalhar a cultura infantil, logo havia muitas culturas diferentes no mesmo ambiente escolar,

diferente da escola do povoado, onde os estilos e as crenças eram muitos parecidos, todas as crianças já se conheciam e tinham uma condição socioeconômica parecida.

Já na escola da Vila, os conflitos eram constantes, apesar de Cazuzza ver em seus docentes a doçura de uma mãe; entre as crianças, começavam a aparecer os conflitos socioeconômicos. Cazuzza mudou de cenário, saiu do humilde povoado em que vivia, onde a oportunidade não pertencia a todos, para uma nova fronteira, onde iria se deparar com outros amigos e novas fomentações entre as crianças.

A dificuldade financeira é retratada em vários trechos do livro, deixando claro que a maioria da população não continuava os seus estudos devido à falta de condições para continuar, e os que eram de descendência escrava, quem conseguia prosseguir nos estudos, sempre sofriam algum tipo de discriminação, ou por ser pobre ou por ser afrodescendente. Esse tipo de ideologia ainda era comum no início do século XX, pois ainda estavam enraizados na população traços coloniais. Na atualidade, apesar de séculos terem se passado, ainda é visível esse tipo de concepção no meio social. Dessa forma, ao deixar registrado no livro este registro de conflito social, Viriato dá a sua obra a oportunidade de servir de retrato dos conflitos que havia na sociedade maranhense finissecular, tendo a escola da Vila servido de microcosmo do que existia na sociedade, naquele período histórico.



FIGURA 14- Imagem retirada da obra 'Cazuzza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata as crianças tendo um conflito devido à diferença financeira, mostrando os conflitos socioculturais vivenciados pela personagem Cazuzza, na escola da Vila.

Apesar das ideologias serem diferentes, a docente sempre tinha uma forma carinhosa de repreender, fazendo com que as crianças analisassem a situação que causou aquele entrevero. Cazuzza ressalta que os professores da Vila tinham saberes docentes distintos, mostrando que a metodologia aplicada por Dona Nenén era diferenciada da didática utilizada por sua irmã, Dona Rosinha:

Dona Rosinha, que cuidava da classe pouco acima da nossa, não se parecia nada com a irmã. Em vez das maneiras calmas e pausadas da outra, tinha a vivacidade da água corrente que salta por entre as pedras, cultuando e cantando. Um azougue. Nela tudo era atividade, rapidez, alegria. Os olhos negros e inquietos pareciam garotos travessos em hora de recreio; os braços gesticulavam a cada palavra; o corpo torcia-se pelos bancos e pelas carteiras da sala, com a agilidade de um peixinho de jardim por entre as plantas de um tanque. Nem bonita nem feia. Mas irradiava tanta graça e tanto brilho quando falava, andava e ria, que se tinha a ilusão de que ela fosse formosa. Conhecia o segredo de entrar no coração das crianças. Na minha classe, passávamos de trinta alunos, entre meninos e meninas. O mais hábil era o Dedé, um pequeno baixotinho, ligeiramente gago, filho do telegrafista. Tudo lhe era fácil: os exercícios de escrita, os de desenho, os de leitura, os de cálculos. Sabia dar jeito às coisas. Dobrando pedaços de papel fazia rapidamente barquinhos, que soltávamos nas enxurradas, e chapéus de dois bicos, que púnhamos à cabeça, quando brincávamos de soldado. Consertava máquinas de costura, caixinhas de música, espingardas velhas, e, uma vez em que o relógio da escola se desarranjou, foi ele quem o fez andar direito. Entre as meninas não havia nenhuma mais inteligente que a Conceição, filha da Martinha, cozinheira do juiz de direito. Pretinha como um carvão, olhos muito vivos, riso muito branco, não podia estar parada um instante. Tinha "bicho-carpinteiro", dizíamos por pilhéria na escola. Dona Neném não lhe tirava os olhos de cima. À menor distração, lá estava a pequena pelas carteiras, a bulir com um e com outro, dando beliscões às escondidas, metendo canudinhos de papel nos ouvidos desprevenidos, picando braços e pernas com alfinetes. Se em comportamento, às vezes, tirava notas baixas, em aplicação não podiam ser melhores as suas notas. E a verdade é que a Conceição não estudava. O demônio da menina parecia ter o dom da adivinhação. Com uma rápida leitura, adquiria conhecimentos que nos consumiam horas e horas de estudo. O mais enfatizado dos meninos era o Sinhozinho, filho do Manuel Balbino, o homem mais rico da vila. Pequeno egoísta, desses que se não afeiçoam aos companheiros. Quando qualquer de nós se esquecia do lápis, da pena ou do tinteiro em casa, na escola havia sempre um colega para emprestar o que faltava (CORRÊA, 1992, p.79, 80).

Em concepção interdiscursiva com esse pequeno trecho do livro ‘Cazuzza’, expõe-se a presença de meninas na sala de aula, ressaltando, porém, a diferença de cor. Durante a narração da personagem Cazuzza, ele fala, a partir da sua formação ideológica, que a colega era pretinha como um carvão, dando a ideia de comparação da menina com o carvão, o que, no início do século XX, era uma atitude comum devido aos traços da escravidão que ainda eram bem recentes no período.

Essa realidade ainda se mantém nos dias atuais, mostrando que o livro ‘Cazuza’, apesar de ter sido escrito no início do século XX, e de retratar essa época, registra as ideologias ainda existentes na atualidade, em que muitas crianças negras sofrem preconceitos em seu ambiente escolar, com apelidos desagradáveis devido a sua etnia, levando muitas a abandonar a escola. O discurso da personagem Cazuza retrata a realidade da educação maranhense no início dos anos 1900, quando a desigualdade social e racial era muito frequente nas escolas. Na escola do Povoado, não é mencionada a presença de crianças negras e nem de meninas, então se pode depreender que foi na escola da Vila que Cazuza começou a se deparar com outras classes sociais, outras etnias, com outros tipos de culturas infantis.

As formações discursiva e ideológica com que algumas personagens do livro se relacionam no meio educacional têm como base o meio cultural, podendo ser vistas, por exemplo, no discurso do velho Honorato, que acredita que as crianças não conseguiriam aprender sem castigos físicos ou psicológicos, ou no discurso do Lelé Romão, que não via futuro em frequentar a escola, já que os seus antepassados nunca tinham ido à escola:

- O pequeno está crescendo. Cada dia que se passa é um dia que se perde. Aproveitemos, enquanto ele é novinho. Talvez se possa fazer do Macário um grande homem.
- Eu tenho necessidade dele no mato, para me ajudar. Ele que vá à escola depois que anoitecer, que eu, por exceção, o ensinarei à noite.
- À noite ele quer dormir.
- [...].
- Lelé Romão ria como se ela tivesse dito um disparate.
- Essa é boa! Meu avô viveu até os oitenta anos. Meu pai morreu com setenta e cinco. Eu, nestes vinte anos, ninguém me pega lá no outro mundo.
- Eu falo viver, viver com o espírito. Sem instrução não há felicidade.
- [...].
- O velho Honorato não podia compreender que a diretora não usasse castigar os alunos.
- De que maneira consegue a senhora que as crianças estudem?
- Pelos meios brandos. Pelo estímulo. Pelo exemplo.
- Isso não me entra na cabeça (CORRÊA, 2011, p.121, 136).

As formações ideológica e discursiva do velho Honorato e do seu Lelé Romão representam o pensamento de alguns maranhenses no início dos anos noventa; por uma questão cultural, a educação escolar não era tão importante, e, quando ela fosse acontecer, deveria ser baseada no ensino jesuítico, enciclopédico, positivista. Seria normal esse pensamento devido ao contexto histórico e ideológico em que as personagens viviam, ou seja, o seu meio cultural e social silenciava as personagens na ignorância do sistema econômico e político que perpetuava no período.

Ao analisamos o discurso, de acordo com Gregolin (1995;2007), entendemos que ele se relaciona de forma inevitável com a situação que o criou, sendo colocado em relação ao campo da língua e o da sociedade. E a formação discursiva, que está introduzida na ideologia do velho Honorato e do seu Lelé, faz a distinção entre o processo discursivo e a língua, pois os processos discursivos compõem o sentido do discurso.

A ideologia de que o trabalho era mais importante para a criança do que frequentar a escola era uma marca desse período da história, e também uma imposição, pela necessidade financeira, então a população do início dos anos 1900 não dava importância para o ensino escolar, pois o que valia era o ensino para a vida; esse era o tipo de discursividade que se dispersava em uma população analfabeta, sem estimativa de crescimento econômico, social e cultural.



FIGURA 15- Imagem retirada da obra 'Cazuza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem esboça o velho Honorato, um ex-soldado da guerra do Paraguai.

Na vila de Coroatá, a personagem Cazuza conheceu no campo escolar, a convivência com outras culturas infantis, passando a ter contato com outras formações ideológicas e discursivas sobre o ambiente escolar que estavam em construção no início do século XX, sendo possível observar a presença das crianças negras no campo escolar, o que não foi visto na escola do povoado. O livro do menino de escola não está distante da atualidade, pois,

apesar dos anos, o sistema educacional do Brasil e, especificamente, do Maranhão ainda está em construção.

Após algum tempo, Cazuzza entra em mais uma etapa em sua jornada escolar: sai da Vila de Coroatá e vai para a capital do estado, São Luís, onde dará continuidade a seus estudos. É nessa nova etapa na vida de Cazuzza que ele se depara com outros tipos de culturas infantis: tudo é diferente, pois é um novo espaço educacional, onde conhecerá novos amigos e diversas práticas pedagógicas.

Nessa etapa, a terceira da sua trajetória discente, cada espaço educacional frequentado por Cazuzza seguia uma didática diferente, proporcionando saberes docentes e espaços culturais diferentes, no entanto todos estavam inseridos em uma mesma formação ideológica e discursiva, passando a escola a ser vista como um ambiente de academicismo, em que o ensino era baseado no enciclopedismo e tradicionalismo, mas já sem muitos dos rudimentos que ele presenciou na escola do Povoado e sem a educação estar atrelada a apenas uma professora, como vivenciou na escola da Vila.



FIGURA 16 - Imagem retirada da obra 'Cazuzza' de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata o academicismo e o enciclopedismo no ensino no colégio da Cidade, mostrando a formação ideológica e discursiva, em vigência no período.

Cazuza foi estudar no colégio que era denominado Internato Timbira, que funcionava em um velho sobrado de azulejo, no largo do Palácio, onde funcionavam as aulas de ensino primário e secundário, como é mencionado pela personagem:

O Colégio Timbira ficava no Largo do Palácio, num velho sobrado de azulejos, com a frente voltada para o mar. Era um casarão imenso, de escadaria afidalgada, com muitas janelas, muitas salas e muitos quartos. Embaixo funcionavam as aulas primárias e secundárias; em cima, a secretaria, a sala de estudos, o refeitório e o dormitório. O diretor, o velho Lobato, devia orçar pelos sessenta e poucos anos: alto, magro, rosto chupado e bigode branco. Tinha voz de orador e não sabia falar senão em tom de discurso. Passava por ser o mais competente educador da cidade. Realmente, havia nascido para ensinar. Quando faltava algum professor primário ou secundário, de qualquer que fosse a disciplina, ele o substituíra de pronto, e dificilmente se ouviam, naquela sala, aulas mais agradáveis que as suas aulas improvisadas. Mas não sabia dirigir coisa alguma. Gritava quando devia agir, ameaçava céus e terras para depois mostrar-se arrependido. Em vez de sua vontade, predominava a vontade dos professores, e o colégio ressentia-se da desorganização das casas em que muitos mandam. Boa pessoa no fundo. O seu dinheiro ia todo em esmolas a velhinhas e velinhos pobres. Era viúvo, morava no grande mirante que ficava por cima do nosso dormitório e, à noite, costumava sair para visitar as filhas casadas. O Timbira talvez fosse o maior colégio da cidade. Cerca de cinquenta alunos internos e mais de duzentos externos. No começo, tive dificuldade em fixar os professores na memória e, mais de uma vez, os confundi com inspetores, vigilantes e contínuos. É que eles eram muitos e revezavam-se constantemente: alguns do curso secundário, de quando em quando, vinham dar aulas a nós do primário; alguns do primário sumiam-se passando semanas inteiras nos salões do secundário (CORRÊA, 2011, p.167).

Estabelecendo uma relação interdiscursiva, a obra de Viriato Correa registra que, mesmo na capital, ocorriam dificuldades para que acontecesse o andamento das aulas, pois no Maranhão dessa época entre séculos as escolas funcionavam em locais, em geral, sem uma boa estrutura, já que os grupos escolares funcionavam em prédios das escolas estaduais, havendo várias falhas estruturais. O livro ‘Cazuza’ expõe que, mesmo na escola da capital do estado, havia uma falta de preparo dos docentes, ressaltando os elementos da formação discursiva que a personagem demonstra nas três partes dos livros.

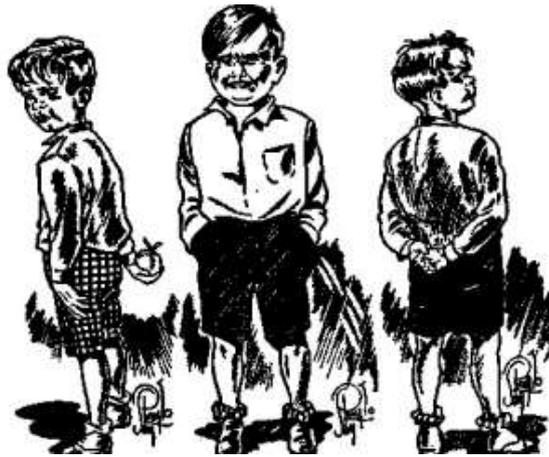


FIGURA 17- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem mostra essa nova passagem da vida de Cazuza, na escola do internato, retratando a cultura infantil vivenciada no ambiente escolar da personagem.

Na escola da capital, Cazuza, em seu discurso, menciona os diferentes saberes docentes, já que não possuía somente um professor – como nas escolas da Vila e do Povoado. Cazuza descreve a sua convivência com vários professores. A personagem estudava no colégio Timbira, como interno, sendo a primeira vez que ele estudou longe de seus pais:

No começo, tive dificuldade em fixar os professores na memória e, mais de uma vez, os confundi com inspetores, vigilantes e contínuos. É que eles eram muitos e revezavam-se constantemente: alguns do curso secundário, de quando em quando, vinham dar aulas a nós do primário; alguns do primário sumiam-se passando semanas inteiras nos salões do secundário. [...]. Havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros. Deles todos o mais curioso era o João Cância. Tipo feio, magro, míope, compridão, esquisitão. Morava no próprio colégio, num quartinho atulhado de livros (CORRÊA, 2011, p.168).

O saber-fazer dos professores foi marcado por traços deixados pelos docentes do passado, não sendo muito distante a ligação do que foi vivenciado pela personagem no início do século XX com a atualidade, pois muitos educadores se baseiam, ainda hoje, no saber-fazer do passado, não levando em consideração a cultura infantil dos discentes, ou o seu desenvolvimento durante o ensino-aprendizagem.

Nota-se, na narrativa do menino de escola, que ocorre certo temor em relação à figura masculina, devido a sua primeira experiência no campo educacional. É digno de nota que, ao contrário da escola da Vila, nesta nova fase escolar da personagem não há nenhuma referência a professoras, registrando ele na sua narrativa a presença apenas de professores homens no Internato Timbira. Na atualidade, ainda existe esse receio em relação a educadores masculinos que trabalham com crianças pequenas, certamente isso acontece devido aos traços

que trazemos do passado, em que a presença educacional feminina em sala de aula representa a imagem materna.

A formação Discursiva, na visão de Gregolin (2007), é colocada em confrontos diferentes, produzindo trajetórias que polemizam os papéis e as relações entre o masculino e feminino. “Os discursos são atravessados por uma divisão entre dois espaços discursivos a) o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas; b) o das transformações do sentido.” (GREGOLLIN, 2007, p.166). Neste sentido, há também que se registrar que, pela narrativa de Cazusa, a imagem do professor está sempre associada a força, castigos e uma certa autoridade rústica, algumas vezes beirando o autoritarismo – mesmo quando eles são descritos como competentes, há este traço autoritário que os acompanha. Contrariamente, quando Cazusa pinta as professoras, sempre as associa à ausência de autoritarismo, a traços delicados e suaves, recuperando traços de uma formação discursiva que associa o papel da professora ao da mãe – ou da tia, como ainda hoje vemos em alguns contextos.



FIGURA 18- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Imagem representa o professor João Cância, na escola da capital.

No início dos anos 1900, os professores do sexo masculino tinham salários, em média, 25% mais altos que os das docentes do sexo feminino. Por ser uma sociedade que ainda era banhada pelos traços dos anos 1800, em que as mulheres não tinham necessidades de estudo, já que elas eram preparadas para o casamento, esse reflexo ainda dificultava a condição feminina em relação seu trabalho. Na obra de Viriato Corrêa, a personagem mostra as professoras com a doçura de uma mãe e os professores com o rigor de um pai do período, pois, analisando o cenário histórico da obra e o período que ela aborda, podemos observar o contexto histórico em que viviam as personagens, época em que o Brasil e, sucessivamente, o Maranhão tinham uma cultura patriarcal, havendo uma preocupação maior com a educação masculina, já que eles seriam o sustento da casa. O professor João Cânciao quebrou o sentimento de medo que Cazusa sentia devido a sua primeira experiência no meio educacional, como fica exposto em seu discurso:

Deles todos o mais curioso era o João Cânciao. Tipo feio, magro, míope, compridão, esquisitão. Morava no próprio colégio, num quartinho atulhado de livros. No primeiro momento causava impressão desagradável. O ar tristonho, o corpo esguio, o todo desajeitado, metiam medo. Mas, aos poucos ia-se-lhe notando na fisionomia qualquer coisa de doçura e de bondade e, nos olhos, um ardente clarão de inteligência. Vivia à parte, silencioso, desprezado, sempre de livro na mão, absorvido na leitura. Passava por doido. Ninguém o consultava para nada; as opiniões que, uma ou outra vez, deixava escapar, provocavam gargalhadas entre os professores. Contava-se um mundo de anedotas a respeito de suas distrações. Uma vez, na mesa, temperou o café com sal. Em lugar de meter a colher no prato de sopa, meteu-a no copo d'água. Comeu uma banana com a casca. Deu uma aula de geografia quando a devia dar de álgebra... João Cânciao era, no entanto, o melhor professor do colégio. Não havia ninguém mais tolerante, como não havia ninguém mais justo. O que dizia tinha sempre um tom de novidade. As coisas difíceis tornavam-se simples depois que ele as explicava. As suas aulas penetravam-nos no fundo do entendimento como um raio de sol atravessa uma vidraça. Nos primeiros dias eu o evitava. A sua figura me causava medo. Foi num domingo que ele começou a me entrar no coração. Aos domingos, o regulamento nos permitia que chegássemos às janelas da rua e andássemos pela casa toda. Como a escada fosse ampla, nós, os menores, gostávamos de brincar na escada, não só para fugir dos pontapés dos taludos, no recreio, como para escorregar, de alto a baixo, pelo corrimão. E estávamos, à tarde, brincando, quando o professor João Cânciao surgiu em cima, no patamar, acompanhado duma negra velha. Era uma pobre mulher a quem ele costumava dar pequenas esmolas todos os meses. Ela começou a descer dificilmente a escada. Em certo momento as suas pernas trêmulas não tiveram firmeza para lhe equilibrar o corpo. O professor acudiu-lhe com presteza, segurando-a. Deu-lhe, depois, o braço e levou-a atenciosamente até a porta da rua. Rimo-nos todos. Ele percebeu. Ao voltar, parou diante de nós. — De que foi que vocês riram? perguntou. Acharam graça em eu ter dado o braço à pobre velha? Pois, meus meninos, eu assim fiz por vários motivos. Em primeiro lugar, tratava-se de uma mulher, ou melhor, de uma senhora, e os homens devem ser gentis com as damas. Em segundo lugar, tratava-se de

uma velha e, aos velhos, nós os moços, temos o dever de dar arrimo. Outro motivo ainda, é que ela é preta. Fez uma pequena pausa e repetiu: — Sim, por ela ser uma preta. O seu olhar brilhou, a sua voz aqueceu. E prosseguiu: — O Brasil deve ter pelo negro uma grande afeição e um grande carinho. Porque, se o Brasil é o que é, muita e muita coisa deve ao negro. Para esse progresso que aí está, o negro concorreu com o suor de seu rosto, com o trabalho de seu braço, com a bondade do seu coração e com o sacrifício de sua liberdade. Os meninos que brincavam mais longe aproximaram-se. Ficamos todos a ouvir silenciosamente. — Desde que o Brasil começou a dar os primeiros passos para a frente, o negro está ao lado do Brasil. Nos primeiros engenhos de cana-de-açúcar, no século do descobrimento, lá está o negro trabalhando. Quando é preciso repelir os holandeses da terra pernambucana, da terra maranhense, de quase toda a terra nortista, o peito do negro é uma de nossas maiores fortalezas. Nas bandeiras que entram pelos sertões a fundo, à procura do ouro, ao lado do bandeirante que é o senhor de tudo, está o negro? sempre trabalhador, sempre leal e sempre bom, sem ser senhor de nada. Parou, pousando a mão esquerda no corrimão e prosseguiu: — Houve um tempo em que Pernambuco foi o maior mercado de açúcar do mundo; houve um tempo em que Minas se abarrotou de ouro e de diamantes; em que o Maranhão enriqueceu com o algodão; em que a província do Rio de Janeiro teve magnificência com o café; em que São Paulo, com o café, teve os primeiros esplendores. Tudo isso se fez à custa do suor do negro. Ao negro, o Brasil deve grande parte da sua riqueza, da sua grandeza e da sua tranqüilidade. E, em paga disso, que foi que se deu ao negro? A escravidão. E, subindo um degrau: — Eu, oferecendo o braço àquela pobre preta, que foi escrava, que lutou e sofreu, portanto, pela grandeza do Brasil, não lhe dei honra nenhuma. Eu é que me honrei com isso (CORRÊA, 2011, p.169).

No interdiscurso com essa parte do livro ‘Cazuza’, podemos perceber a diferença da didática utilizada entre as escolas que Cazuza frequentou, sendo na escola da capital que a personagem vai começar a se deparar, mais claramente, com questões sociais, pois nem todos os professores do colégio Timbira tinham a mesma prática docente do professor João Cândia, passando as personagens a se deparar com saberes docentes diferentes.



FIGURA 19- Imagem retirada da obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, de 1992. Essa imagem retrata a diferença social, mencionada no discurso da personagem Cazuza, pois expõe os alunos Floriano e Jaime, um filho de uma família rica da capital e o outro filho de uma lavadeira.

Também é importante pontuar neste registro das memórias, transformadas em narrativa ficcionada pelo menino-protagonista Cazuza, a presença de uma formação ideológica, que se faz perceber na formação discursiva de apoio a um movimento de crítica à situação do negro no Brasil e, em particular, no Maranhão. Como pontua a AD Francesa, as formações discursivas estão em disputa na sociedade, constantemente, o que fica ilustrado na reprimenda que o velho professor João Cânciao faz ao gracejo dos alunos.

Na escola da capital, Cazuza convivia com culturas e meios socioeconômicos diferentes, o que ocasionava uma separação no meio educacional, já que havia uma preferência da escola pelos filhos dos pais que tinham uma melhor condição financeira. Como é mostrado neste trecho do discurso do protagonista:

O FLORIANO E O JAIME eram, na verdade, os alunos mais inteligentes e mais adiantados do curso primário. Mas, no físico e na sorte, não havia duas criaturas tão diferentes. O Jaime — claro, belo, forte e elegante. O Floriano — escuro, quase negro, franzino e malvestido. O primeiro tinha pais ricos e morava no mais lindo palacete da cidade. O outro era filho de uma preta lavadeira, a Idalina, e vivia numa casinha de porta e janela, na praia de Santo Antônio. O Jaime parecia um príncipe de calças curtas. Devia ter, em casa, o olhar vigilante de mãe educada, polindo-lhe os modos. Nos gestos, nas

palavras, até nas brincadeiras, notava-se-lhe qualquer coisa de mais cortês do que nos outros meninos. Ao entrar no colégio, todas as manhãs, nos deixava maravilhados. Cada dia uma roupa: ora de brim branco, ora de casimira clara, ora de tussor de seda. E sempre diferente do que os outros alunos vestiam: calças curtas, presas por fivelas abaixo dos joelhos; borzeguins até o meio das pernas; casaco elegantemente armado e um colarinho branco, da largura de uma gola, deitado no pescoço. Com todo esse luxo era, no entanto, um companheiro encantador. Não tinha a mais vaga sombra da empáfia, da arrogância e do orgulho que são comuns nos meninos ricos. Pelo contrário: fazia-se estimar pela simplicidade, pela delicadeza e pela brandura. O Floriano nem sempre dava uma impressão agradável a quem o via pela primeira vez. Os olhos castanhos, num rosto quase negro, surpreendiam, espantavam. Mas, pouco a pouco, se ia notando que aqueles mesmos olhos brilhavam risonhamente, que a pele do rosto era fresca, o cabelo macio e ondulado, a fisionomia doce e luminosa. A testa parecia não ter fim; alta, larga, bonita como a testa dos sábios. E, à hora das lições, principalmente quando ele meditava para responder às perguntas dos professores, ela se franzia, numa ruga profunda. O Floriano despertava-me curiosidade infinita. Quando eu dava por mim, estava de olhos cravados naquela testa e naquela ruga. Por quê? Não sei. Sei que lhe fixava o olhar, horas inteiras, atraído, deliciado, com o mesmo interesse e o mesmo deslumbramento que diante dos globos luminosos da farmácia do Largo do Carmo. Para nós, do curso primário, ele sabia tudo. Quando alguém tinha uma dúvida ou na classe surgia uma dificuldade qualquer, havia sempre quem lembrasse: — Vamos perguntar ao Floriano. E o Floriano sabia sempre. Entre ele e o Jaime a diferença era profunda. O Jaime vivia adulado. Inspetores, vigilantes, contínuos e serventes, todos lhe queriam ser agradáveis, como se ali estivessem unicamente para lhe prestar homenagens. Se pedia licença para sair mais cedo, saía; se chegava tarde, não se lhe dizia palavra. Os professores, muitos deles, iam até o escândalo. Elogiavam, em plena aula, tudo que ele fazia de bom e fechavam os ouvidos e os olhos para não ouvir e não ver o que praticava de mau. Com Floriano era o contrário. Esqueciam tudo de bom que ele fazia. As suas provas e as suas lições eram as mais belas do curso. Mas, a não ser o João Cância e o velho Lobato, nenhum professor as louvava. Aquela gente não podia admitir que o filho de uma pobre preta engomadeira estivesse acima de um menino rico, filho da mais rica família da cidade. Mas só aquela gente não admitia isso. Nós, a pequenada, sabíamos o que cada um deles valia e queríamos bem a ambos e admirávamos os dois, porque os dois eram inteligentes, aplicados e bons (CORRÊA, 2011, p.178).

Cazuza ressalva essa diferença social que acontecia no seu ambiente escolar, em uma época em que o Maranhão ainda estava em desenvolvimento educacional. Sendo a maioria da sua população analfabeta e descendente de negros, a discriminação socioeconômica estava presente no meio educacional, como se demonstra em outro momento do discurso do menino Cazuza:

Desde muitos anos, havia no Timbira a medalha de ouro - prêmio de honra - para o estudante mais aplicado do curso. Aplicação não era privilégio de ninguém, mas sim virtude de quem tinha força de vontade. E, força de vontade, qualquer pessoa podia adquirir, desde que quisesse.

[...]

Durante a semana ouviu-se no colégio um zunzum atordoante de boatos. Ora, a notícia de que tal ou qual professor garantiria a medalha de ouro ao Jaime; ora que o pai do Jaime conversara com o diretor, pedindo-lhe a medalha de ouro para o filho (CORRÊA, 2011, p.200 e 212).

Na escola da capital, a personagem Cazuza aprende conceitos diferentes dos ensinados nas escolas do povoado e da vila, entre eles está o conceito sobre patriotismos, que se torna bastante presente devido à transição do sistema imperial no Brasil para o período republicano, vindo então o simbolismo de ordem e progresso a ser muito presente no meio educacional. Mesmo com essa base no ensino, ainda era presente a corrupção no campo escolar, sendo preferencial quem tinha um poder aquisitivo mais elevado, como foi narrado no livro com a história de Jaime e Floriano.

Cazuza, em seu processo educacional, conviveu com culturas infantis diferentes e práticas pedagógicas diferenciadas, que fizeram parte da sua formação, em um cenário em que o Brasil estava passando por mudanças educacionais, mas com uma base que ainda seguia uma ideologia oitocentista. A educação reprimia as vozes infantis, não levando em consideração o seu meio cultural, o que estava em sintonia com as diferentes formações ideológicas em meio ao discurso do menino Cazuza: a aprendizagem deveria seguir com castigos físicos e psicológicos, com doçura de uma mãe ou com o rigor da realidade? São opiniões que circulavam no tecido da sociedade e que, por consequência, aparecem na obra e que fazem suscitar reflexão sobre o processo educacional do início do século XX no Maranhão

Apesar da dificuldade que Cazuza ressalta de adaptação, é possível observar a alegria em ser criança, em todas as fases do livro; a brincadeira com a meninada do povoado, da vila e da cidade só começou a ser abalada com última fase, pois é quando aparecem, com mais clareza, as diferenças sociais e econômicas no meio cultural.

A cultura infantil está presente nas três fases do livro, apesar da diferença cultural e ideológica que a personagem passa em toda a narrativa. A falta de preparo dos docentes e a cultura da época silenciavam as vozes das crianças, fazendo com que elas reprimissem a sua infância, as brincadeiras a vontade de ser criança.

6. PRODUTO PRÁTICO

O produto pedagógico, aqui apresentado, foi elaborado a partir da dissertação do mestrado profissional em Práticas Educativas e Formação Docente, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. A opção foi pela confecção de banners para a divulgação da obra “Cazuza” de Viriato Corrêa. Os banners serão um recurso didático que tinha como meta apresentar, para um público maior, a cultura infantil vivenciada pela personagem ‘Cazuza’ em seu ambiente educacional, no final do século XX.

O produto pedagógico se constitui de uma sequência didática de apresentações, que foram realizadas nos seguintes ambientes educacionais: na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na Universidade Estadual da Região Tocantina – UEMASUL e na Escola Municipal Raimundo Correa. As etapas de sequência didática foram organizadas com o objetivo de contemplar as análises realizadas durante a construção da dissertação, considerando a cultura infantil em meio às práticas pedagógicas docentes, vivenciada pela personagem ‘Cazuza’, no início do século XX.

O produto será analisado com base na produção de sentidos da obra de Viriato Corrêa, que foi feito usando-se como teoria-metodologia os pressupostos da Análise do Discurso da linha francesa, em específico: as noções de interdiscurso, formação ideológica e formação discursiva. O seu público-alvo foram profissionais e alunos da educação básica, do ensino médio-técnico e da graduação. O seu foco era esclarecer, a alunos e docentes, por meio do livro de Viriato Corrêa, sobre os aspectos inerentes à realidade educacional no estado do Maranhão no início do século XX, instigando o ensino e a aprendizagem no meio escolar.

O produto pedagógico é uma forma de tornar pública a pesquisa realizada durante o mestrado profissional, individualizando-se como estratégias e recursos educativos que favorecerão as práticas pedagógicas no ambiente escolar. Segundo Freire et al. (2017), o produto pedagógico, em sua elaboração, provoca um processo formativo contínuo, que tem como alicerce a pesquisa.

A pesquisa, por ser documental e bibliográfica, não necessitou ser aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, pois não se tornou necessária a realização de pesquisa de campo.

6.1 Construção do produto prático

O produto foi construído, com base na análise da produção de sentido do livro de Viriato Corrêa, que busca compreender a cultura infantil em meio aos saberes docentes no início do século XX. A confecção dos banners ocorreu utilizando-se pequenos trechos do livro e imagens nele contidas, que estão associadas com o caráter da pesquisa.

As imagens mostram as questões sociais vivenciadas pela personagem 'Cazuza' e seus amigos, no início do século XX, retratando as brincadeiras e as dificuldades no meio escola, representando na obra os três tipos de educação escolar que eram vivenciados no período. Cada cultura tem a sua ideologia, esse sistema de ideias do que é certo ou silenciado será analisado por meio da Análise do Discurso da linha Francesa.

Foram produzidos, para compor a exposição, nove banners, com a seguinte sequência: uma apresentação da obra, uma apresentação da dissertação, apresentação das três escolas na qual a personagem 'Cazuza' passou e a conclusão do produto. Todas as partes do escrito utilizado fazem ligação com a cultura infantil vivenciada pela personagem e seus amigos no período.

Para apresentação, foram utilizados os banners e hastes de metal de encaixe para pendurar o material, com o objetivo de não danificar as paredes dos locais da apresentação.

O produto é pedagógico, pois, por meio da apresentação dos trechos do livro 'Cazuza' e da conseqüente análise da cultura infantil, será divulgada a dissertação e o seu conhecimento histórico, pedagógico, sociológico e linguístico.

6.2 Aplicação do Recurso Didático

O produto pedagógico foi aplicado em ambientes educacionais, no qual ficou em exposição em instituições públicas de ensino, a saber: duas universidades, um instituto de formação técnica e uma escola de ensino fundamental. A exposição teve uma duração de três a cinco dias em cada ambiente, dependendo da disponibilidade do espaço educacional. Segundo Gasparin (2012), neste momento da exibição é quando o conteúdo organizado é colocado à disposição dos discentes para que o assimilem, o incorporem, recriem-no e o transformem em instrumentos de construção pessoal e profissional.

Durante a apresentação, foi realizada a divulgação do livro de Viriato Corrêa e a sua relação com a Cultura infantil, no ambiente escolar da personagem 'Cazuza' no início do século XX, ressaltando a produção de sentidos sobre a cultura infantil e como ela é formada

em meio aos saberes docentes vividos por ‘Cazuza’. Como é retratado por Mussalim (2012, p.143), cada texto é concebido como uma superfície discursiva:

A relevância do texto para a AD decorre do fato de que cada texto é parte de uma cadeia (de um arquivo), decorre de ele ser concebido como uma superfície discursiva, uma manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico.

De acordo ainda com Mussalim (2012), os efeitos diferentes e os sentimentos são o que interessa à Análise do Discurso:

Análise do Discurso é um terreno em que se relacionam a Linguística e as Ciências Sociais. [...] A ambiguidade se mantém tanto num como noutro contexto, mas os efeitos que ela gera são diferentes, e são justamente esses efeitos de sentimentos que interessam à Análise do Discurso.

Os banners foram apresentados fazendo menção ao lado cultural e social vivenciado no estado do Maranhão no final do século XIX e início do XX, que é retratado pelas personagens de Viriato Corrêa, sempre analisado a formação discursiva e ideológica da obra ‘Cazuza’, por meio da produção de sentidos que os enunciados da narrativa geram.

Todos os banners estão colocados no fim desta dissertação, como Apêndice 01.

Também ao final da dissertação, na forma do Apêndice 02, estão as fotos tiradas de todos os lugares em que a exposição foi exibida.

6.3 Cronograma do produto

A exposição seguiu o seguinte calendário, nos espaços escolhidos.

EXPOSIÇÃO DO PRODUTO PRÁTICO		
INSTITUIÇÃO	DIAS PROGRAMADOS	HORÁRIOS PROGRAMADOS
Escola Municipal Raimundo Correia	08.08.23 a 11.08.23	Manhã e Tarde

Universidade Estadual Da Região Tocantina Do Maranhão - UEMASUL	14.08.23 a 18.08.23	Manhã , Tarde e Noite
Universidade Federal do Maranhão	21.08 a 28.08.23	Manhã , Tarde e Noite

6.4 Relatos da Exposição

A exposição aconteceu em três estabelecimentos de ensino: na Escola Municipal Raimundo Corrêa, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL e na Universidade Federal do Maranhão-UFMA, todas localizadas em Imperatriz-MA.

- **Escola Municipal Raimundo Corrêa:** a primeira semana da exposição foi no período de 08 a 11 de agosto de 2023, acontecendo na Escola Municipal Raimundo Corrêa, que fica localizada no Bairro Boca da Mata, na cidade de Imperatriz-MA.

A exposição foi realizada nos turnos matutino e vespertino, respeitando o horário de funcionamento da escola; a exibição dos banners ocorreu na biblioteca da instituição de ensino, para não atrapalhar o andamento da rotina da escola.

O público que visitou a exibição foi formado por alunos, professores e demais funcionários da escola. Percebeu-se que não houve dificuldades de compreender os banners, pois são auto- explicativos. O público do turno matutino, mesmo alguns alunos não sabendo ler ainda, teve fácil entendimento, devido às imagens do livro ‘Cazuza’, de Viriato Corrêa, serem de fácil entendimento; todos que prestigiaram a exposição gostaram muito da forma que ela foi elaborada.

A exibição dos banners despertou a curiosidade dos alunos sobre a obra, que contava com cinco edições na biblioteca da escola, sendo de grande valia a exposição para a vida acadêmica dos alunos da instituição de ensino Raimundo Corrêa, sobretudo pela identificação com a temática (infância escolar) e pelo incentivo direto à leitura da obra.

Os professores e os demais funcionários também prestigiaram a exibição; alguns não conheciam a obra, achando a relação da obra com a cultura infantil do início do século XX muito interessante; a exposição possibilitou que eles analisassem os tipos de práticas

pedagógicas do período e ainda percebessem que existe algo dessa época nas salas de aula da atualidade.

A exposição foi concluída na escola com sucesso, sendo registrada em fotos dos funcionários da escola que deram autorização para que as mesmas fossem expostas no trabalho; não foram registradas fotos dos alunos, pois seria necessária autorização dos seus responsáveis, então a instituição não autorizou.

A exposição contribuiu como forma de ensinamento para toda a escola, sendo útil para as formações acadêmicas dos alunos, mas também para a percepção educativa dos professores e servidores da instituição.

- **Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL:** Na segunda semana, a exposição foi realizada na UEMASUL, acontecendo a exibição nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, no período de 14 a 18 de agosto de 2023; a instituição de ensino superior fica localizada na rua Godofredo Viana, no centro da cidade de Imperatriz-MA.

A exposição dos banners aconteceu no pátio da instituição de ensino, respeitando a sua rotina educacional, não prejudicando em momento algum a rotina de alunos e docentes. Não foi utilizado nenhum recurso da instituição, sendo os banners expostos com o auxílio de hastes de ferros, especialmente confeccionadas para a exibição.

O público que visitou a exposição foi formado por alunos, professores e demais funcionários da UEMASUL, sendo muito interessante observar o interesse deles pelo conteúdo exposto, pois, mesmo quando ainda estávamos montando a exposição, os professores, alunos e demais funcionários da instituição já estavam começando a se aproximar e realizando as leituras dos banners.

O horário de maior visitação foi nos turnos matutino e noturno. O público teve uma fácil absorção do conteúdo exposto, já que muitos conheciam a obra, que foi escolhida na seleção de ingressos da universidade deste ano; regra geral, as imagens do livro 'Cazuza', de Viriato Corrêa, despertavam atenção dos alunos.

A exibição dos banners contribuiu para a formação acadêmica de alunos e professores, que, assim como na exposição que ocorreu na semana anterior, acharam interessante a relação da cultura infantil com as práticas pedagógicas vivenciadas no livro de Viriato Corrêa, associando os escritos com as imagens dos banners.

A exposição foi concluída na instituição de ensino superior com sucesso, sendo registradas as fotos dos funcionários da Universidade que deram autorização para que as fotos fossem expostas no trabalho, foi registrada as fotos dos alunos que eram maior de idades, e

que deram autorização para que suas fotos fossem registradas na dissertação . A exposição contribuiu como forma de ensinamento para toda a universidade, contribuindo para as suas formações acadêmicas.

- **Universidade Federal do Maranhão- UFMA:** na terceira e última semana da exposição, o produto ficou exibido na UFMA, no período de 21 a 28 de agosto de 2023, nos turnos matutino, vespertino e noturno; a instituição de ensino superior fica localizada no centro da cidade de Imperatriz- MA, na rua Urbano Santos.

A exposição dos banners aconteceu no pátio da instituição de ensino, respeitando a sua rotina educacional, não prejudicando em momento algum a rotina de alunos e docentes. Não foi utilizado nenhum recurso da instituição, sendo os banners exposto com o auxílio de hastes de ferros, que foram produzidas para a exibição.

O público-alvo da exposição era formado por alunos e professores da instituição, sendo observado um maior interesse pelo público do turno matutino, que também foi o horário de maior visitação dos discentes e docentes da UFMA.

A exibição dos banners contribuiu para a formação acadêmica de alunos e professores, em especial os alunos e professores do curso de Pedagogia, que existe na UFMA nos turnos matutino e noturno; assim como nas exposições que aconteceram nas semanas anteriores, os visitantes acharam interessante a relação da cultura infantil com as práticas pedagógicas vivenciadas no livro de Viriato Corrêa, associando os escritos com as imagens dos banners e podendo fazer as devidas relações com a cultura infantil e as práticas pedagógicas vivenciadas no seu próprio tempo.

A exposição foi concluída na UFMA com sucesso, sendo registradas, assim como ocorreu na UEMASUL, as fotos dos funcionários da universidade, que deram autorização para que as fotos fossem expostas no trabalho; também foram registradas as fotos dos alunos, que eram maiores de idades e deram autorização para que elas fossem registradas na dissertação.

6.5 Conclusão do produto

A exposição do produto foi realizada com sucesso, levando ao público acadêmico que acompanhou a exibição conhecimento sobre a obra ‘Cazuza’ de Viriato Corrêa, e as devidas conexões que a narrativa faz com a cultura infantil vivenciada pelas personagens, no início do século XX.

A exposição também conseguiu retratar, em forma de texto e imagem, o contexto histórico e social por que o Maranhão passava no período, mostrando, por meio das

imagens, os tipos de parâmetros educacionais que eram vividos no início do século XX. A exposição do produto nos centros educacionais ocasionou esse tipo de reflexão para alguns dos visitantes da exibição.

O objetivo da exibição era despertar esse tipo de pensamento em alunos, professores e os outros visitantes da exposição, além de também apresentar, por meio da produção de sentido, contida no discurso do livro, o conjunto enunciativo que embasava a educação da época do menino Cazusa, imerso em uma cultura infantil e em práticas educativas próprias daquele período histórico-social.

Analisando todo o percurso de exposição do produto, podemos observar que a mostra alcançou o seu objetivo, suscitando curiosidade sobre a obra e instigando os visitantes a analisar o livro de Viriato Corrêa com um olhar mais investigador, passando a conhecer, por meio dele, a história educacional do nosso estado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura infantil representada no livro de Viriato Corrêa pelas personagens Cazuza e seus colegas de escola, no início do século XX, mostra as representações infantis do período e como elas eram vivenciadas no âmbito educacional. A escola era uma forma de crescimento, pois era como se fosse uma passagem da vida infantil para a vida adulta. Na obra de Viriato Corrêa, em cada estágio educacional, a personagem se depara com culturas infantis e práticas pedagógicas diferenciadas, retratando o contexto histórico vivenciado, mostrando, por meio da produção de sentido, a dificuldade que alunos e docentes tinham no decurso do processo de ensino e aprendizagem, já que as escolas ainda estavam caminhando em seu processo educacional.

Os professores, em sua maioria, não tinham um preparo adequado para o ensino, principalmente os docentes das áreas rurais maranhenses, eles eram mal remunerados e não recebiam formação, ocasionando um ensino que não gerava muito rendimento nas crianças, pois elas tinham medo dos seus professores e acabavam se distanciando da escola, o que fica registrado nos muitos relatos narrativos do trecho, pela voz do menino Cazuza, em especial, no primeiro estágio da sua formação (a escola do Povoado).

A produção de sentido analisada na obra mostra a cultura infantil em meio às várias práticas pedagógicas docentes, vividas por Cazuza e seus amigos no contexto da obra, sendo analisada por meio da Análise do Discurso da linha francesa. Por meio dessa teoria-metodologia, foi analisada a construção discursiva do texto, ficando o foco principal da análise concentrado em três elementos-chave: a formação ideológica, a formação discursiva e o interdiscurso.

A presente pesquisa utilizou, como teoria-metodologia, a Análise do Discurso francesa, a partir da qual se buscou analisar a narrativa da personagem Cazuza sobre o âmbito educacional, pois a linguagem no discurso é um modo de produção social, que ocasiona uma conversação entre o processo ideológico e os fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 2021). Conforme pontua Foucault (1970), o discurso é conforme um ritual, quando é pronunciado por quem é de direito, como o discurso pronunciado da justiça, ou aquele que profetiza o futuro.

As vozes das crianças eram ocultadas no âmbito educacional, no início do século XX, mas no livro Cazuza elas passam a ser registradas, principalmente por meio do protagonista da obra, o menino Cazuza, que narra os três ambientes educacionais em que ele viveu: a escola do Povoado, a escola da Vila e a escola da Capital.

Pôde-se perceber, na análise da produção de sentido da obra, relações interdiscursivas com autores que estudam sobre educação, infância e cultura infantil, o que reforça o discurso da personagem Cazuzu sobre a cultura infantil vivida, em meio às práticas pedagógicas docentes, no seu ambiente educacional.

Em relação aos saberes docentes que a personagem Cazuzu vivenciou, foi possível observar, nas narrativas de Cazuzu, a diferença entre os métodos didáticos dos docentes do Povoado, da Vila e da Cidade, suscitando que o ideal de infância para a cultura da época no meio educacional seria padronizar as crianças como se fossem adultos em miniatura, ocasionado a rejeição das mesmas do âmbito educacional. De acordo com Lahire (1997), os comportamentos, personalidades e ações das crianças se tornam incompreendidos fora do cerco social do qual elas fazem parte.

O livro ‘Cazuzu’ menciona, em seu discurso, a realidade educacional da criança, quando descreve a escola do povoado, onde as práticas educacionais eram envoltas em castigos, autoritarismo e desestímulo para à aprendizagem.

Essa realidade tem uma mudança com a ida do menino para a escola da Vila, na qual o perfil docente muda a partir de uma melhor formação da professora, que estudou na capital do estado, e na sua forma de tratar os alunos, substituindo o castigo físico pela delicadeza e o convencimento.

Já na escola de São Luís, para onde Cazuzu vai a fim de terminar o seu ciclo básico de educação, percebe-se uma mudança educacional, representada pela diversidade de perfis docentes, principalmente, além da mais forte presença de situações de desigualdade social que ele passa a vivenciar.

Entretanto, discursivamente, a personagem aponta um fio condutor entre os três níveis educacionais que experimenta e que descreve na sua narrativa, representado por aspectos como: a) o academicismo no processo de ensino e aprendizagem; b) o papel central do professor no domínio do conteúdo, com a manutenção da sua autoridade – quer por meio dos castigos físicos, da palmatória e da imposição de situações vexatórias aos alunos como repreensão (como no caso das orelhas de burro) quer por meio da admoestação na forma de contação de uma fábula, como fazia a professora na escola da Vila quer ainda por meio da imposição de autoridade na forma de sabedoria, como no caso do professor João Cândia, da escola da Capital; c) as diferenças sociais e as injustiças que se efetivavam no ambiente escolar, o que se faz perceber, na obra, com mais detalhes à proporção que o menino Cazuzu muda de ambiente escolar.

É possível observar, analisando-se as pesquisas sobre cultura infantil e os estudos referentes às práticas docentes, que ambos têm como base o mesmo discurso, ou seja, as vozes silenciadas dos menos favorecidos, que no caso eram as crianças e os que não tinham recursos para continuar os seus estudos, por não fazerem parte de famílias abastadas.

O discurso é analisado por meio das vozes das crianças, em seu ambiente escolar, e da sua concepção de mundo, tendo o docente um importante papel para o desenvolvimento histórico-cultural dessas mesmas crianças. Como é ressaltado na obra de Viriato Corrêa, era necessário que os docentes recebessem uma boa formação, para que acontecesse uma formação de qualidade no período em que ‘Cazuza’ narra a sua trajetória escolar.

Os grupos escolares no Maranhão no século XX seguiam uma organização que tinha como objetivo o desenvolvimento das crianças, no entanto, devido à falta de estrutura dos prédios e de qualificação para os professores, o ensino tornava-se enfadonho, levando os alunos a se afastarem do meio escolar; o livro ‘Cazuza’ menciona essa realidade em seu discurso, quando descreve a escola do Povoado. No entanto, as diferenças sociais também eram barreira para a continuidade dos estudos, pois o preconceito financeiro acontecia tanto na realidade dos discentes quanto na dos professores, já que os professores do sexo masculino tinham uma remuneração maior que a das professoras.

O meio educacional no Maranhão, como é visto na narrativa da personagem Cazuza, assim como em outros estados, passou por dificuldades, devido à falta de investimento e qualificação dos professores, passando a cultura infantil do período a ser mal compreendida, tanto por alguns professores como por alunos.

Hoje, muitas décadas à frente do período em que foi escrita a obra ‘Cazuza’, ainda podemos observar semelhanças do sistema educacional vivenciado pela personagem, sendo percebido que o livro de Viriato Corrêa ainda tem um contexto histórico que se coaduna com o nosso, pois as formações ideológicas e discursivas vivenciadas pelas personagens ainda são vigentes nos dias de hoje, causado o silenciamento dos menos afortunados.

Com base nas análises das pesquisas bibliográficas e documentais e com a utilização da metodologia da Análise do Discurso da linha francesa, foi possível analisar a produção de sentido do livro ‘Cazuza’, compreendendo como a cultura infantil acontecia no ambiente escolar e social, que envolvia a personagem e seus amigos, sendo observado o contexto histórico e social, em que se dava o enredo da obra.

O Maranhão é o cenário da obra, pois por meio do escrito, é possível compreender o contexto educacional e social do período, no estado, sendo enfocada a fase de uma transição

do período imperial para o período republicano e os conflitos econômicos que o estado vivenciava por conta dessa conjuntura.

Ter educação em um estado que ainda engatilhava, em meio a tantas subversões, não era um privilégio para todos; a personagem Cazuza teve a oportunidade de passar pelos três processos educacionais, por ser de família abastada, porém muitos dos seus colegas mal conseguiram aprender a assinar o seu nome. Então, por meio da produção de sentido, podemos observar que a educação escolar não era para todos, devido à falta de recursos que era visto na maioria da população da época.

O ambiente cultural das crianças é muito refletido na obra, sendo deixado transparecer como a cultura infantil era silenciada, a partir da aplicação de um método de ensino comum no período, devido à falta de preparo dos educadores, pois o seu saber-ser e saber-fazer eram baseados no ensino que eles receberam e tinham como adequado.

A formação ideológica que a narrativa deixa entrever como forjadora de algumas personagens comprova que esse lado cultural-educacional do período imperial ainda estava bem enraizado na população do período, ressaltando aspectos como: a valorização da disciplina rígida para a eficácia do ensino; a aplicação de castigos físicos como correção de caráter e técnica de aprendizado; a desvalorização do estudo em comparação ao trabalho manual; a meritocracia como mecanismo de separação social e sucesso na vida adulta.

Percebe-se que o meio educacional no Maranhão, como é visto na narrativa da personagem Cazuza, assim como em outros estados, refletia as dificuldades próprias do contexto social, o que se verifica a partir das formações discursivas que se dispersavam pelo início do século XX.

8. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	SEMESTRES (2023)	
	1º	2º
Embasamento teórico		
Qualificação dos capítulos teóricos		
Análise do documento literário		
Análise bibliográfica		
Projeto de intervenção		
Elaboração do relatório final		
Defesa final		

REFERÊNCIAS

1. Documento textual

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. 43 ed. São Paulo: IBEP, 2011.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. 37 ed. São Paulo: IBEP, 1992.

2. Obras de Orientação Teórico-metodológica

ALMADA, Francisco de Assis Carvalho. Infância e educação: Território da Escola de Vigotsk. In: ALMADA, Francisco de Assis Carvalho (org.) **A Escola de Vigotski e a Humanização do Sujeito Histórico: dialogando coma formação de professores**. São Luís: Editora UEMA, 2018.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ALVES, Regysane Botelho Cutrim. **A Representação de Crianças na Publicidade Televisiva: uma análise crítico-discursiva de comerciais**. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília, 2017.

ALVES, Antônio Sousa; SILVA, Auricelia de Aguiar. Violência domestica contra crianças e implicações para o desenvolvimento humano: Uma percepção de dentro do curso de pedagogia. In: ALMADA, Francisco de Assis Carvalho (org.) **A Escola de Vigotsky e a Humanização do Sujeito Histórico: dialogando coma formação de professores**. São Luís: Editora UEMA, 2018.

ANDRADE, Beatriz Martins de. **O Discurso Educacional do Maranhão na Primeira República**. São Luís- MA: UFMA, 1984.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.

ARANTES, Poliana Coeli Costa; DEUSDARÁ, Bruno. **Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, 2017.

ARAUJO, Inês Lacerda. Formação Discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**, 2011.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARONAS, Roberto Leiser. **Efeito de Sentido de Pertencimento à Análise de Discurso**. Disponível: [https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/Robert oLeiserBaronas.pdf](https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/Robert%20LeiserBaronas.pdf). São Paulo, 2005. Acesso em 27 dez. 2021. P 1-14.

BOTH, Ilaine Inês; BISSOLI, Michelle de Freitas. **Formação docente e trabalho educativo na educação infantil: algumas reflexões**. Artigo, 2020. Disponível: Periódico Capes. Acesso em 28 de fev. 2022.

BOTH, Sergio José; ARAÚJO, José Carlos Souza. **A educação comparada: um contexto da escola primária no período de 1889 a 1930 em Maranhão, Minas Gerais e Mato Grosso a partir das mensagens de Estado**. Artigo, 2016. Disponível: Periódico Capes. Acesso em 28 de fev. 2022.

BUCKINGHAM, D. **Creceer en la era de los medios electrónicos: tras la muerte de la infancia**. Madrid: Morata; Fundación Paideia, 2002.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução de Gika Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [2000]

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Editor, LTDA, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. P.7-125.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analizando o discurso**. 1995. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf. Acesso em: 28 de Dez. de 2021.

BRASIL, Art. 5º Coleção de Leis do Império do Brasil , Lei de 15 de Outubro de 1827. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: Registrada a fl. 180 do livro 4º de registro de cartas, leis e alvarás, Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1827, página 71 Vol. 1 .

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. Linguagem - Estudos e Pesquisas, Vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan/jun 2011, 2011 by UFG/Campus Catalão - doi: 10.5216/lep.v15i1.25149

- CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira. Infâncias e Crianças: a construção de uma “inversão”. In: MELO, José Carlos; CHAHINI, Thelma Helena Costa (org.) **Educação Infantil: Entrelaçamento dos saberes**. São Luís: EDUFMA, 2017.
- CASTELLANOS, Samuel Luis Velazquez. **O Livro Escolar no Maranhão Império 1822-1889**. São Luís: EDUFMA, 2017.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, vozes, 2008, pag. 295-316.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. **We're friends, right?**. Washington, D.C.: Joseph Henry Press, 2003.
- CORSARO, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Educação, Sociedade e Cultura, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.
- COSTA, Helena (org.) **Educação Infantil: entrelaçamento dos saberes**. São Luís: EDUFMA, 2017.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. **Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista**. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História Social da Criança no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 55-83.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-Jose. **Um outro mundo: a infância**. Tradução de Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- CRUZ, Paula Lorena C. Albano da; STAMATTO, Maria Inês S. **Na grande pátria, nossa tão amada, o culto que lhe devemos: O ensino de História no grupo escolar Barão de Mipibu-RN (1909-1920)**. Artigo, 2018. Disponível: Periódico Capes. Acesso em 28 de fev. 2022.
- DEL PRIORE, Mary. Apresentação. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História Social da Criança no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2016a [1999]. p. 07-17.
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A periodização do desenvolvimento Psicológico individual na perspectiva de Leontiev, elkonin e vigostski**. Campinas: Cad. Cedes, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história ora**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2008.

- FERNANDES, F. As trocinhas do Bom Retiro. In: _____. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1970.
- FRANCO, M. A. R. S. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/?lang=pt>. Acesso em 28 de abr. 2022.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção educação contemporânea).
- Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GUBA, E.G; LINCOLN, Y.S. **Effective Evaluation**. São Francisco, Jossey-Bass, 1981.
- GHEDIN, E. **Professor reflexivo: da autonomia da técnica à autonomia da crítica**. In: GRANJEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação Discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Pedro e João editores. São Paulo, 2007.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 1995. P.13-21.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pecheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2 edição. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise Formação discursiva, rede de memória e trajetos sociais de sentido: Mídia e produção de identidade. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Pedro e João editores. São Paulo, 2007
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A Semântica e o corte saussuriano: Língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Pedro e João editores. São Paulo, 2007.
- HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.
- JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001.

- LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petropolis- RJ: Vozes, 2007
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013
- MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MATOS, Marcos Fábio Belo. Quem fala, quem cala: a produção de sentido sobre a implantação da fábrica Suzano Papel e Celulose em Imperatriz, no Jornal “ O PROGRESSO”. In: CARVALHO, Conceição Belfort, et al (org.). **Discursos, Espaços e Subjetividades**. São Luís: EDUFMA, 2020. Pag. 55-72.
- MATOS, Marcos Fábio Belo. **Ecos da Modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2016. Pag. 93-112.
- MATTIAZZO-CARDIA, Elizabeth. **Ensaio de uma Didática da Matemática com fundamentos na Pedagogia Histórico-Crítica utilizando o tema Seguridade Social como eixo estruturador**. 2009. 412 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.
- MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, Kester. Introdução á psicologia da educação: seis abordagens. Campinas: Avercamp, 2004. p.135-155.
- MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p. 133-165.
- NARZETTI, Claudiana. As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70. **RevLet – Revista Virtual de Letras**. Volume 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125.
- NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. **A criança visível**. In: Revista Educação. São Paulo: Editora Segmento, v.2 – Educação e Psicologia, 2009.
- PEREIRA, Meira Chaves. **Cultura, Infância, Criança E Cultura Infantil: Alguns Conceitos**. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 15, n. 1, p. 38-49, maio, 2013.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org). **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e critica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PIOVEZANI, Carlos, SILVEIRA, Allice Toledo Lima da. **O valor de Saussure para os estudos do discurso**. Revista Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 1066-1086, set.-dez. 2017.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2012 [1982]
- PUZIREI, A.A. **Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, 2000
- QUADROS. Mara Rachel Souza de. **Introdução de Crianças negras nas Escolas de primeiras Letras no Maranhão Imperial**. EDUFMA. São Luís, 2020.

- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil. In: FARIAS, Ana Lucia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri ; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma Cultura da Infância**: metodologia de pesquisa com crianças. 3 edição. Campinas- SP: Autores Associados, 2009.
- SARGENTINI, Vanice, NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (org.) **Michel Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.
- SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 12, n. 21, 2003.
- SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: _____. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2003. p. 09-34
- SAVIANI, Dermeval. Função do Ensino de Filosofia da Educação e de História da Educação. In: SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 17. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. Cap. 2, pag. 31-41.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- SILVA, Diana Rocha Da. **A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão (1903-1920)**. São Luís- MA: Editora UEMA, 2015.
- SILVA, Maria da Guia Taveiro; SOUSA, Samuel Rolin Carvalho. Organização da educação infantil: Desafios Pedagógicos e institucionais. In: ALMADA, Francisco de Assis Carvalho (org.). **A Escola de Vigotski e a Humanização do Sujeito Histórico**: dialogando com a formação de professores. São Luís: Editora UEMA, 2018.
- SILVA, Marta Regina Paulo da. **Os círculos na educação Infantil**: construindo práticas pedagógicas dialógicas. Artigo, 2019. Disponível: Periódico Capes. Acesso em 28 de fev. 2022.
- SILVA, Maria da Guia Taveiro; SOUSA, Samuel Rolin Carvalho. Organização da educação infantil: Desafios Pedagógicos e institucionais. In: ALMADA, Francisco de Assis Carvalho (org.) **A Escola de Vigotski e a Humanização do Sujeito Histórico**: dialogando coma formação de professores. São Luís: Editora UEMA, 2018.
- SOUSA, Ana Keyla Lima; CATUNDA, Paulo Henrique Aragão. Neoliberalismo e Educação Escolar: em questão, o processo de humanização do sujeito histórico . In: ALMADA, Francisco de Assis Carvalho (org.) **A Escola de Vigotsky e a Humanização do Sujeito Histórico**: dialogando coma formação de professores. São Luís: Editora UEMA, 2018.
- SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica**: Princípios e Fundamentos. Cadernos da Fucamp, 2001.

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: **Saberes docentes e formação profissional**. São Paulo: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem no trabalho do magistério**. Educar e sociedade. Sec. XXI, nº 73, Dez, 2000.

TENREIRO, Maria Odete Vieira; KOSCIURETSKO, Amélia. Trabalho pedagógico na **educação infantil**: As vozes das professoras. In: MELO, José Carlos; CHAHINI, Thelma Helena Costa (org.) Educação Infantil: entrelaçamento dos saberes. São Luís: EDUFMA, 2017.

TUMELERO, Naína. **Pesquisa bibliográfica**: material completo com 5 dicas fundamentais. Disponível: <https://mettzer.com/pesquisa-bibliografica/>. 2019. Acesso em 01 de dez de 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VEIGA, Renata; FERREIRA, Manuela. **Entre as praticas pedagógicas e as culturas infantis**: Contributo para a compreensão da participação das crianças em um jardim de infância. Artigo, 2017. Disponível: Periódico Capes. Acesso em 28 de fev. 2022.

VECHIA, Ariclê. **Examinai tudo e retende o que é bom: o manual “Fundamentos da Educação” de Amaral Fontoura**. Cadernos de História da Educação, jan.-abr. 2018.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Infância**: um dos nomes da não razão. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

ZANETTE, Marcos Suel. **Pesquisa Qualitativa no contexto da Educação no Brasil**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n.65, p.149-166, jul/set.2017.

APÊNDICE 01 - PRODUTO PRÁTICO: A EXPOSIÇÃO ITINERANTE NAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES PÚBLICAS - BANNERS

APRESENTAÇÃO DA OBRA



O livro 'Cazuza', de Viriato Correa, que foi publicado pela primeira vez em 1938, tem uma temporalidade referente ao final do século XIX e início do século XX. O livro é uma autobiografia do maranhense Viriato Correa, a qual tem como espacialidade e contexto o nordeste brasileiro.

'Cazuza' se divide em três partes: na primeira parte, o autor expõe o seu discurso sobre a escola tradicional, na qual acontecia uma repressão da cultura infantil e das suas representações sociais, pois a motivação que levou Cazuza, a personagem principal do livro, a frequentar a escola foi o fato de que iria começar a usar calças de meninos, ou seja, entrar na escola proporcionava uma mudança de *status*, por colocar a criança que frequentava a escola em uma posição diferenciada da criança que não ia à escola, começando pelo guarda-roupa que se tornava diferenciado.

Na segunda parte da obra, o ensino já saía mais dos parâmetros tradicionais, passando a ser mais valorizado, começando a surgir entre as crianças questionamentos relacionados à diferença de classes sociais.

E, na terceira parte, a educação é voltada para o positivismo, momento em que nosso protagonista irá compreender aspectos como: a igualdade do ser humano, o patriotismo, a importância do trabalho e do papel de etnias diferentes no seu meio social.

Apesar de o livro 'Cazuza', de Viriato Correa, ter sido publicado no ano de 1938 e ser a representação da vida do autor, essa obra tem um grande impacto na cultura infantil da atualidade, pois expõe as diferenças sociais, que se tornam um obstáculo para muitos alunos e professores no ambiente escolar.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O tema 'Cultura infantil' é pouco abordado no meio acadêmico, ainda mais com uma perspectiva pedagógica. Na atualidade, a cultura infantil está em processo de mudanças e formação, impondo às crianças buscarem outro estilo de roupas, formas de linguagem, hábitos alimentares para se sentirem inseridas no meio socioeducacional que as rodeia, pois não há sociedade sem práticas pedagógicas e nem práticas educativas sem a sociedade.

Entendendo a necessidade de se ampliar o escopo teórico desta área, esta pesquisa tem como objetivo compreender como a cultura infantil é formada em meio aos saberes docentes, especificamente, os vividos pela personagem Cazuzza no início do século XX, salientando a produção de sentidos sobre a cultura infantil no livro 'Cazuzza', de Viriato Correa.

No que concerne a este estudo propriamente dito, ele apresenta como título "A produção de Sentidos sobre a cultura Infantil e a Representação professor/Aluno no Livro 'Cazuzza' no início do século XX", sendo construído a partir da seguinte problemática: Como a cultura infantil, em meio às práticas pedagógicas, é construída discursivamente, no meio educacional?

A análise da obra escolhida e as informações disponíveis em suportes teóricos nos fazem suscitar os seguintes conjuntos de questões norteadoras: Como

as representações socioeducativas contribuem para a formação da cultura infantil e a representação professor/aluno no livro 'Cazuzza', no início do século XX? Como se caracteriza a cultura infantil, a partir do comportamento das personagens, considerando o momento histórico do país no início do século XX? Como se dá a representação da realidade socioeducativa pelo discurso da personagem 'Cazuzza', em termos de cultura infantil, como prática social e ideológica que se manifesta discursivamente através de categorias linguísticas e discursivas na narrativa?

A área de concentração à qual a pesquisa está vinculada é a cultural, tendo como domínio a Cultura Infantil. A pesquisa foi efetivada em diálogos com a sociologia, a história e a linguística (esta por meio da análise de discursos de linha francesa), além da pedagogia, já implícita nesta investigação.

A ideia da pesquisa é analisar a cultura infantil vivenciada pela personagem Cazuzza, em meio à produção de sentido da obra de Viriato Corrêa, que será realizada por meio da Análise do Discurso da linha francesa.



A ESCOLA DO POVOADO

Minha mãe prometia frequentemente: - Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos. E, por amor às calças, comecei a mostrar amor aos livros. O segundo motivo é que o primeiro contato que tive com uma escola foi através de uma festa. E ficou-me na cabeça a ideia de que a escola era um lugar de alegria (CORRÊA, 2011, p.14).



Este trecho do livro mostra a cultura infantil vivida pelo menino Cazuzo, pois a escola é como uma passagem social, em que Cazuzo troca os vestidinhos pelas calças.

A ESCOLA DO POVOADO

Escola, realmente, não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia. Escola devia ser um lugar agradável, cheio de atrativos, de encantos, de beleza, de alegria, de tudo que recreasse e satisfizesse o espírito (CORRÊA, 2011, p.33).



As práticas pedagógicas adotadas pelo professor do povoado eram rigorosas e baseadas em castigos físicos, tendo como ferramenta de ensino a palmatória. A cultura infantil das crianças era silenciada, ocultando as suas vozes em meio a uma educação autoritária.

A ESCOLA DA VILA

Quando chegamos à vila, já haviam acabado as férias. Durante os quinze dias em que fiquei em casa curando-me das febres, eu via, da janela, as crianças passarem em grandes bandos, à hora em que terminavam as aulas. A vontade de ficar bom para misturar-me com aquela meninada alegre apressou a minha cura. A escola funcionava num velho casarão de vastas salas, que devia ter mais de meio século (CORRÊA, 2011, p.88 e 89).



Na escola da vila a cultura infantil, vivenciada no ambiente escolar, era mais representada na obra de Viriato Corrêa, as crianças tinham uma aprendizagem que não era voltada para castigos físicos. As brincadeiras e discórdias que aconteciam entre os alunos eram sanadas com contos de fábulas.

A ESCOLA DA VILA

Não ralhava nunca. Apenas nos olhava com aqueles olhos grandes e serenos. Bastava aquilo para que nos sentíssemos arrependidos e envergonhados. Mas, quando a falta era grande, além do olhar, ela nos contava uma história. Quase sempre uma fábula ou um apólogo, com um fundo moral que mostrava o erro cometido (CORRÊA, 2011, p.91).



A escola da Vila funcionava em casarões velhos, assim como a maioria das escolas maranhenses no início do século XX. Os professores eram mal remunerados, devido a isso alguns professores não tinham preparo e nem recurso para o ensino e aprendizagem, mas, como mostra o trecho do livro, as professoras da Vila de Coroatá tinham uma forma doce de estimular os alunos em sua aprendizagem, utilizando como ensino a cultura infantil que eles traziam para o meio educacional.

A ESCOLA DA CIDADE

O Colégio Timbira ficava no Largo do Palácio, num velho sobrado de azulejos, com a frente voltada para o mar. Era um casarão imenso, de escadaria afidalgada, com muitas janelas, muitas salas e muitos quartos (CORRÊA, 2011, p.167).



Na escola da cidade, a personagem Cazuzza se depara com representações sociais diferentes, notando a diferença no meio cultural que é representado por Viriato em cada etapa do livro. A cultura infantil vivenciada por Cazuzza e seus colegas está em construção, sendo trabalhada em diferentes formas em cada meio educacional por que a personagem passou.

A ESCOLA DA CIDADE

Havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros. Deles todos o mais curioso era o João Cância. Tipo feio, magro, míope, compridão, esquisitão. Morava no próprio colégio, num quartinho atulhado de livros (CORRÊA, 2011, p.168).



No início do século XX, nem todas as crianças conseguiam concluir os seus estudos, a personagem Cazuza era de família abastada, por isso ele conseguiu ir estudar na Capital. Como mostra o trecho do livro de Viriato Corrêa, as práticas docentes eram diferenciadas, cada professor tinha o seu modo de ensinar.

CONCLUSÃO

A cultura infantil representada no livro de Viriato Corrêa, pelas personagens Cazuzo e seus colegas de escola no início do século XX, mostra as representações infantis do período e como elas eram vivenciadas no âmbito educacional. A escola era uma forma de crescimento, pois era como se fosse uma passagem da vida infantil para a vida adulta.

Na obra de Viriato Corrêa, em cada estágio educacional, a personagem se depara com culturas infantis e práticas pedagógicas diferenciadas, retratando o contexto Histórico vivenciado no início do século XX, mostrando, por meio da produção de sentido, a dificuldade que alunos e docentes tinham durante o ensino e aprendiza-

gem, já que as escolas ainda estavam caminhando em seu processo educacional.

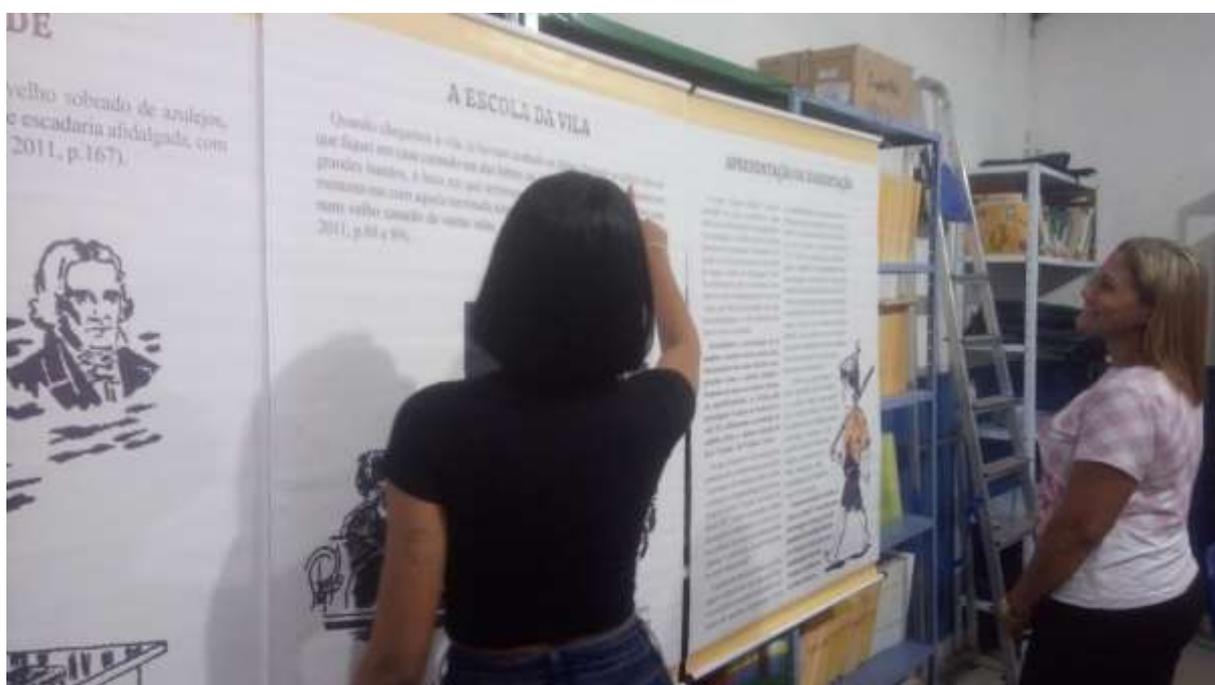
Os professores em sua maioria não tinham um preparo adequado para o ensino, principalmente os docentes das áreas rurais maranhenses, eles eram mal remunerados e não recebiam formação, ocasionando um ensino que não gerava muito rendimento nas crianças, pois elas tinham medo dos seus professores e acabavam se distanciando da escola.

A produção de sentido analisada na obra mostra a cultura infantil em meio às várias práticas pedagógicas docentes, vivida por Cazuzo e seus amigos no contexto da obra, sendo analisada por meio da Análise do discurso da linha francesa.



APÊNDICE 02 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA EXPOSIÇÃO ITINERANTE

- FOTOS DA EXPOSIÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL RAIMUNDO CORRÊA





- FOTOS DA EXPOSIÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO - UEMASUL









- FOTOS DA EXPOSIÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

